

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**NOS RASTROS DOS ÍNDIOS DO SUDESTE DO PIAUÍ:
A arqueologia como instrumento de visibilidade histórica**

Loriane Rocha Alves Gusmão

**Teresina
2017**

LORIANE ROCHA ALVES GUSMÃO

NOS RASTROS DOS ÍNDIOS DO SUDESTE DO PIAUÍ:
A arqueologia como instrumento de visibilidade histórica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí como parte dos requisitos para a obtenção para o título de Mestre em Arqueologia

Orientadora: Jóina Freitas Borges

TERESINA
2017

Ficha catalográfica (espaço destinado)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUEOLOGIA**

*Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
Ininga
Teresina, Piauí, Brasil CEP 64049-550*



**Nos rastros dos índios do sudeste do Piauí: a arqueologia como
instrumento de visibilidade histórica**

Loriane Rocha Alves

Dissertação defendida às __ do dia __ de abril de 2017, no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí perante a banca examinadora constituída pelos professores:

Jóina Freitas Borges

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Ângelo Alves Corrêa

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Sônia Maria Campelo Magalhães

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Gisele Daltrini Felice

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

Celito Kesting

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

À Dra. Niède Guidon, pelos incansáveis esforços para a promoção do conhecimento e desenvolvimento de pesquisas arqueológicas no Piauí.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me oferecer todos os recursos necessários para alcançar meus objetivos.

A meus pais, base de toda minha formação pessoal e acadêmica.

A minha irmã, por juntamente com suas filhas Maitê e Celina me proporcionarem momentos maravilhosos de distração nessa jornada tão árdua.

A meu noivo Paulo Maurício, pelo infinito apoio para meu crescimento profissional além do generoso amor, paciência e otimismo (sempre).

A Dra. Niède Guidon, por promover pesquisas arqueológicas no Parque Nacional Serra da Capivara e oferecer oportunidades de crescimento para todos de São Raimundo Nonato e região.

A minha amiga Gisele Daltrini por acreditar em meu potencial e me auxiliar em absolutamente todas as minhas decisões.

A todos os funcionários da FUMDHAM, instituição que carrego em meu coração.

A minha orientadora Jóina Borges, por todas as contribuições que enriqueceram minha pesquisa e a mim, enquanto profissional.

A todos os professores da UNIVASF, instituição em que me graduei. Em especial para Celito, Mauro e Fátima.

Ao CNPq, por financiar a pesquisa.

A todos os professores e funcionários da UFPI, sempre dispostos a ajudar.

A todas as amigas que conquistei ao longo desses anos na arqueologia.

RESUMO

O Parque Nacional Serra da Capivara carrega consigo mais de cinquenta séculos de história do homem e por isso, oportuniza a realização de pesquisas sobre períodos diversos. Localizado no interior do Parque, o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos é uma parcela dos mais de 1300 sítios que compõem o enclave arqueológico Parque Nacional Serra da Capivara. Ele pode ajudar na elucidação de questões sobre o homem, o meio ambiente e social. Pela materialidade evidenciada no sítio, pela comunidade que se faz presente nos dias atuais e pelas histórias que narram, é possível levantar inferências acerca da presença indígena e sua continuidade na região. De acordo com suas novas configurações, teóricas e pressupostos que rompem com paradigmas da cultura indígena estática, consideram-se as misturas e adaptações como estratégias de sobrevivência dos indígenas na região.

Palavras-chave: Arqueologia. História indígena. Vestígio histórico. Visibilidade.

ABSTRACT

The *Serra da Capivara* National Park carries with it more than fifty centuries of human history, and so make it possible to research on various periods. Located inside the Park, the archaeological site *Toca da Baixa dos Caboclos* it is part of the more than 1300 sites that make up the archaeological enclave of *Serra da Capivara* National Park and that can help elucidate questions about man, environment, and social. By the materiality evidenced on the site, by the community that is present today and by the stories that tell, it is possible to make inferences about the indigenous presence and continuity in the region. According to new theoretical settings, and presuppositions that break with paradigms of a static indigenous culture, it considers mixtures, adaptations like strategies for the survival of indigenous people in the region.

Key words: Archeology. Indigenous history. Historical vestige. Visibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Localização do Parque Nacional Serra da Capivara	34
Imagem 2- Mapa da Trilha Histórica da Jurubeba	37
Imagem 3- Vista geral do sítio Brejo de São João e seus respectivos setores	38
Imagem 4- Vista geral do sítio Casa do Avô do Senhor Nivaldo	39
Imagem 5- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio do Meio.....	42
Imagem 6- Vista geral do Sítio do Meio.....	43
Imagem 7- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Buraco do Pajeú.....	46
Imagem 8- Vista geral do sítio Toca do Buraco do Pajeú.....	46
Imagem 9- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Pitombi	48
Imagem 10- Vista geral do sítio Toca do Pitombi	49
Imagem 11- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Baixão da Pedra Furada	51
Imagem 12- Vista geral do sítio Toca do Baixão da Pedra Furada.....	51
Imagem 13- Vista do contexto ambiental do sítio Baixão da Serra Nova	53
Imagem 14- Vista geral do sítio Baixão da Serra Nova	54
Imagem 15- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Pedra Solta da Serra Branca	56
Imagem 16- Vista geral do sítio Pedra Solta da Serra Branca.....	56
Imagem 17- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Estevo II	59
Imagem 18- Vista geral do sítio Toca do Estevo II	60
Imagem 19- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Lagoa do São Vítor	61
Imagem 20- Vista geral do sítio Lagoa do São Vítor	62
Imagem 21- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Serrote da Bastiana.....	63
Imagem 22- Vista geral do sítio Toca do Serrote da Bastiana.....	64
Imagem 23- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Gongo III.....	66
Imagem 24- Vista geral do sítio Toca do Gongo III.....	66

Imagem 25- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Canabrava	68
Imagem 26- Vista geral do sítio Canabrava	69
Imagem 27- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Toca do Tenente Luís	71
Imagem 28- Vista geral do sítio Toca do Tenente Luís	72
Imagem 29- Vista geral do contexto geomorfológico e ambiental do Sítio Aldeia do Carlos	75
Imagem 30- Vista geral do sítio Aldeia do Carlos	76
Imagem 31- Mapa dos sítios arqueológicos com datações entre 490 e 90 anos atrás no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno	79
Imagem 32- Localização do Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos	81
Imagem 33- Vista geral do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos	83
Imagem 34- Escavação em laboratório da Urna 1	91
Imagem 35- Urna 2 após escavação laboratorial	92
Imagem 36- Escavação em laboratório da urna 3	93
Imagem 37- Urnas 4 e 5	94
Imagem 38- Urnas 4 e 5, materiais evidenciados em escavação das urnas	94
Imagem 39- Urna 6 após escavação laboratorial	95
Imagem 40- Esqueleto da Urna 7 evidenciado em escavação laboratorial	96
Imagem 41- Esqueleto da Urna 8 evidenciado em escavação laboratorial	97
Imagem 42- Esqueleto da Urna 8 evidenciado em escavação laboratorial, detalhes das fibras capilares	97
Imagem 43- Esqueleto da Urna 9 evidenciado em escavação laboratorial	98
Imagem 44- Material proveniente de escavação arqueológica, fragmentos cerâmicos colados em laboratório, reconstituindo um vasilhame cerâmico	99
Imagem 45- Material proveniente de escavação arqueológica, fragmentos cerâmicos colados em laboratório, reconstituindo um vasilhame cerâmico	99
Imagem 46- Pinturas rupestres do sítio	100
Imagem 47- Pinturas rupestres do sítio	100
Imagem 48- Mapa dos povos indígenas do Sudeste do Piauí	115
Imagem 49- O pequeno Tainan no cenário das pinturas rupestres do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos	120
Imagem 50- A filha mais nova de Mauro, neta de Genésio e Isidória	121
Imagem 51- Léinha no sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -Relação dos sítios arqueológicos com datações entre 490 e 90 anos atrás .	78
Tabela 3 -Datações do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos	82
Tabela 2 -Quantificação dos materiais encontrados no sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.....	101
Tabela 4 -Tabela expositiva dos dados dos sítios arqueológicos com antiguidade em até 500 anos atrás.....	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	PELA PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DOS ÍNDIOS NO PIAUÍ.....	20
2.1	Quebrando paradigmas	20
2.2	Arqueologia e história indígena no sudeste do Piauí	24
2.2.1	Pesquisas arqueológicas.....	25
2.2.2	História e historiografia Piauiense	27
2..2.3	Outros documentos: vozes sertanejas	31
3	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA NO RECORTE TEMPORAL COLONIAL	35
3.1	Sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara com datações em até 500 anos de antiguidade.....	35
3.2	Sítio arqueológico Toca do Sítio do Meio: Localização e características do sítio	41
3.2.1	Vestígios arqueológicos	43
3.2.2	Campanhas e escavações arqueológicas.....	44
3.3	Sítio arqueológico Toca do Buraco do Pajeú: Localização e características do sítio	45
3.3.1	Vestígios arqueológicos	47
3.3.2	Campanhas e escavações arqueológicas.....	47
3.4	Sítio arqueológico Toca do Pitombi: Localização e características do sítio.	49
3.4.1	Vestígios arqueológicos	51
3.4.2	Campanhas e escavações arqueológicas.....	50
3.5	Sítio arqueológico Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada: Localização e características do sítio	50
3.5.1	Vestígios arqueológicos	52
3.5.2	Campanhas e escavações arqueológicas.....	52
3.6	Sítio arqueológico Baixão da Serra Nova: Localização e características do sítio	53
3.6.1	Vestígios arqueológicos	54
3.6.2	Campanhas e escavações arqueológicas.....	55
3.7	Sítio arqueológico Toca da Pedra Solta da Serra Branca: Localização e características do sítio	55
3.7.1	Vestígios arqueológicos	57

3.7.2 Campanhas e escavações arqueológicas	57
3.8 Sítio arqueológico Toca do Estevo II: Localização e características do sítio.....	58
3.8.1 Vestígios arqueológicos	58
3.8.2 Campanhas e escavações arqueológicas	60
3.9 Sítio arqueológico Lagoa do São Vítor: Localização e características do sítio.....	61
3.9.1 Vestígios arqueológicos	62
3.9.2 Campanhas e escavações arqueológicas	62
3.10 Sítio arqueológico Toca do Serrote da Bastiana: Localização e características do sítio	63
3.10.1 Vestígios arqueológicos	64
3.10.2 Campanhas e escavações arqueológicas	64
3.11 Sítio arqueológico Toca do Gongo III: Localização e características do sítio.....	65
3.11.1 Vestígios arqueológicos	67
3.11.2 Campanhas e escavações arqueológicas	67
3.12 Sítio arqueológico Canabrava: Localização e características do sítio.....	68
3.12.1 Vestígios arqueológicos	69
3.12.2 Campanhas e escavações arqueológicas	70
3.13 Sítio arqueológico Toca do Serrote Tenente Luís: Localização e características do sítio	71
3.13.1 Vestígios arqueológicos	72
3.13.2 Campanhas e escavações arqueológicas	73
3.14 Sítio arqueológico Aldeia do Carlos: Localização e características do sítio.....	74
3.14.1 Vestígios arqueológicos	75
3.14.2 Campanhas e escavações arqueológicas	75
3.15 Análise de dados.....	77
4 SÍTIO ARQUEOLÓGICO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS.....	80
4.1 A história do sítio	83
4.2 Histórico de pesquisas arqueológicas realizadas sobre o sítio Toca da Baixa dos Caboclos	85

4.2.1	Compilação de publicações feitas acerca do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.....	87
4.3	Escavação das urnas em laboratório	90
4.4	Materiais encontrados	98
4.4.1	Análise dos materiais cerâmicos	101
4.4.2	Datações obtidas.....	108
4.4.3	O perfil funerário do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos	109
5	POSSIBILIDADES DE ANÁLISE	113
5.1	A comunidade do entorno	118
5.2	A oralidade como fonte histórica e arqueológica.....	122
5.3	O trabalho em história oral.....	123
5.4	A representatividade do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos para a comunidade do entorno	129
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
	REFERENCIAS.....	132
	FONTES.....	138
	APÊNDICE.....	141

1 INTRODUÇÃO

Para a realização desta pesquisa, utilizaram-se conceitos interdisciplinares como recurso para atingir maior abrangência, do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos. Através de pesquisas realizadas sobre a materialidade e imaterialidade deste sítio arqueológico, pressupõe-se ser possível trabalhar aspectos da história indígena piauiense. O interesse em estudar história indígena piauiense parte da crítica à invisibilização do indígena no Brasil.

A Toca da Baixa dos Caboclos pertence ao enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara, no município de São João do Piauí. Este sítio, conta com uma materialidade expressiva de cerâmica indígena que remete ao período de contato com o colonizador.

O processo de invisibilização indígena teve início em 1500, com a chegada dos colonos para a exploração do território brasileiro. Ao se estabelecerem no Brasil, eles utilizavam a mão-de-obra escrava indígena e usufruíam dos recursos naturais da nação. O processo de exploração da mão-de-obra indígena e dos recursos naturais do território nacional sofreu forte resistência por parte dos nativos das terras brasileiras, de modo que existiram conflitos intensos e o processo de exploração não ocorreu de maneira tão fácil como se afirmou durante séculos.

Uma forte influência para o processo de invisibilização indígena foram as primeiras produções documentais acerca da história do Brasil. Elas foram feitas por aqueles que detinham o conhecimento da escrita, no caso os cronistas, padres e os exploradores que chegaram ao território brasileiro.

Com base nessa história, estabeleceu-se um equívoco do conceito de patriotismo. Os heróis eram os “colonizadores”, que chegavam e exploravam o território brasileiro, acumulando riquezas para seu país de origem, em detrimento daqueles que já estavam aqui, os indígenas.

Não bastasse a ideologia criada pelos primeiros relatos, ainda hoje, quando se fala de indígena no Brasil remete-se a um passado longínquo de povos que viviam nus, nas matas, plantando, colhendo e caçando. É muito difícil admitir e reconhecer que as sociedades indígenas, tais como a sociedade “dos brancos”, não é estática.

Comportamentos culturais e sociais foram abandonados ou aprimorados pelas sociedades ditas brancas e nem por isso elas deixaram de sê-los. Com os

indígenas a visão é diferente, talvez por ter sido cristalizada a imagem estática dos indígenas e de que por essa lógica não teriam acompanhado as mudanças no interior de sua sociedade e entre outros grupos sociais, tal como os brancos. Seja qual for o motivo desse entendimento, é preciso rever o caráter estático da sociedade indígena. Um modo de reverter esse quadro é pela ciência. Pelo entrelaçamento das informações obtidas na análise dos vestígios documentais, materiais e pressupõe-se ser possível perceber que os indígenas se fazem presentes em toda a história do Brasil.

Como tentativa para amenizar o problema da invisibilização indígena no Piauí, utiliza-se a interdisciplinaridade. Pela observação da materialidade verifica-se a presença indígena no território piauiense durante o período do contato e, sua permanência nos dias atuais. Parte-se do pressuposto de que os indígenas não são sociedades estáticas. Elas estão abertas a mudanças e adaptações a todo instante.

Para compreender como se deram as dinâmicas sociais no Sudeste do Piauí, no entorno da Toca da Baixa dos Caboclos há uma comunidade que preserva histórias contadas por seus antepassados sobre os materiais escavados que teriam sido depositados no sedimento do sítio por seus ancestrais. No período de contato entre o indígena e o colonizador, relacionam-se fragmentos da tradição oral com restos de artefatos do sítio arqueológico à materialidade do sítio, é interessante fazer um trabalho análogo.

Para atingir o objetivo que se propõe, verifica-se a materialidade encontrada no sítio. Observam-se analogias na forma e na técnica da cerâmica indígena para se identificar atributos culturais que comprovam contemporaneidade de grupos nativos com os colonizadores e sua permanência. Deste modo, a materialidade entra como uma forma de intermédio entre a tradição oral e o factual:

De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais. Em consequência, a Arqueologia não precisa mais ser definida como a disciplina que se ocupa dos artefatos, das coisas materiais e seu contexto (isto é, das manufaturas e das relações espaciais nas quais elas se apresentam), mas poderia ser recebida no convívio das demais ciências sociais. Em outras palavras, também a Arqueologia estuda os sistemas sócio-culturais, sua estrutura, seu funcionamento e seu comportamento ao longo do tempo, sua mudança (MENESES, 1984, p. 113).

Além do estudo sobre a materialidade que permite compreender as teias sociais, pode-se trabalhar com a esfera da arqueologia pública, que torna possível o acesso a uma maior gama de informações pela interação e inter-relação entre o pesquisador e a comunidade.

A arqueologia pública teve seu termo empregado pela primeira vez nos Estados Unidos que, estava passando por um intenso processo de urbanização, industrialização e também, vandalismo pelo comércio ilícito de bens arqueológicos, escavações feitas por amadores e baixa qualidade de trabalhos realizados pelos arqueólogos.

Charles McGimsey (1972) critica a destruição acelerada do patrimônio arqueológico que era resultado de uma administração pública incompetente e da falta de compromisso social por parte dos arqueólogos. Ele questionou o papel social da pesquisa científica. Segundo McGimsey (1972) a Arqueologia deveria buscar “reconstruir” a história do passado americano em benefício de toda a sociedade local. Deste modo, questões de preservação do patrimônio arqueológico deveriam pertencer ao domínio da arqueologia pública, uma vez que se situam na interface entre a arqueologia e a sociedade.

Unindo as observações de McGimsey ao contexto histórico e político dos Estados Unidos no final da década de 1960 e início de 1970, algumas leis foram aprimoradas¹ e outras estabelecidas² para a preservação do patrimônio. Essas leis definiam também, as competências e ética do arqueólogo em seu trabalho, observando a necessidade de interação destes profissionais com a sociedade, para intensificar a preservação proposta surgindo o domínio da Arqueologia Pública. (JAMESON, 2004, p. 26)

A Arqueologia que surgia neste contexto divergia da arqueologia tradicional que era estritamente indutiva, se apoiava no relativismo cultural e particularismo histórico. Como resultado, criava uma dicotomia entre a cultura material e a cultura não-material, limitando as possibilidades de conhecimento por basear seu estudo sobre as sociedades humanas em repetições de padrões sociais (JAMERSON, 2004, p. 37).

¹ Como a Lei Orgânica de do Serviço de Parques Nacionais de 1916 e Lei de Sítios Históricos de 1935.

² Lei de Preservação Histórica Nacional de 1966, Política Nacional de Meio Ambiente 1969, Decreto Lei 11593 - Proteção do Ambiente Cultural de 1971 e Lei de Preservação Histórica e Arqueológica de 1974.

Na metade da década de 1970, o Código de Regulamentações Federais (CRF) passou a discutir o trabalho da pesquisa arqueológica que deveria expandir-se à esfera cultural, compreendeu-se que, por trás dos vestígios arqueológicos existem informações importantes referentes à cultura e que sobre as pesquisas arqueológicas realizadas, fazia-se necessária uma apresentação ao público. Com esta nova percepção, a arqueologia aproximou-se de outras ciências como Educação, Museologia e Comunicação Social.

Nas décadas de 1980 e 1990 novos direcionamentos teóricos enfatizaram os aspectos políticos da Arqueologia (JAMESON, 2004). Emergia assim, a percepção da 'teoria crítica'. Esta abordagem questiona a dualidade que existe entre teoria e prática (práxis), acreditando que ambas devem ser imbricadas. Sobre isso, Hodder (1996, p. 4) observava que era preciso desconstruir oposições entre o objeto e o sujeito, baseado na teoria da práxis.

A partir deste período, reflexões sobre a arqueologia pública e interdisciplinaridade passaram a ser intensamente discutidas, sendo alvo de debates em congressos e encontros sobre arqueologia e patrimônio. Os primeiros trabalhos em arqueologia pública resumiam-se na realização de pesquisas arqueológicas e posterior apresentação do trabalho efetivado quando no campo das instituições públicas. Hoje, este conceito de integração entre a comunidade e os pesquisadores está mais fortalecido nas diversas instituições que realizam atividades arqueológicas.

Embora exista este avanço, é necessário que se caminhe ainda mais para que a relação entre a comunidade e o pesquisador seja fortalecida e não amparada somente nas obrigações judiciais. Não se faz o trabalho de educação patrimonial após a etapa de intervenção em campo, mas integra-se a sociedade durante todo o projeto e deixa-se um legado à posterioridade.

Nesta pesquisa, trabalhou-se esse rompimento proposto pela arqueologia pública. Estabeleceu-se uma relação amistosa com a comunidade do entorno. Isso resultou no trabalho de história oral, atividade de extrema utilidade científica para o auxílio na compreensão do contexto arqueológico, e importante para a comunidade registrar e perpetuar suas histórias.

Para a efetivação desta pesquisa, elencaram-se pontos a serem estudados, a fim de atingir o objetivo principal aqui proposto. Estes tópicos podem ser observados

através de itens e subitens expostos no corpo do texto, de modo a orientar a pesquisa realizada e nortear o leitor.

No tópico introdutório, mencionam-se os conceitos básicos que norteiam esta pesquisa, além dos objetivos e métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo segundo, faz-se uma proposta de quebra de paradigmas para a realização de pesquisas, rompendo com a visão eurocentrada que até então predomina sobre os trabalhos direcionados aos indígenas do Piauí. Este rompimento propõe uma aproximação com a sociedade em que são realizadas pesquisas em arqueologia, pois ela, muitas vezes negligenciada, tem muito a oferecer sobre o contexto do sítio, independente de ser voltada para a causa indígena. A proposta para a execução dessa aproximação entre academia e sociedade apoia-se no viés da arqueologia pública.

No terceiro capítulo, faz-se uma compilação sobre as pesquisas arqueológicas realizadas na área do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno referentes ao período colonial, ou seja, de até 500 anos atrás. Neste apanhado geral, trazem-se informações sobre as publicações e sobre as intervenções feitas em cada um dos sítios arqueológicos pertencentes ao recorte temporal escolhido.

No capítulo quarto, apresenta-se a Toca da Baixa dos Caboclos. Sobre este sítio, aprofundam-se todas as informações referentes ao seu contexto ambiental e geomorfológico. Citam-se com detalhes, todas as campanhas arqueológicas, as análises da materialidade proveniente do sítio, informes, cadernos de campo e de atividades laboratoriais e publicações realizadas, a fim de contextualizar a área trabalhada e apoiar-se em todos os recursos necessários para o desenvolvimento das considerações finais.

No quinto e último capítulo, denominado “possibilidades de análise”, atrelam-se os estudos de arqueologia, a observação do espaço e a documentação histórica à oralidade dos moradores, para fazer inferências sobre o sítio sob a ótica da arqueologia pública, Dá-se voz aos moradores da comunidade em contexto com o sítio. Eles falam de conhecimentos sobre a história do lugar e suas opiniões acerca do trabalho de salvamento arqueológico.

2. PELA PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS INDÍGENAS NO PIAUÍ

2.1 Quebrando paradigmas

No estudo científico, paradigmas são rompidos e construídos a todo instante. No século XVI, como resultado da construção do conhecimento científico surge o que seria chamado de modelo de racionalidade da ciência moderna, que se constituiu a partir da evolução da ciência e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Apenas no século XIX este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais, embora tenha ocorrido gradualmente, de modo que:

A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos) (SANTOS, 2008, p. 21).

O modelo ocidental adotado é totalitário. Ele nega todas as formas de conhecimento que não se basearem em seus princípios epistemológicos, que inferem acerca de constantes repetições de eventos ao longo da história e pelas suas regras metodológicas, pautadas em práticas sistemáticas. Assim, os conhecimentos tradicionais ao redor do mundo, as diferentes epistemologias das culturas distintas que compõem o globo foram desconsideradas em detrimento da única forma de conhecimento aceita, “o conhecimento científico”. “É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem” (SANTOS, 2008, p. 21).

O modelo científico traz consigo regras, limitações e divisões. Em seus estudos, reconhece padrões que se repetem constantemente e em regra. Devido à mutabilidade das ciências, este modelo passa por crises, é rompido e surge então, um novo paradigma.

Uma das principais contribuições para a mudança do paradigma científico moderno se dá devido ao aprofundamento dos estudos científicos que se desenvolveram ao longo do tempo, na física, como a lei da relatividade e

simultaneidade de Einstein³ e o desenvolvimento da mecânica quântica⁴, que demonstravam haver relatividade nos estudos de todo objeto. Surge daí o princípio da incerteza de Heisenberg, com “[...] a ideia de que não conhecemos do real senão o que nele introduzimos, ou seja, que não conhecemos do real senão a nossa intervenção nele [...]” (SANTOS, 2008, p. 44).

Seguido destes elementos que permitiram a contestação do modelo de racionalidade da ciência moderna, também verificamos o teorema da incompletude (ou do não completamento) e os teoremas sobre a impossibilidade⁵, neste momento é questionado o rigor da matemática e há uma proposta de redefinição, uma vez que mesmo dentro deste universo tido como “exato” vê-se relatividade (SANTOS, 2008, p. 46).

Estas mudanças de paradigmas influenciaram vários campos da ciência, como é o caso dos estudos nas ciências humanas, que passam a ver as sociedades de maneira dinâmica, diferentemente do paradigma anterior. Embora tenha havido avanço, muitas noções do antigo paradigma moderno ficaram arraigadas, ainda hoje, nos pesquisadores mesmo que de forma inconsciente.

Em relação ao paradigma etnográfico, no Brasil, a história passou por um processo de mudança, o que possibilitou a ampliação de metodologias que buscavam a construção de uma Nova História⁶. Esta corrente historiográfica surgida nos anos 1970, correspondente à terceira geração da Escola dos Annales⁷, que buscou recorrer não apenas aos documentos oficiais para a construção da história,

³ Einstein observa a distinção entre a simultaneidade de acontecimentos presentes no mesmo lugar e a simultaneidade de acontecimentos distantes, em particular de acontecimentos separados por distâncias astronômicas, sendo elas relativas de acordo com o objeto estudado, contrapondo a ideia de estatização (SANTOS, 2008, p. 41).

⁴ Heisenberg e Bohr demonstram que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, e a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que lá entrou (SANTOS, 2008, p.43).

⁵ O rigor da medição posto em causa pela mecânica quântica será ainda mais profundamente abalado se se questionar o rigor do veículo formal em que a medição é expressa, ou seja, o rigor da matemática (SANTOS, 2008, p.45).

⁶ Os principais expoentes deste movimento são os historiadores Jaques Le Goff e Pierre Nora.

⁷ Após a primeira guerra mundial Lucien Febvre e Bloch idealizaram uma revista sendo originalmente chamada de Annales d'histoire economique et sociale e tendo como modelo os Annales de geographique, de Vidal de la Blanche. Tinha como bases três diretrizes: primeiro, a substituição da tradicional narrativa dos acontecimentos por uma história problema; segundo, a história de todas as atividades humanas e não apenas da história política; terceiro, visando complementar as duas primeiras, a colaboração com outras disciplinas, como geografia, economia, antropologia, sociologia, psicologia, lingüística e tantas outras. A história dos Annales pode ainda ser dividida em três fases, ou gerações. Fonte: Burke, Peter, A Escola dos Annales, 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia; Tradução, Nilo Odalia; São Paulo; Editora Universidade Estadual Paulista; 1991.

mas sim como a qualquer outro elemento, tal como a materialidade, já que para ela, os documentos históricos são todos os vestígios deixados pelo homem, não se limitando aos escritos.

Apesar de ter havido uma grande evolução na historiografia brasileira, aumentando o leque de métodos, novas fontes e novos objetos, ainda há um certo conservadorismo em relação a como se aborda a história indígena.

Ainda hoje a maioria dos historiadores parece acreditar que a história dos índios se resume à crônica de sua extinção. Esta perspectiva guarda um fundo de verdade, é claro, quando se considera o triste registro de guerras, epidemias, massacres e assassinatos que contribuíram para a dizimação de populações indígenas ao longo dos últimos cinco séculos. Para além deste rol de iniquidades, contudo, mesmo uma rápida releitura de documentos coloniais como os de Gabriel Soares de Sousa pode revelar uma história muito mais complexa, interessante e significativa do que aquela proposta pela tradição inaugurada por Varnhagen (MONTEIRO, 2001, p. 35).

Essa inverdade histórica reflete um conceito de cultura monolítica, estática, gerando a concepção de que os indígenas, sobrevivendo ao processo de contato com os europeus, teriam sido aculturados, logo, seriam culturalmente extintos. Para Agostini (1998, p. 120), ao pensar numa sociedade étnica, geralmente peca-se em buscar por grupos culturais fechados e estáticos, deve-se partir do pressuposto de que grupos humanos e a natureza da identidade étnica são extremamente dinâmicos e flexíveis, como é a dinâmica da cultura. Como resultado dessa flexibilidade social têm-se as misturas entre povos. Segundo Bocarra (2003, p. 11), os fenômenos de mestiçagem, etnogênese e adaptação cultural são, sobretudo, fenômenos políticos, remetendo tanto às adaptações criativas das sociedades indígenas como a construção das diferenças por parte dos agentes coloniais.

Em meio a essas misturas, hoje se torna dificultoso definir grupos étnicos por fatores locais ou mesmo culturais em relação às especificidades que existem em seu interior, sobretudo, a necessidade de definir e enquadrar as culturas é uma questão de discurso. Diante disso, conclui-se que a concepção de etnicidade está além da definição de culturas específicas, pois ela possui mecanismos de diferenciação e identificação, que variam conforme os interesses e o momento histórico em que os indivíduos estão inseridos (AGOSTINI, 1998, p. 120).

De acordo com Monteiro (2001, p. 6), na medida em que se reconhece a diversidade cultural, os antropólogos, através de seus estudos para o

reconhecimento de identidades indígenas passam a compreendê-las de outra forma, não mais estática, mas sim dinâmica apoiados no referencial teórico de:

[...] Renato Rosaldo e Marshall Sahlins, entre outros, cujas abordagens davam um papel dinâmico para a história na discussão das culturas, das identidades e das políticas indígenas. Ao mesmo tempo, redescobria-se autores mais antigos, como Jan Vansina (1965), cujo uso de narrativas orais como fontes históricas mostrava-se um caminho rico para se chegar às perspectivas nativas sobre o passado.

Com lógica semelhante, Shennan (1994) considera importante para a realização de estudos sobre a etnicidade, a utilização da perspectiva histórica. Para o autor “(...) só assim se pode ver como ela surge, que recursos utiliza e que papel tem no processo de reprodução social”. Segundo ele, a história também se reflete nos vestígios arqueológicos através de sinais diacríticos e culturais (1994, p. 15).

Acredita-se que, quanto maior a quantidade e diversidade de elementos utilizados para a formação da história de uma determinada sociedade, mais rico e fortalecido torna-se o discurso realizado sobre ela, como afirma Ruibal (2012, p. 111, tradução nossa).

Combinar uma tabela de radiocarbono, perfis estratigráficos e desenhos de cerâmicas é o que um artista denominaria de técnica mista. A arqueologia é uma disciplina híbrida e como tal seu meio de expressão é a combinação e experimentação com materiais – a colagem. Quanto mais fontes temos, mais rico será nosso discurso⁸.

Em relação à história construída sobre os indígenas do Piauí, verifica-se a existência de discurso de negação que vem sendo repetido por longos anos e justamente por isso. Essa perspectiva da aniquilação indígena tem origem nas narrativas e documentos do período colonial, feitos pelos colonizadores que correspondiam à sociedade letrada na época e não pelos povos indígenas, de modo que restava a eles serem citados enquanto vozes inativas no contexto da colonização. Diante disso, observa-se que a história estabelecida não é uma história do Índio no Brasil, mas sim um paradigma construído por única face, que por consequência a privilegiou. Infelizmente, ainda hoje esse discurso se repete. Esse

⁸ Combinar una tabla de radiocarbono, perfiles estratigráficos y dibujos de cerâmicas es lo que un artista denominaría “técnica mixta”. La arqueología es una disciplina híbrida y como tal su medio de expresión es la combinación y la experimentación con materiales –el collage. Con cuantas más fuentes contemos, más rico será nuestro discurso. (RUIBAL, 2012, p. 111)

discurso, repetido de forma maçante, é resultado de uma obediência epistêmica⁹ instituída há muito no Brasil e em países que não pertencem ao “primeiro mundo”. Acredita-se que só seja possível “fazer história” quando rompidos estes conceitos, que limitam o conhecimento das culturas ao universo europeu.

[...]parecem prevalecer entre os historiadores brasileiros ainda hoje duas noções fundamentais que foram estabelecidas pelos pioneiros da historiografia nacional. A primeira diz respeito à exclusão dos índios enquanto legítimos atores históricos: são, antes, do domínio da antropologia, mesmo porque a grande maioria dos historiadores considera que não possui as ferramentas analíticas para se chegar nesses povos ágrafos que, portanto, se mostram pouco visíveis enquanto sujeitos históricos. A segunda noção é mais problemática ainda, por tratar os povos indígenas como populações em vias de desaparecimento. Aliás, é uma abordagem minimamente compreensível, diante do triste registro de guerras, epidemias, massacres e assassinatos atingindo populações nativas ao longo dos últimos 500 anos (MONTEIRO, 2001, p. 4).

Com efeito, é preciso promover uma libertação das amarras do colonialismo que ainda hoje se fazem presentes nas produções e reproduções históricas do nosso país. É preciso romper com a concepção cristalizada “[...] dos índios, seja como habitantes de um passado longínquo ou de uma floresta distante” (MONTEIRO, 2001, p. 4).

Embora esteja ocorrendo lentamente, hoje, reconhece-se que indígenas utilizaram como estratégia de sobrevivência esconderijos, adaptações e mesmo autonegação para manutenção de seu povo. Com a constituição de 1899 houve fortalecimento das identidades indígenas, a partir do momento em que seus direitos foram afirmados na Carta Magna.

Como proposta de rompimento desta ideologia, recomenda-se a busca por vestígios materiais e imateriais, como uma maneira de suporte para o estabelecimento de uma história pautada não somente nos relatos daqueles que chegaram e se estabeleceram no território brasileiro, mas sim daqueles que aqui estavam antes mesmo do país ser “descoberto”.

2.2 Arqueologia e história indígena no sudeste do Piauí

2.2.1 Pesquisas Arqueológicas

⁹ MIGNOLO 2008 propõe o rompimento dos conceitos modernos e eurocentrados que foram e estão enraizados nas categorias e sociedades que fogem do limítrofe do universo europeu.

Há cerca de quarenta anos, na região Sudeste do Piauí, diversas pesquisas arqueológicas foram realizadas. O motivo foi a descoberta do grande potencial arqueológico da área por Niède Guidon e a equipe franco-brasileira da qual era componente na década de 1970.

Atualmente esta área é delimitada e reconhecida mundialmente como Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)¹⁰, além disso, é uma unidade de conservação Brasileira de proteção integral à natureza¹¹.

O parque está localizado na região Nordeste do Brasil. Abrange os municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí, no Sudeste do Estado do Piauí. Corresponde a uma área de 129.140 hectares, com um perímetro de 214 quilômetros, situado entre as seguintes coordenadas geográficas: 8° 26' 50" e 8° 54' 23" de latitude sul e 42° 19' 57" e 42° 45' 51" de longitude oeste (GUIDON et al. 1991, p. 10).

Com o passar dos anos e o desenvolvimento de pesquisas, comprovou-se uma intensa ocupação pré-colonial, com uma estimativa de cronologia de 60 mil anos BP, para o sítio arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada¹² até 97,5 anos BP para o Sítio do Meio¹³.

A Toca do Boqueirão da Pedra Furada possui as datações mais recuadas do Parque Nacional Serra da Capivara. Devido a isso, desde as primeiras comunicações e publicações relacionadas a ele, o sítio tem sido alvo de críticas em relação a sua antiguidade, por ser considerada muito recuada para um sítio

¹⁰ Patrimônio Mundial ou Patrimônio da Humanidade é uma região ou área que recebem essa denominação por consistir em sítios considerados pela comunidade científica como de inigualável e fundamental importância para a humanidade, podendo ser um monumento ou construção, conjunto arquitetônico, vila ou região, toda uma área, uma caverna, desde que possua relevância devido ao seu valor histórico, arqueológico, natural, ambiental, ou um conjunto desses fatores. Além desses fatores, também pode ser assim qualificado segundo sua importância e singularidade em suas manifestações e rituais que possuam dimensão e relevância histórica.

¹¹ O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) constitui-se por um conjunto de normas e procedimentos oficiais que possibilitam à esferas governamentais federal, estadual e municipal, bem como à iniciativa privada, criar, implementar e gerir no país as unidades de conservação (que são as representantes no Brasil do que internacionalmente é conhecido como área protegida), sistematizando assim a conservação da natureza brasileira.

¹² Esse sítio arqueológico teve sua primeira campanha de escavação no ano de 1978, pela equipe da Missão Arqueológica do Piauí. A primeira parte da escavação foi realizada por Niède Guidon. A partir de 1986, as campanhas foram dirigidas por Fabio Parenti, que realizou o estudo dos dados. Os resultados foram publicados, em 2003 (PARENTI F., 2003. Le gisement quaternaire de la Pedra Furada (Piauí, Brésil). Stratigraphie, chronologie, evolution culturelle, Paris, Ed. Recherches sur les civilisations).

¹³ Segundo a planilha de datações da Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM.

arqueológico na América do Sul. Desde então, as equipes responsáveis pelas pesquisas ocorridas no sítio não pouparam esforços para obterem uma maior quantidade de materiais para serem datados de modo a fortalecer a proposição efetivada¹⁴.

Já o Sítio do Meio, que possui a datação mais recente dentre os sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, em torno de 97,5 anos BP, não traz consigo polêmicas, apenas datações que permitem inferir sobre os modos de vida tradicionais do período. Diante dessas informações, acredita-se que a região tenha tido intensa ocupação¹⁵, o que a torna atrativa como área de estudo para a realização desta pesquisa, uma vez que o objetivo aqui é buscar através da materialidade dos sítios arqueológicos que passaram por escavações, informações que possam comprovar a presença de povos indígenas na região.

Buscando comprovar a presença indígena na região, estabeleceram-se critérios que viabilizasse esta proposição. Estipulou-se a cronologia de sítios arqueológicos em até quinhentos anos atrás, o que remete ao período do contato entre o colonizador e o indígena. Através deste recorte temporal, verificam-se evidências do contato ocorrido e as estratégias para a resistência indígena. Dentro da cronologia de até quinhentos anos atrás, foi escolhido o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, pois além de enquadrar-se no recorte temporal e espacial proposto, possui um vasto acervo de materiais arqueológicos oriundos de duas

¹⁴ As publicações que visaram confirmar a datação proposta para o sítio arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada são: PESSIS, A.-M. & GUIDON, N., 1996. Leviandade ou falsidade? Uma resposta a Meltzer, Adovasio & Dillehay. *Falsehood or untruth? A reply to Meltzer, Adovasio & Dillehay*. FUMDHAMENTOS, v.1,n.1, p. 379-394; PARENTI, F, MERCIER, N, VALLADAS, H., 1990. The Oldest Hearths of Pedra Furada, Brasil: Current Research in the Pleistocene, Vol 7: 36-38; Orono, Maine; ARAÚJO, A, FERREIRA, L.F, CONFALONIERI, U, CHAME, M. 1988. Hookworms and the peopling of America. *Cadernos de Saúde Pública*. RJ., 2 (4): 226-233; ARAÚJO, A, FERREIRA, L.F, 1995. Paleoparasitologia e o povoamento das Américas Paleoparasitology and the peopling of the Americas. FUMDHAMENTOS: v.1, n. 1, p. 105-111; SANTOS, G.M., BIRD, M.I., PARENTI, F., FIFIELD, L.K., GUIDON, N., HAUSLADEN, P.A., 2003. A revised chronology of the lowest occupation layer of Pedra Furada Rock Shelter, Piauí, Brazil: the Pleistocene peopling of the Americas. *Quaternary Science Review* 22 (2003) 2303-2310; VALLADAS, H., MERCIER, N., MICHAB, M., JORON, J.L., REYSS, J.L., GUIDON, N., 2003. TL age-estimates of burnt quartz pebbles from the Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Northeastern Brazil). *Quaternary Science Review* 22 (2003) 1257-1263; FELICE, G.D. 2002. A controvérsia sobre o sítio arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Piauí-Brasil. FUMDHAMENTOS II, Fundação Museu do Homem Americano. 143-178.

¹⁵ De acordo com a arqueologia, uma área de intensa ocupação é uma região que, mediante a materialidade deixada no registro arqueológico, tenha sido evidenciada a presença humana ao longo de anos. Não se deve confundir intensa ocupação com ocupação tida como constante, pois é possível inferir que ao longo de anos uma região passou por ocupações diversas, contudo não é possível inferir que estas tenham ocorrido ininterruptamente.

campanhas de escavação. Sobretudo a comunidade de seu entorno destaca-se por reconhecer possuir ascendência indígena.

A partir desse recorte temporal proposto, trata-se do processo de colonização do Piauí. Este processo teve início com as expedições dos bandeirantes sertanistas que, em meados do século XVII até o final do século XVIII, desencadearam a expansão das fazendas para pecuária extensiva.

2.2.2 História e historiografia Piauiense

Segundo a tradição historiográfica brasileira, o que motivou a exploração do território Piauiense foi a pecuária, que no século XVIII passava por um processo de intensificação em toda região Nordeste Brasileira. Sob o argumento de impulsionar o povoamento colonial e ampliar a exploração econômica do sertão nordestino, a Coroa Portuguesa doava em sesmarias, grandes extensões de terra aos que se empenhassem nesse sentido (DIAS, 2007).

Domingos Jorge Velho, Francisco Dias D'Ávila e Domingos Afonso Mafrense (também chamado Domingos Afonso Sertão) chegaram ao território piauiense em busca de terras para a implantação de fazendas para a criação de gado. Com o estabelecimento das fazendas, os povos nativos passaram por processos de escravidão e, por conseguinte, invisibilização.

O bandeirante Paulista Domingos Jorge Velho chegou ao território piauiense entre os anos de 1662 e 1663. A partir deste período até o ano de 1687, à base de sangue derramado e escravização, implantou cerca de 50 fazendas. Os D'Ávila, fazendeiros proprietários da Casa da Torre¹⁶, também foram nomes que participaram do processo de colonização do Piauí.

No ano de 1674, juntos, Francisco Dias de Ávila e Domingos Afonso Mafrense, arrendatário das propriedades da família D'Ávila, chegaram ao solo piauiense, (DIAS, 2008). Nesse momento, em busca da expansão do domínio territorial, se depararam com diversos grupos indígenas, com quem travaram violentos combates. A troco disso, tomaram grandes quantidades de terras.

¹⁶A Casa da Torre foi o início de um grande morgado "feudal" que iniciou na capitania da Bahia ainda no século XVI, que durante 250 anos expandiu-se ao longo das gerações de seus senhores pela quase totalidade da Região Nordeste do Brasil, à custa de guerras contra indígenas com sua respectiva escravização para o trabalho em plantações de cana-de-açúcar e na criação de bois, cavalos e mulas.

Segundo Odilon Nunes (2001), no ano de 1711 Domingos Afonso Mafrense morre. Como consequência as terras que inicialmente pertenciam aos indígenas e que foram “conquistadas” pelos D’Ávila, acabaram sendo deixadas como herança em testamento para os missionários da Companhia de Jesus, já que Mafrense não possuía herdeiros.

Em meados do século XVIII, a influência da Companhia de Jesus na Colônia extrapolou os limites religiosos e invadiu a política. Neste contexto, o clero gradativamente deixou de ser subordinado à Coroa Portuguesa. Esta por sua vez, receando fortalecimento da igreja jesuítica, decretou a expulsão e confiscou os bens pertencentes aos Jesuítas na Colônia (DIAS, 2008).

Após a expulsão dos jesuítas, as fazendas confiscadas passaram para a Real administração, sendo denominadas Fazendas do Fisco ou Fazendas Nacionais. Como previsto, a falta de organização administrativa dessas fazendas conduziu a ocupações por posseiros vindos de diversas regiões da Colônia. Imagina-se que esses “posseiros” na realidade eram os antigos donos dessas terras, os povos indígenas, além dos colonos que vieram para trabalhar braçalmente durante este processo (OLIVEIRA, 2007).

No final do século XVIII o sudeste do Piauí foi conquistado. Essa conquista foi efetivada pelo Capitão da Infantaria Maior do Exército, José Dias Soares, por resolução do então governador da capitania do Piauí, João de Amorim Pereira. O governador ordenou a expulsão dos índios desse território com a justificativa de conter conflitos entre índios, aventureiros e colonos. As terras tomadas dos índios, utilizando-se de força bruta, foram distribuídas entre parentes e amigos (OLIVEIRA, 2001).

De acordo com os dados historiográficos, os povos indígenas no Piauí são tidos como aniquilados ou expulsos. Um dos elementos que contribuem para a invisibilização dos povos indígenas ocorre devido à ideologia proveniente da lógica eurocentrista em relação ao papel exercido pelos indígenas nesse momento histórico.

A história oficial tem encarado a participação do elemento indígena no processo colonizador como um agente passivo, sujeito às pestes, ao cativeiro, à espoliação de suas terras e ao massacre de sua cultura. No entanto, novas conquistas das fontes tem indicado principalmente nos séculos iniciais da colonização, o papel indispensável dos índios no sucesso da mesma (...) Sem o apoio dos povos indígenas aliados contra os inimigos

internos e externos, principalmente nos séculos iniciais da colonização, a Coroa portuguesa não teria conseguido manter os seus domínios no continente americano.”

Reforçando a colocação de Medeiros (2002), Borges (2004, p. 89) propõe em relação a essa lógica eurocentrista citada que:

A história não entende que índios e brancos foram em alguns momentos *parceiros*, sempre continuará vendo o índio como aquele inocente que trocava o pau-brasil por bugigangas, e não como aquele que comercializava madeira por foices, machados e facas de ferro. Ele nunca é sujeito, sempre é “coitado”. Do tipo de comércio realizado entre os índios e os estrangeiros (cabem aqui portugueses, franceses, espanhóis, ingleses e holandeses) a história se cala, pois ele não está no âmbito da *lógica* da colonização, no entanto atendeu, durante certos momentos, aos interesses de ambos os lados. A quebra de interesses transformaria os comportamentos dos gentios e só poderia resultar em digressões, rompimentos de alianças e, em alguns casos, guerra (BORGES, 2004, p. 89).

Acerca da proposição de que os poucos índios que ainda estavam nessas terras foram expulsos, em sua tese de doutoramento, Oliveira (2007, p. 135) que os índios Pimenteira da região sudeste do Piauí, por exemplo, utilizavam diversas táticas para que sua presença não fosse percebida, evitando assim, sua perseguição e morte. Segundo a historiografia, esse período em que os índios se “esconderam” seria de sete anos. Contudo, o período é bem mais longo somando 40 anos. Grande parte dos sítios arqueológicos do período de contato foram apagados, pois os índios “procuravam cobrir todos os vestígios de sua passagem” (OLIVEIRA, 2007, p. 114).

Outra problemática acerca da história indígena é o escasso registro documental, o qual, por sua vez, se limita a narrativas sobre alguns índios em particular, geralmente mencionando seu mau comportamento. Assim, é possível observar que os documentos produzidos no período pouco se referem a estes povos e, quando os citam, trata-se de referências de maus comportamentos.

[...] ofícios e cartas, quer das autoridades ou potentados locais, denunciando ao Governador ou à Corte, os perigos, ameaças ou ações de diferentes grupos indígenas contra si ou contra os moradores das fazendas de gado, quer ofícios ou alvarás da própria autoridade governamental ou policial, organizando campanhas de pacificação de diferentes grupos tribais, legislando a respeito de sua redução à coroa lusitana, seu aldeamento, ou ainda, tratando de questões variadas sobre algum índio em particular. São documentos que legislam a respeito dos “súditos”, geralmente tidos como insubmissos e ameaçadores à supremacia dos dominadores brancos (MOTT, 2014, p. 787).

Segundo Mott (2014, p. 787), os documentos sobre os povos indígenas eram feitos com superficialidade, pois o interesse era a ocupação de territórios e espaços para expansão pecuária. Deste modo, não existia empenho em retratar os costumes e práticas desses povos “indesejados”. O autor ainda ressalta que a documentação mais antiga sobre povos indígenas no Piauí data dos inícios da segunda metade do século XVIII, apenas um século após a conquista desses territórios tomados por Domingos Afonso Sertão.

Assim sendo, o material existente nos arquivos refere-se mais aos problemas do contato e aldeamento de dois grupos tribais mais populosos, os Gueguês e os Acroás, omitindo informações sobre a distribuição espacial e os traços culturais das populações ameríndias, que ocuparam o Piauí em seus primórdios (MOTT, 2014, p. 788).

Faz-se necessário contrapor o discurso oficial. Pela materialidade deixada, pela imaterialidade presente no cotidiano das pessoas da região transmitida diretamente ou pela oralidade. Conclui-se que os povos indígenas se fazem presentes no território piauiense mais do que se imagina.

A arqueologia como disciplina que estuda as sociedades pretéritas através da materialidade evidenciada em contexto arqueológico, compreende que através dos vestígios deixados seja possível remontar as dinâmicas sociais estabelecidas, o que remete muito da imaterialidade lida nas entrelinhas dos testemunhos materiais do contexto arqueológico. Além disso, a imaterialidade se revela nas formas de fazer, gestos, tradições o que se reflete automaticamente no registro arqueológico e nas sociedades vivas.

Uma forma de compreender o processo de colonização e invisibilização no Piauí é através da materialidade deixada pelos povos indígenas do Nordeste. Medeiros (2002) observa que, com o desenvolvimento de pesquisas sobre a pré-história, materiais diversos têm-se revelado que por sua vez, podem remeter às culturas com um grande recuo cronológico, até as mais recentes que se relacionam aos poucos documentos escritos existentes. Ainda sobre as sociedades mais recentes, afirma que os registros materiais arqueológicos vão contra a visão ideologicamente dominante da história do Brasil “[...] que vem desde o princípio tentando apagar essa diversidade”.

[...] no caso específico dos povos indígenas do sertão nordestino no momento da conquista, existe uma grande lacuna, pela própria escassez de fontes, devido ao fato de que muitos desses povos foram exterminados sem que houvesse nenhum registro escrito de sua existência. Por outro lado, as fontes nas quais os estudos sobre estes povos se basearam não foram devidamente criticadas e as classificações até então realizadas, deixam de fora um número incalculável de povos (MEDEIROS, 2002, p. 09).

2.2.3 Outros documentos: vozes sertanejas

Para Trigger (2004) a ciência arqueológica possui um diálogo com a sociedade, visto que seu objeto de interesse, o patrimônio arqueológico, reflete à construção e reelaboração de valores, assim como de interesses gerados pela sociedade como agente ativo na construção do passado. Para a construção de um estudo aprofundado de um determinado tema, sugere-se o exercício da transdisciplinaridade. A proposta de uma perspectiva transdisciplinar é a busca pela unidade do conhecimento, procurando compreender o objeto estudado através da articulação entre disciplinas. Deste modo, nenhuma disciplina seria sobreposta uma a outra, mas sim caminharia lado a lado para a construção de um conhecimento uno.

Arqueologia e história podem ser vistas como ciências complementares. Para a construção do conhecimento de uma, é importante a observação e/ou contribuição da outra. Inicialmente, a arqueologia era tida como uma subdisciplina da história. Seu estudo limitava-se à classificação e quantificação dos vestígios materiais encontrados em um contexto arqueológico. De modo semelhante, isso ocorreu com a história, que em seu princípio era tida como uma disciplina que estaria unicamente relacionada aos documentos, restringindo-se à sua análise.

Com o rompimento das ciências duras, esse quadro é modificado. Na arqueologia com o surgimento de novos debates e discussões, passou-se a compreender o que a materialidade poderia fornecer dentro de um estudo do contexto arqueológico. Com a história, no século XIX, há um rompimento do domínio absoluto dos documentos escritos como fonte e com isso, a disciplina de história oral se consolida. Esta consolidação se torna crucial para o enriquecimento de pesquisas que possuam elementos documentais escritos e da história oral e contempla também, pesquisas que não contam com um forte aparato documental. Segundo Meihy e Holanda (2007, p. 44), a história oral é uma “documentação viva”. Com o

relato da comunidade relacionado ao contexto da pesquisa, é possível tecer considerações diversas sobre a história, relações e tradições locais.

Existindo hoje comunidades vivas que muito têm a dividir acerca da história indígena, torna-se crucial a utilização do recurso oral. Levando-se em consideração o fraco acervo documental produzido no período colonial e mesmo os realizados nos dias atuais, é possível inferir que as sociedades indígenas no Piauí não tenham sido dizimadas em sua completude, como afirma o discurso.

Sobre as estratégias desenvolvidas pelos indígenas para sua sobrevivência, é importante lembrar que as sociedades se reinventam a todo instante. Não sendo elas estáticas, propõe-se que seja esse o caso dos povos indígenas que habitaram a região e hoje se fazem presentes em configurações distintas daquela que consideramos originais devido ao nosso véu eurocentrista. Bocarra (2003, p. 1; tradução nossa) traz a tona essa questão:

Do mesmo modo, se tem admitido que estas sociedades são tanto produto de uma história como tem sido capazes de desenvolver estratégias de resistência e adaptação que se inscrevem na continuidade de práticas e representações anteriores à conquista mas que desembocaram também através dos múltiplos processos de mestiçagem de novos mundos no Novo Mundo.¹⁷

Pontua-se que as sociedades estão a todo tempo estabelecendo contatos, seja entre tribos indígenas ou do indígena com o europeu, como no caso do período de colonização. Como resultado disso, surgem adaptações e misturas entre culturas, o que não deslegitima nenhuma sociedade nesta trama. Acredita-se que isto tenha ocorrido com as sociedades indígenas da região sudeste do Piauí, bem como acontece a todo instante em todas as sociedades.

Acredita-se que no compasso do rompimento de ideologias colonialistas, etnias irão emergir como no caso do Piauí, onde os indígenas que aqui estão a cada dia aparecem e reivindicam os seus direitos por terras. Essas manifestações sociais só vêm a confirmar a presença indígena no Piauí. A cada dia se torna mais difícil negar essa presença, pois as vozes das comunidades indígenas estão se fortalecendo e tornando-se mais ativas na medida em que a repressão exacerbada

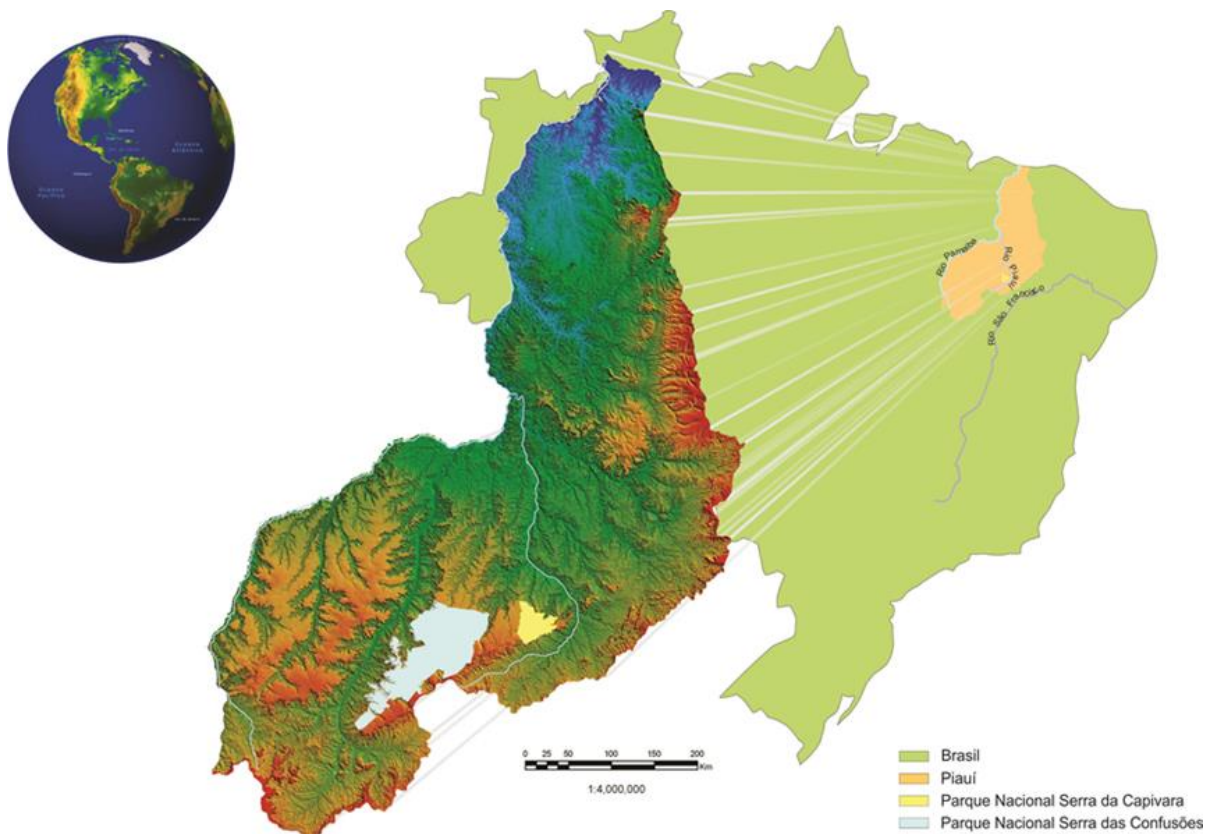
¹⁷Del mismo modo, se há admitido que estas sociedades son tanto producto de una historia como han sido capaces de desarrollar estrategias de resistencia y adaptación que se inscriben en la continuidad de prácticas y representaciones anterior a la conquista pero que desembocaran también, a través de los múltiples procesos de mestizaje de nuevos mundos em el Nuevo Mundo.

se reduz. Se eles existem hoje, existiram ontem e apenas mantiveram suas falas silenciadas pelo regime opressor, herança do período colonial.

3. PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA COM RECORTE TEMPORAL COLONIAL

Na região Sudeste do Piauí, localiza-se o Parque Nacional Serra da Capivara, considerado o maior testemunho de ocupações humanas da América Latina. Este Parque é considerado Patrimônio Mundial segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), sobretudo, é uma unidade de conservação brasileira de proteção integral à natureza. Criado no ano de 1979, durante o governo do presidente João Batista Figueiredo, o parque abrange os municípios de Coronel José Dias, João Costa, Brejo do Piauí e São Raimundo Nonato, possuindo uma área de 130.00 hectares (GUIDON; BUCO, 2010).

Imagem 1: Mapa da Localização do Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM).

Nesta pesquisa, a partir da delimitação espacial da região do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, buscou-se, dentro do universo dos sítios com datações que se enquadram no período de colonização no Brasil até 500 anos atrás,

definir um sítio arqueológico que pudesse trazer contribuições para a história indígena do Piauí.

Como critério para definição de um sítio arqueológico a ser trabalhado, devido sua riqueza em relação aos vestígios arqueológicos evidenciados; pela quantidade de registros realizados durante suas escavações e pela comunidade de seu entorno, que reconhece sua ascendência de povos indígenas foi escolhido a Toca da Baixa dos Caboclos. Unindo a materialidade datada proveniente do sítio, as fontes documentais e o registro oral da população local, acredita-se poder fazer uma Nova História.

Devido à antiguidade muito recuada do homem na região do Parque Nacional Serra da Capivara¹⁸ as pesquisas possuem um direcionamento para os vestígios pré-históricos¹⁹, com a finalidade de confirmar a antiguidade proposta para o Homem Americano na região. Devido a esse direcionamento, existe uma emergência na realização de pesquisas sobre o período histórico do Parque. No recorte temporal histórico do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, algumas pesquisas foram realizadas, entre elas há pesquisas monográficas, dissertações, teses e artigos.

Maranca (1991) realizou um estudo sobre o que denominou grupos ceramistas da Serra da Capivara. Em seu trabalho, enfatiza as técnicas e materiais utilizados por estes grupos, direcionando-se às tecnologias utilizadas para o fabrico de cerâmicas no período. A pesquisa de Maranca é um dos primeiros trabalhos sobre a cerâmica indígena do Parque Nacional Serra da Capivara.

Castro (1999), em sua dissertação de mestrado, realiza um estudo acerca dos vestígios cerâmicos do Parque Nacional Serra da Capivara, numa tentativa de inferir sobre a continuidade de sociedades nesta região por longo tempo. Para isso, a autora utilizou dois conceitos, o de permanência, que se refere à existência de grupos ceramistas na área de estudo, podendo pertencer a um mesmo grupo cultural ou não, e o conceito de continuidade, que propõe que estes grupos que permaneceram pertençam a um mesmo grupo cultural. Como resultado, através de

¹⁸Para o sítio arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada foi datado um vestígio de carvão proveniente de uma fogueira com a antiguidade de >50.000 anos BP (Parenti, 1993). Para o corpo científico, a polêmica que circunda esta datação é em relação à fogueira, questiona-se sua proveniência, se antrópica ou não.

¹⁹Mediante a perspectiva conservadora, os pesquisadores em pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara referem-se às sociedades pré-históricas todas aquelas que não possuem um sistema de escrita.

datações de vestígios cerâmicos, concluiu ter havido permanência de sociedades nesta área. Já em relação à continuidade, além das datações, a autora utilizou o estudo das técnicas de produção da cerâmica, chegando à conclusão que os grupos culturais responsáveis pelo fabrico de cerâmica no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno não representavam continuidade. Segundo a autora, o grupo ceramista que ocupou o Sítio arqueológico Cana Brava pertence a um contexto histórico de migrações e dispersões populacionais catalisadas por pressões demográficas tanto de outros grupos autóctones, quanto de colonizadores do Sertão.

Oliveira (2001) inicia as pesquisas acerca do período da extração da maniçoba no Sudeste Piauiense. Em sua pesquisa, buscou compreender como se deu o período da maniçoba na região e as relações que foram estabelecidas. Como resultado, enfatizou a relação conflituosa entre os colonizadores e os povos indígenas nativos do local, que por não terem escrito sua própria história, ficaram a mercê dos relatos daqueles que chegaram e narraram a história segundo seus interesses.

Oliveira, Bucu e Ignácio (2002), realizaram uma pesquisa de reconhecimento da área denominada como Trilha da Jurubeba, que recebeu o título “No Rastro da Maniçoba: Trilha interpretativa da Fazenda Jurubeba”. Esta trilha é composta pelos sítios arqueológicos Casa do Avô do Senhor Nivaldo; Toca do Alexandre; Casa Velha da Jurubeba; Casa do João Coelho; Casa do Nilton Coelho; Casa do Isaías Silva; Muro Histórico e Lajedo Escrito, todos interligados ao contexto histórico do plantio da maniçoba. Neste trabalho, as pesquisadoras observaram os modos de vida tradicionais dos fazendeiros e trabalhadores do período de plantio da maniçoba, que movimentou a economia piauiense entre os anos de 1900 e 1940. Dentre os vestígios arqueológicos evidenciados verificam-se estruturas de abrigos de taipa e tocas para a moradia dos trabalhadores da época, a casa do Avô do Senhor Nivaldo, que obteve grande representatividade financeira na época e por isso possui estrutura “suntuosa” em relação às demais, além dos vestígios arqueológicos que revelam o cotidiano das famílias que ali viveram na época. Como resultado, criou-se um circuito arqueológico histórico, a “Trilha da Jurubeba”, onde os turistas passam pelos locais em que as comunidades habitavam e realizavam suas atividades cotidianas.

Imagem 2: Mapa da Trilha Histórica da Jurubeba.



Fonte: Adaptado de Ignácio e Oliveira (2002).

Oliveira (2004) realizou um trabalho relativo à análise de estilos e técnicas dos materiais cerâmicos provenientes de escavações no Parque Nacional Serra da Capivara. O objetivo de estudar elementos como os estilos e técnicas aplicados no momento do fabrico da cerâmica foi útil para o estabelecimento de padrões e através deles compreender o contexto de quem o fez, observando os critérios de permanência e continuidade.

Silva (2006) realizou pesquisa buscando compreender através do material cerâmico e dos estudos etno-históricos a permanência e continuidade de grupos ceramistas na área do Parque Nacional Serra da Capivara. Por estes dois critérios o autor observou ter havido permanência de sociedades na região do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, contudo, sua continuidade não.

Oliveira (2007), com o objetivo de discutir o processo de colonização do Sudeste do Piauí nos séculos XVIII e XIX, buscou estabelecer uma nova visão da colonização, a partir da relação criada entre os grupos indígenas, colonizadores e o poder governamental. Deu ênfase às diversidades e especificidades desse processo

na região, nos âmbitos políticos, socioeconômicos e culturais. Além disso, buscou conhecer as identidades indígenas e sua história de resistências e adaptações na região. Como resultado, verificou a resistência e as misturas que foram estabelecidas no processo de colonização, evidenciando assim, a permanência dos povos indígenas na região.

Assis (2009) realizou trabalho monográfico na área onde hoje se localiza o sítio arqueológico Brejo de São João, possível remanescente de uma fazenda jesuítica. No local encontraram-se as ruínas de uma capela com presença de materiais históricos diversos. Como questionamento, a pesquisadora tentou identificar se a área do sítio arqueológico compunha um dos espaços de doação por Domingos Afonso Mafrense, previsto em seu testamento à Companhia Jesuítica. Pela materialidade de elementos católicos associados a elementos de sociedades tradicionais locais, possivelmente indígenas, inferiu que este sítio pertence ao contexto da colonização, confirmando a presença Jesuítica na região.

Imagem 3: Vista geral do Sítio Arqueológico Brejo de São João e seus respectivos setores de escavação.



Fonte: Acervo FUMDHAM.

Oliveira (2009) desenvolveu seu trabalho monográfico sobre o Sítio Histórico Casa do Avô do Senhor Nivaldo (Neco Coelho), remanescente da ocupação histórica local. “O sítio ocupado desde o início do século XX, quando a extração do látex da maniçoba para a produção de borracha, assim como a agricultura de aprovisionamento eram os pilares da economia regional” (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

Imagem 4: Vista geral do Sítio Arqueológico Casa do Avô do Sr. Nivaldo.



Fonte: Fundação Museu do Homem Americano 2001 (FUMDHAM).

Como objetivo da pesquisa a autora buscou identificar os espaços que compunham a casa rural denominada Casa do Avô do Senhor Nivaldo e as respectivas relações entre as estruturas de produção e de moradia encontradas e o contexto socioeconômico no qual estão inseridas. Como resultado de sua pesquisa, pela materialidade do sítio, em relação a sua estrutura e aos demais materiais como objetos de uso cotidiano; frascos de remédios e de perfumaria importados; e louças finas, foi possível observar que os moradores daquela casa gozavam de um poder aquisitivo elevado em relação às demais moradias do local, além disso, em relação a estrutura da casa observou a disposição dos cômodos e as informações que poderiam se inferidas a partir deles. Verificou espaços de convívio comum da família

e dois quartos isolados para o uso de suas filhas, que de acordo com relatos orais sofriam de alguma patologia.

Barreto (2012) defendeu dissertação sobre os índios Pimenteira na Região Sudeste do Piauí. Em sua pesquisa, enfatizou as relações entre indígenas e colonos no período da expansão agropastoril, entre 1769 e 1815. Observou as lutas, estratégias de sobrevivência, e misturas que foram estabelecidas nesse período, confirmando a presença e resistência indígena na região.

Ribeiro (2013) realizou seu trabalho de conclusão de curso sobre o Sítio Histórico Casa do Avô do Sr. Nivaldo. Ressaltou que o sítio insere-se no contexto espacial da Trilha da Jurubeba, que consiste em um conjunto de sítios históricos representados por unidades domésticas de produção.

Em seu trabalho, Ribeiro (2013) realiza um estudo acerca dos materiais evidenciados na casa intuindo uma compreensão das atividades domésticas desenvolvidas no cotidiano da família que ali residia:

A análise da materialidade oriunda do sítio Casa do Avô do Sr. Nivaldo proporcionará o entendimento dos aspectos do modo de vida destes sertanejos que estiveram envolvidos no sistema econômico da maniçoba. No entanto, esta pesquisa direciona-se para as atividades cotidianas desenvolvidas no contexto doméstico, até então pouco exploradas, mas que merecem ser destacadas, uma vez que essas pessoas que aqui se instalaram e permaneceram por décadas, viram nessa região um novo espaço propício para habitação e, assim, desenvolveram práticas do dia-a-dia. (RIBEIRO 2013, p. 42)

Como resultado, a pesquisadora confirmou a relação de poder que havia por parte dos moradores daquela moradia em relação aos demais moradores da região, que ao que tudo indica, trabalhavam em atividades braçais no plantio da maniçoba.

Oliveira (2015) propõe “[...] uma valorização dos usos, das interpretações, bem como das memórias dos grupos do entorno dos sítios e estabelecem uma significação com estes lugares.” Tais lugares se referem à área de estudo da comunidade Sítio do Mocó, localizada junto Parque Nacional Serra da Capivara, no município de Coronel José Dias. Trabalhando a oralidade das comunidades locais, o pesquisador objetivou compreender como ocorreu o processo de implantação do PARNA e quais as consequências geradas. Como resultado, observou uma dicotomia imperante entre o conhecimento científico e a comunidade, concluindo ser de extrema importância o rompimento as barreiras entre o conhecimento científico e os conhecimentos tradicionais.

Através do desenvolvimento destas pesquisas e da realização de novos trabalhos, compreende-se cada dia mais o período histórico no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno, enriquecendo ainda mais as pesquisas sobre as populações, permanência e continuidade na área.

3.1 Sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara com datações em até 500 anos de antiguidade

Para o recorte temporal desta pesquisa segregaram-se sítios arqueológicos cadastrados, escavados e com datações do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno. O objetivo da escolha destes sítios é relacionar a cultura material à historiografia e mais adiante, à oralidade.

Até o momento, os sítios arqueológicos que se enquadram no recorte temporal escolhido consistem num universo de 14 (catorze) e são os seguintes: Toca do Sítio do Meio, Toca do Buraco do Pajeu, Toca do Pitombi, Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada, Baixão da Serra Nova, Toca da Pedra Solta da Serra Branca, Toca do Estevo II, Lagoa do São Vítor, Toca do serrote da Bastiana, Toca do Gongo III, Canabrava, Toca do Serrote Tenente Luís, Aldeia do Carlos.

3.2 Sítio Arqueológico Toca do Sítio do Meio: Localização e características do sítio

A Toca do Sítio do Meio é um abrigo sob rocha²⁰. Situa-se na frente da *cuesta*²¹ da Serra Talhada na região do Parque Nacional Serra da Capivara, no Sudeste do Piauí. Formada por arenitos da bacia sedimentar Piauí-Maranhão, a Serra Talhada foi trabalhada pela erosão, formando um revelo do tipo ruiforme²².

²⁰Popularmente chamado na Arqueologia, o abrigo sob rocha constitui-se em um sítio arqueológico no qual é possível nele “abrigar-se” em função da parede rochosa que o compõe.

²¹*Cuesta* é uma forma de relevo dissimétrica constituída por uma sucessão alternada de camadas com diferentes resistências e desgastes que se inclinam em uma direção, formando um declive suave de um lado e abrupto do outro.

²²Ruiforme é um termo originário da geomorfologia que denomina o tipo de relevo onde a paisagem assemelha-se a ruínas abandonadas. Este processo ocorre devido à erosão pluvial ou eólica. Esta ação de intempérie ocorre em locais onde as rochas calcárias (calcário, mármore, dolomito) são abundantes.

Na formação do abrigo, as camadas de arenito são intercaladas por espessas lentes de siltito²³.

Situado no setor sul do Parque, tendo como coordenadas UTM L 770050 e UTM N 9023206, o Sítio do Meio foi localizado em 1973, durante o levantamento inicial dos sítios da região. Tem área total de aproximadamente 4000 m².

Imagem 5 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio do Meio.



Fonte: Fundação Museu do Homem Americano, 2006 (FUMDHAM).

Este sítio caracteriza-se pela presença de grandes blocos de arenito e siltito desprendidos do teto, ocupando desde a superfície atual até as camadas pleistocênicas. Os blocos dificultaram as escavações, mas asseguraram a preservação dos níveis arqueológicos.

²³Siltito é uma rocha sedimentar clástica formada por fenômenos de deposição e litificação de grãos com granulometria de silte, esse tipo de rocha é composta principalmente por quartzo, feldspato e argila.

Imagem 6 – Vista do Sítio do Meio.



Fonte: Acervo FUMDHAM - Fundação Museu do Homem Americano, 2006.

3.2.1 Vestígios arqueológicos

Nas paredes do Sítio arqueológico Sítio do Meio encontram-se pinturas rupestres da Tradição Nordeste²⁴ e nas paredes de um dos blocos desprendidos do teto há gravuras e pinturas.

Em uma das extremidades do abrigo existe o vestígio histórico de uma casa de farinha, utilizada por uma família que cultivava mandioca há 35 anos.

Foram encontrados vestígios de microfauna e vegetais. Referente à micro fauna, evidenciam-se vestígios de aves, répteis, pequenos mamíferos e pequenos roedores.

Vestígios líticos foram encontrados em quase todas as camadas, exceto na camada 07 e apenas um na camada 08. Lascas com retoques, lascas simples, lascas utilizadas, núcleos, lesma, *chopper*²⁵, percutor, faca com dorso, polidor e bigorna. Pode-se citar os seguintes artefatos com suas respectivas matérias-primas:

²⁴ Segundo Prous (1992) a Tradição Nordeste é representada por pinturas monocrômicas. Antropomorfos e zoomorfos são associados a sinais geométricos pouco numerosos. O que a caracteriza são cenas de caça, rituais dentre outras atividades do cotidiano do homem pré-histórico.

²⁵ *Chopper* é uma ferramenta lítica do tipo cortador, o que a particulariza é sua borda irregular formada a partir da eliminação de lascas retiradas de apenas um lado da matéria prima. A ferramenta lítica *chopper* mais antiga encontrada data o Paleolítico Inferior, há cerca de 2,5 milhões de anos atrás.

lasca utilizada, feita em siltito ou quartzito; bigorna, ocorre somente com siltito; e faca com dorso em sílex. Os demais tipos de artefato em menor ocorrência no sítio têm como matéria prima predominante o siltito.

Em laboratório, foi comprovada a presença de ocupações antigas pela potencialidade dos vestígios líticos, utilizados como ferramentas, lascas, núcleos e ainda fragmentos com marcas de uso, encontrados ao longo de toda a estratigrafia, associados ou não a uma grande quantidade de focos de carvão.

Em relação à cronologia recente, 94 fragmentos de cerâmica foram encontrados. Estes vestígios sugerem que todo material encontrado associado a ela seja referente a uma fossa (buraco) produzida por grupos mais recentes (históricos) para ser utilizado como área de refugio.

Para este sítio foi realizada uma datação de uma espiga de milho encontrada entre blocos que data 97,5 +/-0,7 BP.

3.2.2 Campanhas e escavações arqueológicas

O Sítio do Meio foi parcialmente escavado em sete campanhas, nos anos de 1978, 1980, 1991, 1992, 1993, 1999, 2000/2011.

Desde as primeiras sondagens, este sítio apresentou características peculiares quanto à cronologia de ocupação dos grupos humanos na área, com datações de 12200+/-600 e de um nível inferior de 13900+/-300 AP, realizadas a partir de carvões de fogueiras associadas ao material lítico encontrado.

Devido ao quadro cronológico atípico para as ocupações pré-históricas na América do Sul evidenciado em 1978, o sítio foi escavado nos anos de 1980, 1991, 1992, 1993, 1999, 2000 e 2010.

Na campanha de 1991, o objetivo era estabelecer um estudo comparativo entre uma crono-estratigrafia definida para o Sítio do Meio desde a escavação de 1980, com o Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada. Para isso, realizou-se um plano de cotas geral do sítio dividindo-o em cinco setores, programando-se a escavação em dois deles e mantendo os outros três como testemunhos (Setores 1,3 e 5).

O testemunho definido como Setor 3 foi escavado durante os anos de 1999 e 2000 e parte do testemunho delimitado como Setor 5 foi escavado em sondagens em 1999 e 2010.

Como resultado das campanhas de escavação foram evidenciados materiais líticos com presença de pigmentos, placas de ocre com retiradas e fragmentos de arenito, originários da parede do abrigo apresentando pinturas.

Com o recurso tecnológico de equipamentos de análise com espectrometria de Raios-X que vinha sendo utilizados em vários sítios com pinturas rupestre, optou-se por escavar uma parte do testemunho definido como Setor 1. O objetivo principal era escavar abaixo de um painel de pinturas de grande complexidade cenográfica, temática e habilidade técnica, buscando a presença de vestígios como restos de pigmentos ou instrumentos, possivelmente utilizados durante a produção pictórica dos painéis.

Na campanha de 2010/2011, inicialmente fez-se o levantamento topográfico geral e um dia de coletas de sedimento para análises com LOE (Luminescência Opticamente Estimulada), realizadas por Janine Laborda, em pontos predeterminados durante ida a campo em conjunto com Dra. Niède.

Feita esta etapa de campo, iniciou-se as atividades de escavação por níveis naturais. Nos primeiros níveis de escavação, foram evidenciados vestígios históricos e pré-históricos relacionados como resultado da perturbação do solo que é muito arenoso. Nas camadas inferiores, passa-se a evidenciar fragmentos cerâmicos, vestígios líticos e carvões associados a estruturas de fogueira.

3.3 Sítio arqueológico Toca do Buraco do Pajeú: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Toca do Buraco do Pajeú é um sítio sob abrigo maciço localizado em Canto do Buriti, Piauí na localidade Pajeú. Este sítio foi descoberto no ano de 1975, durante as primeiras missões arqueológicas.

No solo arenoso do sítio há muitos blocos caídos, alguns deles compunham painéis de pinturas rupestres e quando desprendidos as mantiveram impressas.

As paredes deste abrigo são cobertas com uma grande mancha preta e cinzas, que aparentemente são provenientes do grande fogo que foi posto no abrigo há cerca de vinte anos.

Imagem 7 – Vista do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Toca do Buraco do Pajeú.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2005 (FUMDHAM).

Imagem 8 – Vista do Sítio Toca do Buraco do Pajeú.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2005 (FUMDHAM).

3.3.1 Vestígios arqueológicos

O Sítio Arqueológico Toca do Buraco do Pajeú possui gravuras rupestres em seu contexto pertencente à Tradição Itacoatiara do Oeste²⁶. Existem também pinturas que em sua maioria não são mais nítidas, impossibilitando o aprofundamento dos estudos. Associados às representações pictóricas, foram encontrados amoladores e polidores.

Durante as escavações no sítio, foi evidenciada, em constância, a presença de estruturas de fogueiras, também foram encontrados fragmentos e concentrações de fragmentos cerâmicos. Em relação ao sedimento, em alguns perfis era possível observar uma coloração escura, acredita-se que manchas de combustão, bem como sedimento em coloração avermelhada, para este último, inferiu-se que pertencia aos pigmentos com os quais foram realizadas as pinturas rupestres.

Para este sítio, foi realizada a datação do sedimento encontrado, como resultado, obteve-se a cronologia de 130+/-50 BP.

3.3.2 Campanhas e escavações arqueológicas

No ano de 1975 foi feita uma sondagem, dela foram obtidos vestígios de materiais cerâmicos.

Em 1980, outra sondagem foi realizada, desta foram evidenciados alguns carvões e vestígios orgânicos provenientes de alimentos. Neste ano, foi observado que as pinturas praticamente desapareceram.

No ano de 1983 foram feitas novas sondagens. Devido as condições geomorfológicas do sítio e às fortes chuvas, a sondagem 2 terminou como um caos de blocos caídos por ação natural. A sondagem realizada denominada como 3 era estéril até a rocha.

Em 2004 foi realizada uma campanha de escavação arqueológica iniciada em 23 de agosto e finalizada em 15 de outubro. Nesta escavação a primeira camada apresentava-se perturbada com fezes de animais, pedaços de madeira e material

²⁶Para Martin (1996), corresponde a tradição Itacoatiara as gravuras indígenas realizadas nas rochas das margens e dos leitos de cursos d'água. Esta tradição presente em diversas partes do Brasil possui particularidades mediante a ampla geografia brasileira, por isso, a autora sugere que se estabeleçam tradições Itacoatiaras em todo o Brasil diferenciando-se de acordo com suas peculiaridades. A tradição Itacoatiara no Nordeste do Brasil possui representações de grafismos puros, porém deve-se registrar a presença de antropomorfos, sendo alguns deles muito bem elaborados. Há marcas de pés, representações zoomórficas e também representações enigmáticas. O que a particulariza é sempre sua relação com o culto das águas.

lítico. Na segunda camada, a 24 cm foram encontrados materiais líticos. No final da camada 2, foi encontrada uma pequena concentração de cerâmica. Na camada 4, foi evidenciada uma estrutura de fogueira. Na camada 7 foi evidenciada outra fogueira.

3.4 Sítio arqueológico Toca do Pitombi: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Toca do Pitombi é um sítio abrigo localizado na Serra do Gongo, território da Serra da Capivara. Este sítio fica na altura do leito do rio numa extensão de 25 m. A partir de 25 m até o fim do abrigo faz parte de uma garganta (pequeno *canion*) de aproximadamente 5 m no fundo, 15 m no alto (de largura).

O relevo é de alta vertente e a rocha que o constitui é resultado do contato entre o arenito e conglomerado. Parte do abrigo tem solo rochoso e a outra tem chão de arenito.

Imagem 9 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Toca do Pitombi.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2001 (FUMDHAM).

3.4.1 Vestígios arqueológicos

No sítio arqueológico Toca do Pitombi foram evidenciados alguns painéis de pintura rupestre em péssimo estado de conservação, estando às pinturas bem apagadas. Das poucas figuras em que é possível compreensão, é observável a representação de zoomorfos e antropomorfos.

Dentre os vestígios foram evidenciados material cerâmico, com acabamento superficial simples com alça decorada e vestígios de fogueira. Além destes vestígios, foram encontradas pequenas peças líticas.

Neste sítio foi realizada uma datação do sedimento que atingiu a data de 420 +/- 50 BP.

Imagem 10 – Vista geral do Sítio Toca do Pitombi.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2007 (FUMDHAM).

3.4.2 Campanhas e escavações arqueológicas

No ano de 1973 foi realizada uma sondagem, dela foi coletada uma amostra de carvão há 30 centímetros de profundidade que estava junto a blocos de pedra,

dos quais uma amostra foi retirada para análise. Nesta camada também foi encontrado um fragmento cerâmico.

Em 1980, uma nova sondagem foi feita. Na superfície foram encontrados restos de animais (ossos de roedores), cerâmica do tipo simples com alça decorada e pequenas peças líticas. Ao longo das escavações, apareceram grandes blocos e próximo à parede há um sedimento muito duro e algumas rochas decompostas.

No ano de 2001 foi realizada uma nova prospecção no sítio, com ela foi possível observar o estado de conservação das pinturas e do sítio em si. Segundo a pesquisadora, o estado é mediano, o teto do abrigo está em processo de decomposição, as paredes com muito cupim e salinização, deteriorando a cada dia os registros rupestres.

Devido à composição rochosa do solo, não foi realizado o trabalho de escavação.

3.5 Sítio arqueológico Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada é um sítio do tipo abrigo com aproximadamente 30 m, descoberto no ano de 1975. Sua localização dista apenas 1,5 km do sítio arqueológico Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional Serra da Capivara.

A rocha que o forma é uma pequena parte restante do arenito e conglomerado grosso exposto. Devido à erosão tanto na parede do abrigo como do solo, existe uma constante deterioração da rocha.

Neste sítio foram evidenciadas pinturas rupestres que estavam em grande parte recobertas pelo sedimento do local.

3.5.1 Vestígios arqueológicos

No sítio há pinturas rupestres diversas, com grafismos geométricos e representação de zoomorfos, segundo as pesquisadoras aparentemente no local havia mais pinturas.

Imagem 11 – Contexto geomorfológico do Sítio Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2009 (FUMDHAM).

Imagem 12 – Vista geral do Sítio Toca do Baixão da Pedra Furada.



FONTE: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, 2007.

Além das pinturas, foram plotados ao longo da escavação fragmentos cerâmicos, poucos líticos e conchas de rio fragmentadas. Poucos níveis abaixo evidenciou-se uma faixa de sedimento alaranjado, também foram encontradas manchas de combustão que foram registradas com fotos e pontos topográficos que as delimitaram e registraram sua profundidade no contexto da escavação.

Para este sítio foram realizadas datações de um fragmento cerâmico e carvões. Para o fragmento cerâmico, obteve-se a datação de 420+/-80 BP, para um dos carvões, que estava no contexto estratigráfico de uma faca, obteve-se a datação de 360+/-60 BP, para a outra amostra de carvão, atingiu-se a datação de 270+/-60 BP.

3.5.2 Campanhas e escavações arqueológicas

No ano de 1975 foi realizada uma prospecção para o reconhecimento da área no sítio, nesta expedição foi observado o contexto ambiental e geomorfológico do sítio, além dos painéis de pinturas rupestres.

Em 1985, uma nova campanha foi realizada no sítio para a catalogação dos registros rupestres.

Em 2001 uma nova expedição foi feita no sítio para acompanhar seu estado de conservação. Nesta campanha também foi considerada a possibilidade de realização de escavações arqueológicas. O estado de conservação da rocha do sítio era bem deteriorado, a rocha estava bem decomposta e possuía grande concentração de casas de maribondo e Maria pobre.

Ainda em 2001, uma campanha de escavação arqueológica foi feita entre 02/02/2001 até 12/04/2001. Na superfície do sítio, fragmentos cerâmicos foram encontrados, sugerindo um período recente. No setor 1, na primeira decapagem foi encontrado um raspador e um fragmento cerâmico. Há aproximadamente 60 cm foi encontrada uma estrutura de fogueira com fragmentos cerâmicos. Intensificando a escavação da fogueira as pesquisadoras da escavação chegaram à conclusão de que poderia pertencer a um grupo ceramista. Ao longo da escavação, mais estruturas de fogueiras com fragmentos cerâmicos foram encontrados, a recorrência de material lítico era reduzida.

No setor 2 foi encontrada uma pequena toca, em seu interior haviam alguns fragmentos cerâmicos. Neste momento da escavação, as pinturas se tornam mais

evidentes, estas são compostas por representações de bastonetes e zoomorfos, que parecem representar onças e cervídeos.

Avançando as escavações, os vestígios continuam sendo compostos por fragmentos de cerâmica, poucos líticos e conchas de rio fragmentadas. O sedimento avermelhado (alaranjado) vem destacando-se no setor 1 próximo da concavidade da toca e, o riacho que passa pelo sítio ficou mais estreito e com pequenos regos em direção ao lado interno da toca.

Nas decapagens mais profundas, a recorrência de material cerâmico se reduz e de materiais líticos aumentam, as principais matéria primas para a confecção da ferramenta são sílex e quartzo. Em relação às fogueiras e/ou estruturas de combustão também permanecem.

3.6 Sítio arqueológico Baixão da Serra Nova: Localização e características do sítio

Imagem 13 – Vista do contexto ambiental do Sítio Baixão da Serra Nova.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2008 (FUMDHAM).

O Sítio Arqueológico do Baixão da Serra Nova localizado nas coordenadas UTML 0773089 23L UTMN 9025508 é classificado como aldeia ceramista. Situado na localidade Serra Nova/Barreirinho, no município de Coronel José Dias encontra-se no interior das terras do Senhor Zeca Belisário, na comunidade Barreirinho.

A área do sítio, é composta pela vegetação do tipo caatinga, com o tipo de solo arenoso, é uma área composta também por árvores de pequeno porte e vegetação rasteira.

3.6.1 Vestígios arqueológicos

Por tratar-se de um sítio aldeia ceramista, uma grande quantidade de vestígios cerâmicos foram encontrados em superfície, tais como: fragmentos cerâmicos lisos e corrugados, bolinhas de cerâmica e cachimbo.

Foram encontrados ossos queimados de veado e carapaças de tatu, aparentemente recentes. Em número reduzido, foram encontradas ferramentas líticas tais como lascas e núcleos e uma machadinha feitos em sílex.

Imagem 14 – Vista geral do Sítio Baixão da Serra Nova com vestígios arqueológicos plotados.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2008 (FUMDHAM).

3.6.2 Campanhas e escavações arqueológicas

No ano de 1973, foi realizado o trabalho de prospecção para o reconhecimento da área. Nesta expedição, também foi feita a coleta de material de superfície, tais como lascas e núcleos, um fragmento de machado e alguns fragmentos cerâmicos lisos e corrugados. O material arqueológico encontrado estava misturado aos restos de uma antiga moradia. No sítio, há forte erosão e muito material rolado.

Em 2008, entre os dias 17/03 a 20/03/2008 uma nova campanha foi realizada para coleta de materiais em superfície.

Na coleta de superfície, foram encontrados material cerâmico, louça, vidro, chocalhos e ossos. Segundo a pesquisadora, estes materiais parecem pertencer a um período próximo, uma vez que se trata de uma região habitada recentemente. Também foi encontrado um fragmento de cachimbo, bolinhas de cerâmica, uma machadinha e duas peças que supostamente podem ser uma rodela de ferro.

Em menor quantidade, foram coletadas ferramentas líticas predominantemente feitas de sílex e arenito.

3.7 Sítio arqueológico Toca da Pedra Solta da Serra Branca: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Toca da Pedra Solta da Serra Branca é um abrigo-sob-rocha situado nas coordenadas UTML 753467 e UTMN 9051715, a 382m de altitude. Este abrigo se formou a partir do processo erosão fluvial em um morro testemunho da Bacia Sedimentar do Parnaíba.

O abrigo é pequeno, a parede do fundo está coberta por figuras rupestres e algumas inscrições feitas pelos primeiros colonizadores que chegaram à região, os maniçobeiros, vindos, principalmente, de Pernambuco.

Imagem 15 – Contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Pedra Solta da Serra Branca.



FONTE: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, 2006.

Imagem 16 – Vista geral do Sítio Pedra Solta da Serra Branca.



FONTE: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, 2012.

Morfologicamente o morro que hoje forma o sítio, constituía um enorme bloco isolado na lateral de um vale fóssil, separando o leito principal do rio, de um braço que nascia na margem direita. Todo esse sistema de drenagem, que ainda tinha partes perenes até os anos 70, está hoje completamente assoreado. O bloco era, portanto, uma ilha e em todo seu perímetro existem outros abrigos, a maioria com pinturas.

3.7.1 Vestígios arqueológicos

Na superfície e até a quarta decapagem, a uma profundidade de 30 cm foram encontrados vestígios de populações históricas, como fragmentos de cerâmica, candeeiros, pedras para amolar, restos de carapaças de tatu, ossos de animais da fauna atual, plástico, couro, sementes de mucunã, pedaços de folha de Flandres e restos de madeira trabalhada.

Dos fragmentos cerâmicos, a maioria foi feito com a técnica acordelada. Em relação à tipologia, a maioria pertence ao tipo simples e apenas uma ínfima minoria corrugada. Os materiais líticos encontrados se distribuem entre: estilhas, lascas com e sem córtex, seixos com marca de uso, seixos com 01, 02 e 03 lascamentos, núcleo, ferramentas retocadas e lâmina. O material pré-histórico encontrado foi escasso, composto por 231 peças líticas e três amostras de carvão, provenientes de fogueiras não estruturadas.

3.7.2 Campanhas e escavações arqueológicas

A primeira expedição ao local foi feita no ano de 1975. Neste momento foi realizado o trabalho de caracterização do sítio, observando-se todo o contexto ambiental, hídrico e geomorfológico.

Em 1996 uma nova campanha foi feita para observar o grau de conservação do sítio, como resultado, constatou-se uma alta degradação das pinturas devido ao salitre.

No ano 2000 a equipe de conservação foi ao sítio realizar atividades de curadoria, em específico nas representações rupestres que haviam sofrido intervenções dos agentes de intempérie e sido pichadas.

Em 2002 foi realizada uma campanha de escavação arqueológica onde foram evidenciados vestígios em sua maioria históricos, tais como fragmentos cerâmicos e, em minoria pré-históricos, representado por ferramentas líticas.

No ano de 2012, foi feita uma nova prospecção até o sítio para observação do estado de conservação e potencial. Os pesquisadores envolvidos descreveram detalhadamente as informações observadas. Reforçaram as observações sobre a presença de cerâmica na superfície do sítio, das pinturas rupestres com representações de zoomorfos e antropomorfos e, gravuras realizadas desde períodos pré-históricos, até os maniçobeiros.

No mesmo ano, pesquisadores que trabalhavam em sítios nas proximidades, vão até o Sítio Toca da Pedra Solta da Serra Branca e observam a incidência de insetos, fungos e salitre danificando os painéis pictóricos.

Para este sítio foi realizada a datação de uma madeira encontrada no orifício de uma das paredes do abrigo, talvez um indicativo do uso de uma rede, como resultado, obteve-se a datação de 400+/-60 BP.

3.8 Sítio arqueológico Toca do Estevo II: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Toca do Estevo II localiza-se no Baixão do Veredão, em São João Vermelho município de João Costa. É um sítio abrigo sob rocha com pinturas rupestres, a princípio reconhecidas como pertencentes à Tradição Nordeste, onde há predominância de representações de antropomorfos e zoomorfos.

O sítio se encontra sob as coordenadas geográficas 23L 0781730/9046414, sendo de difícil acesso, para chegar ao sítio é necessário percorrer trilhas estreitas. Em suas proximidades, existe um caldeirão²⁷ motivo que pode ter atraído as populações que se instalaram no local.

3.8.1 Vestígios arqueológicos

²⁷ Na região, é denominado caldeirão um reservatório de água que pode ter origem natural ou antrópica.

Este sítio não sofreu intervenção de escavações arqueológicas, os materiais encontrados foram evidenciados em superfície. Nela foram encontradas ferramentas líticas e uma grande quantidade de seixos rolados.

Além destes vestígios em superfície, painéis com pinturas rupestres são evidenciados, chama a atenção o tamanho de algumas representações de capivaras que medem entre 20 e 30 cm. Nestes painéis também é possível ver representações de antropomorfos.

Imagem 17 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Toca do Estevo II.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2007 (FUMDHAM).

Imagem 18 – Vista geral do Sítio Toca do Estevo II.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2007 (FUMDHAM).

Para este sítio arqueológico foi realizada uma datação correspondente a um vestígio de carvão evidenciado em limpeza de superfície, como resultado, obteve-se a datação de 210 +/- 40 BP.

3.8.2 Campanhas e escavações arqueológicas

Em 1980 foi realizado o primeiro contato com o sítio. Na ficha cadastral constam informações sobre o contexto ambiental da área, sobre os materiais evidenciados em superfície e sobre os painéis pictóricos.

No ano de 1996, foi realizada uma visita ao sítio para a observação do seu estado de conservação. Observou-se o deslocamento das rochas, prejudicando as pinturas.

Em 2012 a equipe de conservação da Fundação Museu do Homem Americano foi até o sítio coletar informações. Nesta visita não foram evidenciados problemas a resolver. Atualizaram-se os dados e realizaram-se o levantamento fotográfico.

3.9 Sítio arqueológico Lagoa do São Vítor: Localização e características do sítio

O Sítio arqueológico e paleontológico Lagoa do São Vítor é um sítio lagoa fóssil que, mediante datações de vestígios arqueológicos remete ao Pleistoceno superior e começo do Holoceno.

O sítio foi descoberto ainda na década de 1970, mas as primeiras escavações arqueológicas ocorreram apenas no ano 2010. Localizado na zona rural do município de São Raimundo Nonato, no povoado São Vítor.

Provenientes das escavações foram encontrados restos de megafauna do Pleistoceno superior e do começo do Holoceno, totalizando quase 500 restos de mamíferos fósseis pertencentes à cerca de vinte espécies distintas.

Historicamente, o contexto da Lagoa do São Vítor é considerado território quilombola²⁸.

Imagem 19 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Lagoa do São Vítor.



FONTE: Blog Tommy na estrada, 2016.

3.9.1 Vestígios arqueológicos

²⁸Segundo informação extraída da Regularização de Comunidade Quilombola do INCRA, de acordo com o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003, comunidades quilombolas são consideradas remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Na superfície da lagoa, além dos afloramentos do material ósseo da megafauna, foram evidenciados materiais líticos. Em relação à megafauna, o grupo mais abundante, por sua vez, é o das preguiças gigantes, constando mais da metade dos vestígios encontrados.

Encontrou-se 3.489 artefatos líticos, 261 fragmentos cerâmicos, 20 fragmentos de louça e ainda coletadas para análise e datação, 19 amostras de sedimentos e 03 de carvão. Também foram encontradas estruturas de pedras que remetem a construções históricas do período colonial.

Imagem 20 – Vista geral do Sítio Lagoa do São Vítor.



FONTE: Acervo UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2010.

3.9.2 Campanhas e escavações arqueológicas

Na década de 1970, a arqueóloga Niède Guidon toma conhecimento da área de lagoa no povoado São Vítor e o registra como sítio arqueológico e paleontológico.

No sítio houve apenas uma campanha de escavação arqueológica no ano de 2010. Nesta campanha foram coletados todos os materiais citados e seu respectivo contexto foi registrado.

Para este sítio foi realizada a datação de um fragmento de carvão encontrado em uma trincheira na segunda decapagem. Para ele foi confirmada a cronologia de 360 +/- 40 BP.

3.10 Sítio arqueológico Toca do Serrote da Bastiana: Localização e características do sítio

Imagem 21 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Toca do Serrote da Bastiana.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2008 ((FUMDHAM).

Trata-se de um sítio abrigo sob rocha muito destruído pela ação humana devido a extração de calcário para a produção de cal. Nele existem gravuras da Tradição Itacoatiara e pinturas da Tradição Agreste²⁹ e Nordeste³⁰.

²⁹Para PESSIS e GUIDON (2012) [...] a tradição Agreste, caracterizada pela presença de figuras humanas de forma muito típica, raras figuras de animais e um número importante de grafismos puros. São também muito raras as composições representando ações, e as figuras sempre são representadas estáticas. Em alguns casos pode-se ter a impressão de se ver uma representação de uma caçada, mas o único indício visível é a proximidade pictural entre uma figura humana e um

Imagem 22 - Vista geral do Sítio Toca do Serrote da Bastiana.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2008 (FUMDHAM).

3.10.1 Vestígios arqueológicos

Dos vestígios arqueológicos relatados no arquivo documental da FUMDHAM, constam apenas informações relacionadas à presença de pinturas rupestres no sítio.

Neste sítio foi datada uma amostra de carvão no contexto de um esqueleto evidenciado, como resultado obteve-se a cronologia de 129.7 anos BP.

3.10.2 Campanhas e escavações arqueológicas

animal, não aparecendo gestos ou armas que permitam uma afirmação segura do tipo de ação desenvolvida. [...] a maior concentração de sítios acha-se na região do Agreste do Estado de Pernambuco.

³⁰Para PESSIS e GUIDON (2012) [...] O apogeu das obras rupestres da tradição Nordeste ocorre por volta de 10 mil anos atrás, coincidindo com o mais alto grau da qualidade técnica da indústria de pedra lascada na região. A evolução do primeiro período se manifesta em uma diversificação temática e em uma complexidade dos agenciamentos na representação de ações. [...] assim, no primeiro período, as representações de atividades de caça comportam duas figuras, o caçador e o animal, e as representações sexuais têm dois parceiros; ao passo que, no apogeu da tradição, esses mesmos temas são representados com a participação de um maior número de pessoas.

No ano de 1998, foram coletados materiais para a datação das pinturas do abrigo.

Em 2001, pesquisadoras visitaram o sítio para acompanhar o estado de conservação de todo o contexto do sítio, evidenciando degradação antrópica, para a retirada de calcário e, natural, pela salinização e incidência de mofo.

No ano de 2007, foi realizada uma expedição arqueológica para a realização da topografia do sítio e realização de trincheiras para coleta de sedimento a fim de observar o contexto crono-espacial do sítio.

Em 2010, foi realizada uma campanha arqueológica com novas tecnologias para coleta de material para a datação das pinturas do sítio. Utilizando um equipamento chamado serra copo, acoplado a uma furadeira é possível retirar um pedaço da rocha contendo a pintura e o véu de calcita que se encontra sobre ela, infelizmente a tentativa foi frustrante e as amostras foram retiradas como na maneira anterior.

No ano de 2012 uma campanha para a conservação do sítio foi realizada, nela foram executadas as seguintes atividades: limpeza de superfície, limpeza parede rochosa, retirada da casa de vespas, retirada de exus e, limpeza da urina e fezes de mocó.

3.11 Sítio arqueológico Toca do Gongo III: Localização e características do sítio

O sítio Toca do Gongo III está localizado no Parque Nacional Serra da Capivara, na região do Gongo, município de João Costa - PI, sob as coordenadas geográficas 23L 772685/9043155. Situa-se em baixa vertente e é um abrigo-sob-rocha, do qual o processo de erosão gerou em um grande matacão. A área abrigada do sítio é de aproximadamente 50m de extensão com 7m de profundidade e apresenta duas aberturas. Na abertura ao norte, há um rebaixamento do teto do abrigo e grande quantidade de blocos caídos e na outra a oeste, localizam-se os painéis de pinturas rupestres na cor vermelha, caracterizadas como tradição Nordeste.

Neste sítio também constam vestígios de pinturas rupestres em seus paredes.

Segundo o primeiro relatório sobre o sítio, na Chapada em volta desse Baixão há notícias de três grandes aldeias com presença de muitos fragmentos cerâmicos. Na toca no interior do abrigo, foram encontrados restos de cerâmica utilizada. Em 1973, quando o sítio foi descoberto era utilizado como região para a lavoura.

Imagem 23 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Toca do Gongo III.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2009 (FUMDHAM).

Imagem 24 – Vista geral do Sítio Toca do Gongo III.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2008 (FUMDHAM).

3.11.1 Vestígios arqueológicos

Desde a superfície do sítio foram evidenciados muitos fragmentos de materiais cerâmicos corrugados, alguns deles possuindo marcas de uso.

Além dos fragmentos cerâmicos existem materiais líticos, vestígios de microfauna, estruturas de combustão e painéis de pinturas rupestres da Tradição Nordeste.

3.11.2 Campanhas e escavações arqueológicas

Em 1973, em campanha franco-brasileira a equipe da arqueóloga Niède Guidon encontra o sítio arqueológico Gongo III, neste momento, o sítio passa por intervenções arqueológicas de sondagens. Na primeira sondagem, há 40 cm além dos fragmentos cerâmicos que foram evidenciados ao longo de toda a escavação, aparece uma estrutura de fogueira. Tal como na primeira sondagem, na outra feita ao Nordeste do sítio também foram evidenciados os mesmos vestígios (fragmentos cerâmicos e carvão proveniente de fogueiras de natureza antrópicas).

De maio a outubro do ano de 2013 foi realizada uma nova campanha com o objetivo de realizar escavações arqueológicas. Desta campanha, foram evidenciados 12 enterramentos, além de vestígios líticos, cerâmicos, microfauna e estruturas de combustão.

Dos 12 enterramentos encontrados durante os trabalhos de escavação no sítio arqueológico Toca do Gongo III, 4 são do tipo direto³¹ e 8 são do tipo indireto³². Dentre os 12 enterramentos, para 5 foi possível a realização das escavações em campo, para os demais foi aplicada a técnica de encasulamento³³ e transportados para o laboratório de vestígios orgânicos da FUMDHAM.

A maioria dos vasilhames cerâmicos utilizados como urnas funerárias, possuía tratamento de superfície interno alisado e externo corrugado.

3.12 Sítio arqueológico Canabrava: Localização e características do sítio

³¹Enterramento do tipo direto constitui na técnica de enterrar os cadáveres em covas diretamente no solo.

³²Enterramentos do tipo indireto são aqueles em que o cadáver é depositado em algum objeto, no caso da região em vasos de cerâmica e apenas posteriormente depositada no solo.

³³O procedimento de encasulamento é muito recorrente na arqueologia quando não há a possibilidade de escavação do esqueleto em campo. Para isso, realiza-se o encasulamento do esqueleto - que pode estar depositado em urna ou não - com o uso de gazes e gesso, mantendo-o estático o suficiente para ser transportado a um local onde a escavação pode ser realizada, preservando assim, a integridade do vestígio arqueológico.

O sítio Canabrava situa-se entre as coordenadas 9°06' 18''S e 43°09'35''W, no município de Jurema, próximo aos municípios de Caracol e de Anísio de Abreu. Caracteriza-se por ser um sítio aldeia a céu aberto, situado em um vale rodeado por serras que formam um Boqueirão.

Sua geomorfologia é caracterizada por uma colina levemente suave dentro de um vale interno ladeado pelas serras.

Para os pesquisadores que fizeram o reconhecimento da área, este sítio tratava-se de uma aldeia ceramista que se localizava na formação geomorfológica da depressão São Franciscana.

Como problemática, em 1997 o sítio estava inserido em uma fazenda que neste momento estava sendo preparada para o cultivo de bananas, o que impossibilitou que ocorressem escavações arqueológicas.

Imagem 25 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Canabrava.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 1997 (FUMDHAM).

Imagem 26 – Vista geral do Sítio Canabrava.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 1997 (FUMDHAM).

3.12.1 Vestígios arqueológicos

Localizamos neste sítio duas estruturas de fogueiras e seis urnas funerárias (quatro inteiras e duas fragmentadas).

Há 20 cm de profundidade, havia em toda a sua extensão, uma grande concentração de vestígios (líticos, cerâmicas, microfaunas, malacológicos, um adorno (ponta de colar), e carvões que foram datados pelo C 14 de 490 ± 50 BP).

A cerâmica encontrada no Sítio Canabrava diverge da demais cerâmicas encontradas no contexto do enclave arqueológico³⁴ do Parque Nacional Serra da Capivara, sugerindo um grupo ceramista diferente na região. Neste sítio, predomina uma cerâmica com o tratamento de superfície alisado e com pasta de textura grosseira. As técnicas decorativas existem em menor quantidade e consiste em incisões e impressões sobre a borda, próximo ao lábio. Além das vasilhas outros objetos foram confeccionados, como fusos, adornos e cachimbos.

³⁴Segundo Guidon, Pessis e Martin, enclave Arqueológico corresponde a uma unidade territorial com densa concentração de vestígios arqueológicos indicadores da presença humana contínua durante longos períodos de tempo (1990 p. 124).

O material lítico é composto por uma grande quantidade de machados em granito, polidos, em forma de cunha ou semilunar, lascas, núcleos e batedores em quartzo, quartzito, calcita, óxido de ferro e sílex.

Para este sítio foi obtida a datação de 490 +/- 50 BP a partir de uma amostra de carvão do contexto de uma fogueira da quinta decapagem.

3.12.2 Campanhas e escavações arqueológicas

A FUMDHAM tomou ciência do sítio no final do ano de 1996, quando o proprietário da fazenda observou a presença de esqueletos em covas que havia feito para o plantio de banana. A primeira visita ao Sítio foi feita com a finalidade de avaliar as condições dos trabalhos de pesquisa que seriam desenvolvidos na semana vindoura.

Em duas covas que foram abertas para plantar as bananeiras, havia duas “urnas” funerárias. Em superfície foram encontrados fragmentos de cerâmica e material lítico em uma vasta área. Segundo a pesquisadora, “O arado e o trator haviam passado neste setor várias vezes. Tudo indica que por isso não havia mais vestígios das manchas de terra escura, possíveis fundos das cabanas” (ALVES, 1997).

Devido à emergência de salvamento dos materiais e o contexto de propriedade privada do sítio, foi decidida a realização de uma coleta superficial, plotando em planta a distribuição dos vestígios. Para a salvaguarda dos vasos cerâmicos, era necessário seu transporte para somente em laboratório ser escavado, assim eles seriam retirados em “casulos” feitos de gesso.

3.13 Sítio arqueológico Toca do Serrote Tenente Luís: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Toca do Serrote do Tenente Luís é uma feição geomorfológica caracterizada como gruta³⁵. Localiza-se no entorno do Parque

³⁵“Gruta é uma cavidade de formas variadas que aparece mais freqüentemente nas rochas calcárias ou em arenito de cimento calcário. Esses buracos são realizados pela dissolução do carbonato de cálcio produzida pelo ácido carbônico, pela erosão mecânica e

Nacional Serra da Capivara, sob as coordenadas geológicas UTMS 783909 e 9024947, a nove quilômetros a leste da cidade de Coronel José Dias, região sudeste do Estado do Piauí, entre os municípios de São Raimundo Nonato e João Costa.

A Toca do Serrote do Tenente Luís, juntamente com outros serrotes da região do Parque Nacional Serra da Capivara (Ester, Caldeirão e Cícero), faz parte de uma vasta extensão calcária cujas porções altas emergem, dando origem a unidades morfológicas. Este conjunto de serrotes representa, muitas vezes, o reflexo da tectônica compressiva que determina a distribuição espacial dos serrotes. Eles apresentam uma morfologia bastante carstificada e devido a isso, são alvos da exploração de cal, causando a descaracterização dos sítios.

Imagem 27 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do Sítio Toca do Serrote Tenente Luís.



FONTE: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, 2006.

também pela pressão hidrostática. Constituem, às vezes, verdadeiros salões, geralmente muito procurados pelos turistas” GUERRA e GUERRA, 2003.

Imagem 28 – Vista geral do Sítio Toca do Serrote Tenente Luís.



FONTE: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, 2006.

3.13.1 Vestígios arqueológicos

Dos vestígios arqueológicos encontrados, foram evidenciados grande quantidade de fragmentos cerâmicos, urnas funerárias, alguns líticos, carvão, carapaças de animais e malacológicos.

O material que mais se destaca no sítio são as urnas funerárias com esqueleto, por sua expressiva quantidade e os esqueletos humanos, pelo mesmo motivo, margeando 20 esqueletos humanos enterrados em urnas ou diretamente em fossas simples feitas no solo.

Neste sítio foi realizada a datação do sedimento da quinta camada que estava em associação a um osso de paleofauna, que atingiu a antiguidade de 365+/- 40 BP.

3.13.2 Campanhas e escavações arqueológicas

A primeira campanha de escavação arqueológica no sítio Toca do Serrote do Tenente Luís teve início em outubro de 2001. Neste momento observou-se a forte perturbação que o sítio vinha sofrendo pela extração de calcário, além deste fator o sítio trata-se de um lugar de passagem de água, o que contribui para a perturbação do local. Como resultado das escavações, foram exumados mais de vinte esqueletos humanos. Alguns estavam depositados em urnas funerárias e outros em fossas simples.

Os ossos encontrados no interior das urnas apresentavam um bom estado de conservação por estarem protegidos dos efeitos das umidificações e ressecamentos sazonais típicos das oscilações climáticas atuais. A maior parte dos esqueletos das urnas pertencia a crianças que estavam em posição fetal.

No ano de 2002/03, foram feitas 03 trincheiras para observar o potencial do sítio, como resultados foram obtidos materiais líticos, cerâmicos, malacológico, carvão e carapaças de animais. Também foram encontrados ossos, crânios, dentes e esqueletos humanos, estes últimos por sua vez, podiam ser encontrados em urnas funerárias ou depositados diretamente no solo.

Em resposta aos esqueletos/ossos humanos, os pesquisadores desta campanha de escavação Fatima Luz e Celito Kesting elaboraram as seguintes hipóteses:

- Hipótese 1: os esqueletos Das urnas são mais recentes que os de sepultamento, no solo, sem urna;
- Hipótese 2: Houve dois grupos distintos, cada qual com uma tradição característica de sepultamento;
- Hipótese 3: O grupo que sepultava seus mortos em urnas cerâmicas conhecia a existência de grupos humanos antecessores, mas por ser de tradição diferente, não repetiu as práticas e rituais de enterramento de seus antecessores;
- Hipótese 4: o grupo responsável pelo sepultamento em urnas cerâmicas pertencia à tradição tupi-guarani que, pressionado pelos colonizadores portugueses, refugiou-se no Sudeste do Estado do Piauí, tendo antes habitado a região da costa do Nordeste do Brasil. Repetiu as mesmas práticas e rituais funerários de seus lugares de origem;

- Hipótese 5: Os enterramentos sem urnas, ocorreram antes da colonização portuguesa e os enterramentos com urna depois ou durante o período da colonização.

No ano de 2006 uma nova campanha de escavação foi realizada no então denominado Setor III. Inicialmente fez-se o trabalho de topografia na área e a limpeza de superfície, que vinha sofrendo intervenção pela extração de cal.

O material arqueológico coletado no Setor III corresponde a material lítico, cerâmico, um dente humano e vestígios malacológicos, totalizando 28 vestígios. Pelo contexto deste setor e da deposição do material no sedimento constatou-se que os mesmos não estavam *in situ*, sendo transportados para o local provavelmente por águas pluviais e/ou pela atividade extrativa de calcário.

3.14 Sítio arqueológico Aldeia do Carlos: Localização e características do sítio

O sítio arqueológico Aldeia do Carlos foi descoberto no ano de 1973, denominado pelos moradores da região como Aldeia de Índios ou Acampamento Embuzeiro. O sítio é a céu aberto, distante 2km do Sítio Toca do Gongo III.

A equipe da FUMDHAM, no ano de 2006, em campanha arqueológica realizou coleta de superfície sistemática dos artefatos e levantamento planimétrico do sítio. Nessa ocasião foram coletados 57. 292 (cinquenta e sete mil e duzentos e noventa e dois) fragmentos cerâmicos, 44 fragmentos de discos e 78 fragmentos de Cachimbos. Além dos vestígios materiais cerâmicos, foram coletados também vestígios materiais líticos, classificados como lascas retocadas e sem retoques, raspadores, núcleos e, percutores.

De acordo com AZEVEDO (2011), o sítio apresenta três períodos de ocupação distintos, 300-400, 600-800 e 1100- 1200 anos B.P.

3.14.1 Vestígios arqueológicos

O material predominante no sítio é o cerâmico, constando 57. 292 fragmentos cerâmicos, 44 fragmentos de discos e 78 fragmentos de Cachimbos. Além destes vestígios foram coletados materiais líticos, classificados como lascas retocadas e sem retoques, raspadores, núcleos e, percutores.

Imagem 29 – Vista geral do contexto ambiental e geomorfológico do sítio arqueológico Aldeia do Carlos.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2006 (FUMDHAM).

Há aproximadamente 500, 800 metros do sítio foi localizada uma indústria lítica, denominada como Oficina Lítica do Cacique, associada a ela foram evidenciados materiais cerâmicos.

Para este sítio foram realizadas apenas duas datações dentre os fragmentos cerâmicos que são tão numerosos. Ambos os carvões datados pertencem a terceira decapagem e como resultado obtiveram-se as datas de 359 BP e 317 BP.

3.14.2 Campanhas e escavações arqueológicas

Em 1973 a equipe franco-brasileira toma conhecimento deste sítio através de informações de um morador, neste momento as observações sobre o sítio foram registradas, também foram realizadas sondagens para compreender um pouco mais sobre o sítio, como resultado foram coletados fragmentos cerâmicos e líticos, manchas pretas foram evidenciadas no solo.

No ano final do ano de 2006 foi realizada uma campanha de escavação arqueológica. Assim que chegaram ao sítio, a equipe de campo fica surpresa com a

quantidade de vestígios cerâmicos em superfície, e logo nas primeiras camadas foram evidenciados fragmentos de materiais cerâmicos diversos e cachimbos. Nesta campanha foi realizado o trabalho de topografia do sítio.

Logo no início do ano de 2007 foi feita uma nova campanha de escavação arqueológica, nela foram realizados os mesmos procedimentos – de topografia e coleta de materiais – possuindo resultados semelhantes, uma grande quantidade de vestígios cerâmicos e uma ínfima proporção de materiais líticos.

Para fins ilustrativos, a tabela abaixo oferece dados acerca dos materiais datados nos sítios arqueológicos acima citados.

Imagem 30 – Vista geral do sítio arqueológico Aldeia do Carlos.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano, 2006 (FUMDHAM).

Pelos perfis dos materiais enviados para datação dos sítios arqueológicos acima citados, observa-se uma constante relação com a comprovação de uma antiguidade mais recuada para o contexto do Parque Nacional Serra da Capivara, o que reflete nas pesquisas realizadas, no direcionamento das que serão feitas e nos resultados das análises do sítio.

Propõe-se que, tal como é priorizada e a cada dia comprovada a presença muito recuada do homem no território do Parque Nacional Serra da Capivara,

busque-se demonstrar também a permanência de sociedades nesta região, o que traz um envolvimento automático com a causa indígena tão evidenciada na região.

3.15 Análise dos dados

Durante o trabalho de análises dos documentos e dos vestígios materiais dos sítios arqueológicos para esta pesquisa, observou-se uma predominância por pesquisas voltadas para um grande recuo cronológico, o que influenciou as escavações e análises laboratoriais realizadas ao longo dos quarenta anos de pesquisas no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno.

Mediante este direcionamento cronológico, existe uma relativa escassez de pesquisas sobre os vestígios arqueológicos históricos, o que limita os estudos sobre as sociedades mais recentes. Mesmo com a carente atenção para os materiais arqueológicos mais recentes, é possível levantar inferências acerca da continuidade de sociedades que habitaram no território do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno. Isso se reflete na multiplicidade de histórias e modos de fazer observáveis nas comunidades que hoje residem na região.

Em relação às pesquisas sobre cerâmica para a área do Parque, pela documentação e materialidade salvaguardada na Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) é observável a presença de aldeias em que o material era manufaturado, além de locais em que o uso da cerâmica é observável através de escavações arqueológicas.

Além de vestígios cerâmicos, são evidenciados outros tipos de materiais arqueológicos de um contexto mais recente, como fibras para a confecção de peças do vestuário e moradias, estruturas de habitação, materiais utilizados para o uso cotidiano e elementos nativos relacionados a materiais trazidos de fora pelo colonizador. Esse elemento traz forte contribuição para a construção do conhecimento de sociedades mais recentes e, por consequência, à história indígena. É importante considerar estas informações e amadurecer uma proposta para pesquisas direcionadas também, para um período mais recente, abarcando a totalidade das sociedades que viveram ou passaram pela região do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno.

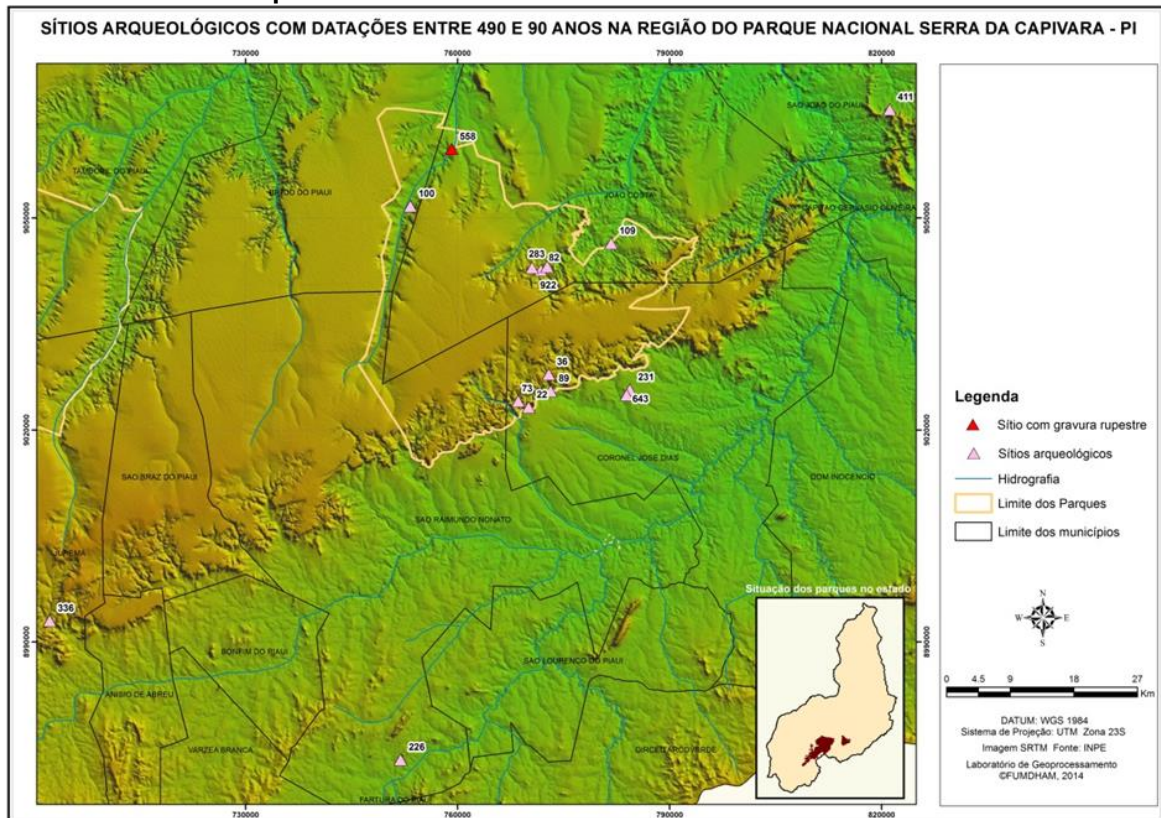
Tabela 1: Relação dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara e entorno com datações entre 490 e 90 anos atrás.

Nome	Código	Etiqueta	Radiocarbon age	Material datado	Rf. Laboratório
Toca do Sítio do Meio	22	29386	97,5 +/- 0,7 BP	Espiga de milho no meio de blocos	Ua-18143
Toca do Buraco do Pajeu	25	114432	140 +/- 50 BP	Sondagem	BETA-197046
Toca do Pitombi	36	XXX	420 +/- 50 BP	Setor 2 - Poço teste 6 - 3ª camada	GIF-6437
Toca do Fundo do B. da Pedra Furada	73	67002	420+/-80 BP	Dec. 17 Data cerâmica 67006	BETA-156407
Toca do Fundo do B. da Pedra Furada	73	67175	360+/-60 BP	Carvão de camada Data faca 63232 Área externa (próximo à parede da escavação)	BETA-156408
Toca do Fundo do B. Pedra Furada	73	66297	270+/-60 BP	Fogueira 2 Faca 65883	BETA-154636
Toca do Gongo I ou do Jorge	82	151836	310+/-40 BP	Ossos (colágeno) Urna Funerária 1	BETA-136199
Sítio do Baixão da Serra Nova	89	151836	240 +/- 40 BP	Sedimento de dentro do Cachimbo Superfície	BETA-246248
Toca da Pedra Solta da Serra Branca	100	77448	400+/- 60BP	Madeira p/ datar dec. 3 - possível buraco de rede	BETA-168604
Toca do Estevo II	109	165393	220 +/- 40 BP	Carvão da limpeza	BETA-253380
Lagoa do São Vítor	226	146972	330 +/- 40 BP	Carvão Data estruturas 1,2 e 3	BETA-246249
Toca do Serrote da Bastiana	231	73614	129,7 +/- 0,4 % mod	Carvão Próximo ao esqueleto 2	OxA-16026
Toca do Gongo III	283	209973	250+/-30 BP	Carvão - urna 09	BETA-355863
Canabrava	336	46666	490 +/- 50 BP	Fogueira 2	BETA-106388
Toca da Baixa dos Caboclos	411	51133	340 +/-40 BP	Fibras vegetais com cabelo Urna 1	BETA-113112
Toca da Baixa dos Caboclos	411	51147	370+/- 40 BP	Pele (coletada da pélvis) Urna 1	BETA-113115
Toca da Baixa dos Caboclos	411	51146	450 +/- 40 BP	Carvão Urna 1	BETA-113114
Toca da Baixa dos Caboclos	411	51229	230 +/-50 BP	Pele arco e flecha Urna 9	BETA-115612
Toca da Baixa dos Caboclos	411	44235	310+/-50 BP	Pele - Urna 1	BETA-114558
Toca da Baixa dos Caboclos	411	50377	320+/-40 BP	Urna 8 (osso colágeno)	BETA-136210
Toca da Baixa dos Caboclos	411	50375	300+/-40 BP	Urna 1 (osso colágeno)	BETA-136208
Toca da Baixa dos Caboclos	411	50376	240+/-50 BP	Urna 7 (osso colágeno)	BETA-136209
Toca do Serrote do Tenente Luís	643	110627	365+/-40 BP	Setor 2 - Galeria Dec.5 Junto ao osso da	Ua-22074

				paleofauna próximo a urna 9	
Aldeia do Carlos	922	179741	359 AP	Fragmento cerâmica alisado	Dissertação Renata Azevedo
Aldeia do Carlos	922	179743	359 AP	Fragmento cerâmica alisado	Dissertação Renata Azevedo

FONTE: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 2016.

Imagem 31: Mapa dos Sítios Arqueológicos com datações entre 490 e 90 anos no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno.



FONTE: Fundação Museu do Homem Americano 2016 (FUMDHAM).

Os sítios arqueológicos dos Parques Serra da Capivara e Serra das Confusões possuem muitas informações sobre diversos períodos, populações e contextos. Os sítios mais recentes, com datações de até 500 anos permitem a inferência de uma possível continuidade de populações na região.

Pelos dados destes sítios, é possível realizar inferências acerca do passado histórico na região. Uma forma de se fazer isso é comparando as informações entre os sítios, observando similaridades e diferenças no contexto (anexo, 4).

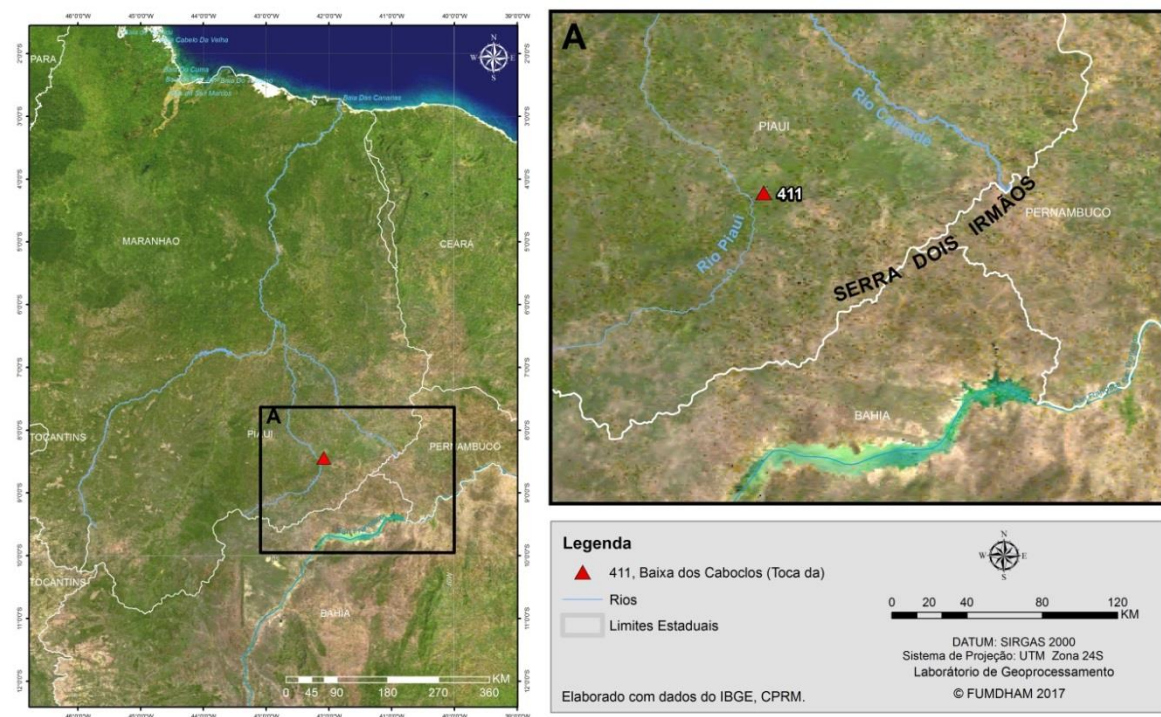
Como dito, dentre os sítios com datações de até 500 anos atrás, o escolhido para ser trabalhado nessa dissertação é o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos. Espera-se que através dele, seja possível atingir o objetivo deste trabalho e contribuir para a história indígena do Piauí.

4 SÍTIO ARQUEOLÓGICO TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS

Optou-se por trabalhar o Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, em virtude de sua materialidade expressiva evidenciada em escavações arqueológicas. Nele há vestígios cerâmicos, painéis de pinturas, utensílios feitos em fibras e madeira, que se relacionam ao período de contato entre o nativo indígena e o colonizador. Sobretudo, ao fato da comunidade do entorno do sítio que se reconhecer como remanescente indígena.

Imagem 32 – Localização do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos

LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO 411 - TOCA DA BAIXA DOS CABOCLOS



Fonte: Acervo FUMDHAM, 2017.

A Toca da Baixa dos Caboclos é um sítio abrigo sob rocha com pinturas da Tradição Geométrica³⁶ (GUIDON, VERGNE e VIDAL, 1998). Localiza-se ao sul da Bacia Sedimentar Piauí-Maranhão, na Chapada do São Francisco, no município de São João do Piauí, sudoeste do Piauí, sob as coordenadas 8° 26' 667" de latitude

³⁶ A Tradição Geométrica pode ser identificada na região Nordeste. Caracteriza-se pela presença dominante de grafismos puros, figuras humanas e algumas mãos, pés e répteis extremamente simples e esquematizados (Martín, 1999).

sul e 42° 05' 034" de longitude oeste, no interior da propriedade que pertencia ao senhor Genésio Lopes da Silva, quando na época de sua descoberta em 1996.

O abrigo domina o vale, envolvido por grande escarpa que marca o limite da chapada. No período em que foi descoberto, todo o entorno do sítio era ocupado por roças de feijão, milho, abóbora e mandioca. Nos locais não ocupados pelas roças a vegetação era arbustiva, rala e composta de catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), jurema branca (*Mimosa melacocentra*), cabeça de frade (*Melocatus bahiensis*), mandacaru (*Cereus jamacaru*) e uma plantação de capim de corte.

O abrigo que forma o sítio mede 51 m de comprimento por 15 metros de largura, com orientação sudeste-noroeste e abertura a sudeste. A formação do sítio é arenítica, com estratificações cruzadas e intercaladas de níveis conglomeráticos³⁷, ricos em óxido de ferro. Nos níveis conglomeráticos predominam seixos de quartzo, seguidos de quartzitos de pequena a média dimensão. O solo do abrigo apresenta uma inclinação natural em direção ao vale, no qual se encontram blocos de arenito abatidos devido ao deslocamento natural da rocha (VIDAL, 1998).

Este sítio faz parte do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC, passando por duas campanhas arqueológicas de salvamento em meados da década de 1990 nas quais foram evidenciados vestígios ósseos de ocupação humana recente, cuja datação mais próxima possui a cronologia de 230+/- 50 anos BP além de artefatos arqueológicos como arco e flecha, fragmentos cerâmicos e material lítico. Segundo a ficha cadastral do IPHAN, o sítio é classificado como sítio pré-colonial e de contato, o que abrange o recorte cronológico da pesquisa.

Na arqueologia, é comum ao chegar em um sítio ou área arqueológica e encontrar um nome já patentado pela comunidade local, essa denominação geralmente ocorre mediante as características físicas e simbólicas que o local possui para a comunidade que o circunda. No caso do sítio objeto de estudo desta pesquisa, a Toca da Baixa dos Caboclos muito nos informa acerca da materialidade evidenciada e se torna atrativo.

É preciso lembrar que no Nordeste do Brasil o termo “caboclos” é comumente utilizado em alusão às populações indígenas. Portanto, ao que

³⁷ O conglomerado é uma rocha sedimentar composta por material detrítico arredondado com diâmetros maiores que 2 mm, imersos em material mais fino composto por argila, silte ou areia, assim, níveis conglomeráticos são níveis na rocha que apresentam as características de conglomerado.

parece, antes mesmo de os trabalhos da escavação comprovarem que a Toca da Baixa dos Caboclos fora efetivamente utilizada por grupos indígenas, a comunidade local já tinha conhecimento de uma relação entre estes grupos e o espaço do sítio. (LEITE, 2011, p. 24)

Segundo Alegre *et al* (1994, p. 21), a categoria caboclo é uma construção ideológica que se cristalizou no século XIX [...] como forma de negar a identidade do índio e seus direitos, pela via da dominação cultural, em substituição à violência militar e à correção do Estado.

Na Toca da Baixa dos Caboclos exumaram-se nove urnas funerárias com enterramentos do período colonial. Algumas delas possuíam enxovais funerários com gravetos e por fibras vegetais que formavam cordas, em um deles, os gravetos formam um arco. Propõe-se que sejam provenientes de um arco e flecha. Nessas urnas havia fragmentos cerâmicos e vestígios orgânicos (como fezes de animais e sementes), contudo, não aparentam compor o enxoval funerário, pois teriam sido deslocados naturalmente de outras áreas da região até o local em que as urnas estavam.

Os materiais da Toca da Baixa dos Caboclos são resultado de duas campanhas de escavações arqueológicas, sendo delas obtidas datações que se enquadram no período proposto nesta pesquisa.

Tabela – 2 Datações dos enterramentos da Toca da Baixa dos Caboclos.

ENTERRAMENTO	MATERIAL DATADO	DATAÇÃO
01	Carvão associado	450 +/- 40
01	Pele	371 +/- 40
01	Cabelo	340 +/- 40
01	Pele	310 +/- 50
01	Osso	300 +/- 40
07	Osso	240 +/- 50
08	Osso	320 +/- 40
09	Pele	230 +/- 50

Fonte: a autora

Imagem 33– Vista da Toca da Baixa dos Caboclos.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

4.1 A história do sítio

Ao longo de quarenta anos, o potencial arqueológico e natural do Parque Nacional Serra da Capivara tem sido alvo de diversas pesquisas multidisciplinares, em especial, na área de arqueologia. Como resultado, infere-se sobre uma intensa permanência de grupos humanos desde períodos bem recuados até períodos mais recentes, em toda extensão do PNSC e seu entorno.

A Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM, localizada no município de São Raimundo Nonato, é a principal instituição responsável pelo desenvolvimento destas pesquisas na região, atividades estas de conhecimento da população local e mundial.

Pelo fato de a população ter conhecimento das atividades desenvolvidas na Fundação, em meados de 1990 a instituição foi informada sobre o sítio Toca da Baixa dos Caboclos por intermédio de seu proprietário na época, o senhor Gervásio Lopes da Silva, que contactou a instituição devido à emersão de ossos aparentemente humanos, na superfície de um abrigo rochoso nos limites de sua

propriedade. Mediante essa informação, a equipe na FUMDHAM dirigiu-se até o local, onde verificou:

[...] que um desmoronamento da parede do escarpamento tinha originado uma passagem da água pluvial que havia erodido parte do solo, deixando a descoberto um crânio e a apófise proximal de um fêmur. (GUIDON, 1998, p. 128).

A partir dos fragmentos ósseos encontrados, a equipe compreendeu a importância e urgência de fazer um trabalho de salvamento arqueológico na região, que naquele momento passava por fortes chuvas, resultando em erosões que permitiram o afloramento destes vestígios arqueológicos. Assim, perante esses fatores, iniciou-se o trabalho de pesquisa na área e como resultado de duas campanhas de escavação arqueológica foram evidenciadas nove urnas funerárias com enterramentos, sendo dois deles datados por radiocarbono³⁸ (14C) em 371 +/- 40 anos BP; 340 +/- 40 anos BP; 310 +/- 50 anos BP para um e 230 +/- 50 anos BP para outro.

Em meados da década de 1990 a área do sítio era de posse de Gervásio Lopes da Silva. Atualmente, após seu falecimento a área pertence a seus descendentes, que por sua vez mantém o local como área de fazenda, constituída por roças com plantações de alimentos nativos da região além da criação de animais como galinhas, cabras, bodes e porcos.

Ressalta-se a importância que os moradores locais atribuem à Toca da Baixa dos Caboclos pois, arraigados de uma noção de que o local é um sítio arqueológico e patrimônio da humanidade, atualmente eles preservam a área e transmitem a seus descendentes a história daquele local.

Os moradores se reconhecem ascendentes indígenas, narram histórias sobre suas avós que quando jovens foram “pegas a dente de cachorro” e por resultado da mistura com o branco, constituíram a família que ali hoje reside e têm como herança além das terras, as histórias acerca de sua linhagem.

³⁸ Este método de datação absoluta foi desenvolvido no início dos anos de 1950 por J.W.Libby. O método se fundamenta nas propriedades físico-químicas do carbono, um dos elementos químicos constituído em todos os organismos. A formação natural de radiocarbono é um efeito secundário da radiação cósmica atuando na alta atmosfera. O radiocarbono é formado pela ação de baixa energia térmica de nitrogênio. Quando formado o C14 rapidamente sofre um processo de oxidação originado o 14CO2 radioativo, o qual se dispersa na atmosfera terrestre por via dos ventos estratosféricos, chegando finalmente a superfície do globo (SANTANA, 2013).

4.2 Histórico das pesquisas arqueológicas realizadas sobre sítio

A Toca da Baixa dos Caboclos foi conhecido pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) no ano de 1996, por intermédio de seu proprietário na época o senhor Gervásio Lopes da Silva. Atualmente a área é de posse de seus descendentes (filhos e netos).

A primeira campanha, realizada no ano de 1996, contou com o auxílio da Prefeitura Municipal de São João do Piauí, que obteve um financiamento do – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) para arcar com as despesas das escavações. A equipe de arqueólogas era formada por Cleonice Vergne e Irma Ason Vidal. Nas atividades de campo e laboratório, elas contaram com o auxílio das técnicas Eliete Silva e Maria Aparecida Pereira e com auxiliares de topografia, José Alves de Sousa e Aurélio Paes Landim (GUIDON, VERGNE e VIDAL, 1998).

Realizaram-se duas campanhas de escavações que resultaram em um rico potencial informativo.

Na primeira campanha, fez-se feito o reconhecimento da área e o salvamento imediato da urna funerária que havia aflorado devido às fortes chuvas. Nesse momento, foi verificou-se a urgência do desenvolvimento das pesquisas no sítio, pois o mesmo estava passando por processos de degradação devido ao pisoteio dos animais da fazenda, além da área do sítio arqueológico estar sendo perturbada pelas fezes destes animais (GUIDON, 1998).

Uma segunda campanha foi realizada no mês de fevereiro de 199

Nas duas campanhas foram realizados os trabalhos de levantamento planialtimétrico e altimétrico da área e de seus arredores imediatos; desenhos dos planos em curva de nível; e estabelecimento de setores a serem escavados (GUIDON, VERGNE e VIDAL, 1998).

Inicialmente, foi aberta uma trincheira para realizar-se uma leitura do perfil stratigráfico e avaliar o potencial arqueológico do sítio. Essa trincheira possuía dimensões de 5 m de comprimento e 1 m de largura que atingiu 87 cm de profundidade.

Como resultado, delimitaram-se quatro camadas stratigráficas: A camada 1 constituía-se de sedimento arenoso cinza escuro (cor atribuída pelo Munsell, 10YR4/4). Esta camada era próxima à superfície, distando apenas 7 cm. A camada

2, possui 3 cm de sedimento arenoso e presença de pequenos seixos (Munsell, 10YR 8/5). A camada 3 é composta por sedimento arenoso e blocos de arenito friáveis (Munsell, 10YR 1/8). É a camada mais espessa de todas, com 52 cm.

A camada 4, última camada evidenciada e mais profunda do perfil, possui 25 cm de espessura e atinge a rocha base do abrigo. Esta camada é composta por sedimento argiloso (Munsell, 7.5YR 4/7).

Mediante as informações provenientes das camadas estratigráficas, as arqueólogas concluíram que pela não existência de solos arqueológicos ou de ocupação, aquele espaço era utilizado somente para as práticas de enterramento e pinturas rupestres (GUIDON, VERGNE e VIDAL, 1998).

As escavações arqueológicas foram realizadas por três decapagens. Na decapagem 1 foram evidenciados os 3 bojos das urnas 1,2,3,4,5,6,7, além de fragmentos cerâmicos dispersos e material lítico diverso. Neste momento, a urna de número 8 não pode ser removida devido à presença de blocos de arenito. Foi evidenciado também, o enterramento número 6, nesta parte as arqueólogas atingiram a base rochosa do abrigo.

A decapagem 2 alcançou na área próxima à base rochosa do abrigo, permitindo evidenciar as bases das urnas 1,2,3 e 7. Durante esta decapagem não foi possível evidenciar as bases das urnas 4 e 5 e o enterramento 6. Neste momento foram iniciadas as atividades de engessamento dos vestígios expostos, para que pudessem ser transportados até o laboratório da FUMDHAM e serem escavados.

Para as urnas 1,2,3 e 4 foi realizou-se facilmente o engessamento, formando um verdadeiro casulo protetor. Os enterramentos 5,6, 7 e 8, parte dos ossos e fragmentos cerâmicos ficaram presos ao engessamento, dificultando o processo.

“Utilizamos todos os cuidados necessários para escolher os ossos e os fragmentos cerâmicos que foram recolocados dentro dos casulos para que não quebrassem durante o transporte. Recolhemos também todo o sedimento que existia dentro das cavidades sobre as quais foram depositados os enterramentos 3,4 e 6” (GUIDON, VERGNE e VIDAL, 1998).

A decapagem 3 terminou com a escavação total da área demarcada. A base rochosa do abrigo foi escavada pelos grupos humanos responsáveis pelos enterramentos no abrigo, formando pequenas cavidades. Para cada cavidade feita, havia um sepultamento, o restante dos espaços de cada cavidade foi preenchido

com sedimentos diferentes dos evidenciados no abrigo, sendo eles oriundos de outras áreas.

Como resultado da primeira parte da segunda campanha contabilizaram-se seis urnas funerárias, os fragmentos de bojo da urna 7, um esqueleto enterrado diretamente no solo, fragmentos cerâmicos dispersos e material lítico.

No mesmo ano de 1998, uma nova etapa da campanha foi realizada. Inicialmente foi feito o trabalho de limpeza da superfície da área escavada e do resto do abrigo. Essa limpeza de superfície consistiu na retirada de 7 cm de areia da superfície, a qual continha fezes de animais domésticos, seixos misturados e detritos vegetais diversos, neste contexto também foram encontrados um núcleo de sílex e sete fragmentos cerâmicos.

Entre as quadrículas 47 e 48 foi localizada uma cerâmica que recebeu o número 9, suas dimensões eram de 30 cm de altura e diâmetro da boca de 35 cm. Devido ao estado fragmentado em que a urna se encontrava, as arqueólogas demonstraram a urna em campo. Em seu interior estavam os restos de uma criança de pouca idade, entre 0 e 5 anos e um enxoval funerário composto por um pequeno arco com corda trançada em fibra vegetal e duas flechas confeccionadas a partir de um arco de madeira. O corpo apresentava um estado de mumificação natural, deixando intacta a mão esquerda, que ainda preservava as unhas.

Nesta última campanha foram escavados os setores B e C. Estas camadas se diferenciavam do setor A, pois apesar da camada superficial ser igual ao restante do abrigo, a segunda apresentava a mesma coloração e seixos maiores em relação ao setor A e não apresentava blocos em decomposição. Nesta camada foram recolhidos carvões, fragmentos cerâmicos e líticos.

Dentre os materiais encontrados como resultado das escavações citam-se a presença de nove urnas funerárias, fragmentos cerâmicos, materiais líticos, arco e flecha.

4.2.1 Compilação de publicações acerca do Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos

Baseado nos resultados dos vestígios provenientes das escavações arqueológicas no Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, foram publicaram-se alguns trabalhos.

Souza, Vidal, Oliveira e Vergne (2002) publicaram o artigo intitulado “Mumificação Natural na Toca da Baixa dos Caboclos, Sudeste do Piauí: Uma Interpretação Integrada dos Dados”. Nesse trabalho, as autoras citam as dificuldades que o solo brasileiro predominantemente possui para a conservação e fossilização de enterramentos, caso inverso ao sítio Toca da Baixa dos Caboclos, fazendo-as levantar questionamentos acerca das boas condições de conservação dos enterramentos do sítio “Talvez o sedimento do arenito decomposto contenha algum sal mineral específico em grande quantidade. Isso explicaria a magnífica conservação dos restos humanos que aparecem neste abrigo” (GUIDON, VERGNE e VIDAL, 1998, p. 131).

O bom estado de conservação desses esqueletos é extremamente relevante no quesito de possibilidades de análise, “[...] os corpos humanos com partes mumificadas encontrados na Toca da Baixa dos Caboclos, apesar de representarem um achado pontual e recente têm interesse pela sua raridade em arqueologia funerária no Brasil (SOUZA et all, p. 85, 2002)”. Trazendo estas informações para o objetivo desta pesquisa, é importante considerar a palavra recente, atribuída aos esqueletos humanos encontrados no sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, uma vez que na presente pesquisa tenta-se defender a recente e atual presença indígena no Piauí, na contramão de grande parte das pesquisas realizadas no Estado.

Em relação ao foco da pesquisa, as autoras concluem que os fatores que permitiram a preservação dos esqueletos derivam da estrutura do sítio, as urnas funerárias e as posições em que se encontravam os esqueletos em seu interior.

O artigo traz ainda uma segunda informação relevante para esta pesquisa, referente às práticas de enterramento do sítio, onde são atribuídas a técnicas indígenas:

[...] a prática indígena de enterrar em urnas funerárias enfatizam a pressa em posicionar o corpo e coloca-lo no vasilhame precocemente, de forma a evitar não apenas maiores riscos no que se refere à alma do morto, mas também evitar o inconveniente da rigidez cadavérica. (SOUZA et all, p. 93, 2002).

Silva (2006), realiza o estudo da cerâmica de três sítios do PARNA: Toca do Serrote Tenente Luís, Toca do Pitombi e Toca da Baixa dos Caboclos. Em seu trabalho objetiva compreender através do material cerâmico e dos estudos etno-

históricos, a permanência e continuidade de grupos ceramistas na área do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara.

Pelo estudo das características técnicas dos fragmentos cerâmicos, o pesquisador propõe ser possível compreender se os grupos culturais responsáveis por sua produção representam alguma continuidade dos grupos que ocuparam as aldeias e, se poderiam ser relacionados às migrações ocorridas nos momentos de contatos com os colonizadores e ou de grupos indígenas a partir dos séculos XVI e XVII (SILVA, 2006, p. 231).

Para responder a seu questionamento testou duas variáveis: o perfil técnico cerâmico, que permite inferir se sua produção está associada a um grupo em específico, que confirmaria ou negaria a ideia de continuidade e; os movimentos dos grupos indígenas registrados nos estudos etno-históricos. Como resultado observou que nos três sítios havia evidências de permanência dos grupos humanos na área estudada e ausência de continuidade. Mediante o conceito de permanência utilizado pelo autor, o Parque Nacional Serra da Capivara e entorno foi intensamente povoado ao longo da história. Já em relação ao conceito de continuidade que utilizou, para o autor os grupos que habitaram a região do PARNA não são os mesmos desde a primeira ocupação no local.

Leite (2011) realiza sua pesquisa de mestrado trabalhou exclusivamente com o perfil funerário dos enterramentos deste sítio. A pesquisadora partiu de uma perspectiva conservadora de que os grupos culturais tendem a se manter resistentes às mudanças em suas manifestações fúnebres e criou a hipótese de que a Toca da Baixa dos Caboclos teria se mantido como um espaço de práticas funerárias. A fim de testá-la, a autora realizou sua pesquisa seguindo uma metodologia ordenada e sistemática que permitiu a reconstrução do Perfil Funerário do Toca da Baixa dos Caboclos, a partir da reconstituição dos respectivos Perfis das Unidades Funerárias.

Com essa metodologia, foi possível “[...] tecer considerações sobre as práticas funerárias dispensadas particularmente a cada enterramento e, ao mesmo tempo, entre todos os enterramentos estudados (LEITE, 2011, p.147)”. Paralelamente, a pesquisadora fez o estudo da distribuição crono-espacial dos enterramentos, o que possibilitou inferências acerca do aproveitamento do espaço interno do sítio, em diferentes momentos cronológicos.

Como resultado de sua pesquisa, “[...] foram identificadas recorrências relacionadas às práticas funerárias e também ao próprio agenciamento do espaço funerário (LEITE, 2011, p. 147)”.

Ainda sobre esse sítio, um artigo intitulado “Reflexos da Colonização: O deslocamento de Grupos Indígenas no interior do Nordeste” de Leandro Surya e Mércia Carréra faz menção ao sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos como um local cuja presença indígena foi verificada. Buscando compreender os deslocamentos de grupos Indígenas no período do Brasil Colônia, os autores recorrem à cultura material, em específico os vestígios cerâmicos coletados em diversos sítios arqueológicos, sendo um deles a Toca da Baixa dos Caboclos, atrelado à documentação histórica textual e cartográfica como elementos que evidenciem a presença indígena e seus deslocamentos.

Além destes trabalhos, citam-se os estudos sobre a morfologia e tipologia cerâmica de sítios arqueológicos, que fazem menção à Toca da Baixa dos Caboclos. São alguns deles: “Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil”; “Perspectiva etno-histórica no Estado do Piauí – Brasil” e; “Os ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí – Brasil: estilos e técnicas” de Claudia Alves de Oliveira (2000, 2002 e 2004).

4.3 Escavação das urnas em laboratório

Após a remoção das nove urnas da Toca da Baixa dos Caboclos e seu consequente estabelecimento na Fundação Museu do Homem Americano foram realizados trabalhos de escavação em laboratório. Para tal fim, foi aplicada a mesma técnica utilizada para a escavação em campo. As urnas foram escavadas segundo a técnica de decapagem por níveis artificiais a cada 5 cm, sendo fotografada e desenhada cada decapagem. Com o desenrolar das atividades, foi observado que era melhor iniciar uma nova decapagem cada vez que surgiam ossos novos. Seis das oito sepulturas foram desmontadas, conservando-se duas para a exposição no Museu do Homem Americano. Em cada decapagem foram retiradas amostras dos restos vegetais, materiais orgânicos humanos e do sedimento.

Escavação da Urna 1:

Pelas escavações, verificou-se que os restos ósseos depositados na urna 1 pertenciam a uma criança, cujos cabelos e sobre os ossos dos membros inferiores, pele e tendões estavam conservados. Dentro da urna havia dois carvões que, juntos a amostras de cabelos, permitiram datar o enterramento pelo método de radiocarbono. Como resultado, obteve-se a datação de 450 +- 40 anos BP³⁹. Além destes materiais, foram encontrados, na urna, restos vegetais, coprólitos de roedores, ossos de microfauna, insetos, fibras vegetais, madeira, sementes carbonizadas e penas.

Imagem 34 – Escavação em laboratório da urna 1.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 2:

No interior da urna 2, foram encontrados restos vegetais, como folhas, galho, madeira e palha; besouros; material lítico, tais como seixos e lascas, coprólitos e fragmentos de cerâmica de uma vasilha com espessura fina cujo tratamento de superfície alisado difere da urna. Nesta urna, havia um sepultamento primário de uma criança, junto a seu crânio, que ainda conservava cabelos,

³⁹ Terminologia inglesa que significa “*before present*”, em português, Antes do presente.

encontrou-se um pedaço de madeira quebrado em quatro partes, acredita-se que este acompanhamento compunha seu enxoval funerário.

Imagem 35 – Urna 2 após escavação em laboratório.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 3:

Na urna 3, logo nas primeiras decapagens, após a retirada dos fragmentos que a cobriam, foi encontrado um crânio bastante fragmentado e nos mesmo níveis, os ossos da costela, das vertebrae e dentes.

Imagem 36 – Escavação em laboratório da urna 3.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 4 e 5

As urnas 4 e 5 foram retiradas em um só engessamento por terem sido encontradas encostadas. No momento da escavação em laboratório, verificaram-se ossos que estavam envolvidos e misturados a fragmentos de cerâmica corrugada. Aparentemente, o conteúdo das urnas havia sido perturbado.

Imagem 37 – Urna 4 e 5.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Imagem 38 – Urnas 4 e 5, materiais evidenciados em escavação das urnas.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 6:

O sepultamento de número 6 havia sido feito diretamente no solo. Os ossos ali encontrados eram muito robustos e pertenciam a um indivíduo do sexo masculino. Neste esqueleto faltava o crânio, acredita-se que este tenha sido carregado pelas enxurradas, mesmo assim, havia fragmentos de cabelo e pele, inclusive suas falanges da mão direita estavam muito bem conservadas. Neste enterramento foram encontrados também restos de fibras vegetais, estando alguns trançados.

Imagem 39 – Urna 6 após escavação em laboratório.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 7:

A urna 7 continha restos de um esqueleto adulto, que se encontrava originalmente em posição fetal em decúbito frontal, contudo, devido sua proximidade com a superfície, estava muito perturbado. A urna havia se quebrado e o corpo lançado para frente, o que resultou na destruição de parte das articulações do esqueleto. As pernas ainda se encontravam articuladas, preservando os ligamentos

dos joelhos. Ainda neste enterramento, foram encontrados fragmentos cerâmicos que provavelmente constituíam a urna e outros alisados que possivelmente pertenciam a sua tampa (Fig. 40).

Imagem 40 – Esqueleto da Urna 7 evidenciado em escavação laboratorial.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 8:

Na urna 8 foi encontrado os restos de esqueleto de uma criança e embora tenha sofrido alterações, percebe-se que se trata de um enterramento primário. O crânio estava bem conservado, contendo inclusive restos de cabelos e a espinha dorsal que conservava matéria orgânica compactada com sedimento. Além disso, foram encontrados restos vegetais e de insetos (Fig. 41 e 42).

Imagem 41 – Esqueleto da Urna 8 evidenciado em escavação laboratorial.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Imagem 42 – Esqueleto da Urna 8 evidenciado em escavação laboratorial, detalhes das fibras capilares.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Escavação da Urna 9:

O esqueleto que estava no interior da urna de número 9 pertencia a uma criança cujos cabelos ainda estavam conservados. No interior da urna, havia duas flechas confeccionadas a partir de duas varas de madeira com pontas talhadas em viés, acredita-se que como parte de seu enxoval funerário,. Junto a ela, foi encontrado um pequeno galho com uma corda trançada em fibra vegetal armada nas duas pontas, formando um arco. Sobre esta urna, foi realizada uma datação por radiocarbono por amostras da pele com arco e flecha, datados em 230+- 50 BP.

Imagem 43 – Esqueleto da Urna 9 evidenciado em escavação laboratorial.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

4.4 Materiais encontrados

Como resultado das escavações, além dos esqueletos evidenciados nas urnas, foram encontrados outros tipos de materiais (Tab. 3. Fig. 44).

Imagem 44 – Material proveniente da escavação arqueológica, fragmentos cerâmicos colados em laboratório, reconstituindo um vasilhame cerâmico



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Imagem 45 – Material proveniente da escavação arqueológica, fragmentos cerâmicos colados em laboratório reconstituindo um vasilhame cerâmico.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano 1998.

Imagem 46 – Pinturas rupestres do sítio.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano1998.

Imagem 47 – Pinturas rupestres do sítio.



Fonte: Acervo FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano1998.

Tabela 2 - Materiais encontrados no Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.

Tipologia do Material	Quantidade
Seixos	2 585
Lítico	100
Fragmentos cerâmicos	889

Fonte: A autora.

4.4.1 Análise dos materiais cerâmicos

Dos materiais cerâmicos provenientes das escavações arqueológicas do sítio Toca da Baixa dos Caboclos, 660 fragmentos foram analisados, dentre estes, 324 não forneceram o mínimo de informações necessárias, apresentando pelo menos uma das superfícies (interna ou externa) deterioradas, impossibilitando a análise de seu tratamento superficial. A largura foi outro empecilho nessas peças, possuindo largura inferior a 2 x 2 cm, por estes motivos, estes fragmentos cerâmicos foram classificados como residual (SILVA, 2006).

Em relação à pasta, foi identificado apenas um tipo, a dureza dos seus fragmentos está entre 2 e 3 segundo a escala Mohs⁴⁰ sendo composta por areia fina, quartzo, hematita, mica, caco de cerâmica e bolo de argila. A cor dos fragmentos varia entre o marrom (Munsell, 7.5 YR5/2) e marrom acinzentado (Munsell 10 YR6/2 e 10 YR5/2), com alguns fragmentos chamuscados por fuligem (SILVA, 2003).

Todos os fragmentos analisados do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos foram confeccionados pela técnica de manufatura acordelada ou roletada. O tipo de queima foi em sua maioria oxidante, correspondendo a 83,92% do universo de fragmentos e 16,08% foram identificadas como queima do tipo redutora (SILVA, 2006).

A maior parte dos fragmentos possui o tratamento de superfície interno e externo alisados (45,53%), seguido pela aplicação do corrugado, que em sua maioria eram corrugados simples, na superfície externa e alisamento na superfície

⁴⁰No campo da Mineralogia, para quantificar a dureza de um mineral, utiliza-se a Escala de Mohs. Essa escala foi desenvolvida pelo mineralogista alemão Friedrich Mohs no ano de 1812 e é formada por 10 minerais organizados em ordem crescente de dureza. Pela Escala de Mohs, qualquer mineral risca o anterior e é riscado pelo próximo. O talco é o mineral de menor dureza da escala, por isso, pode ser riscado por qualquer um dos demais. Já o diamante, é o mais duro, sendo assim, risca todos os outros minerais e não pode ser riscado por nenhum deles, apenas por outro diamante.

interna (36,41%). Em apenas 1,48% dos fragmentos, foi utilizado o engobo natural, acompanhado de tratamento de superfície interno e externo alisados (SILVA, 2006).

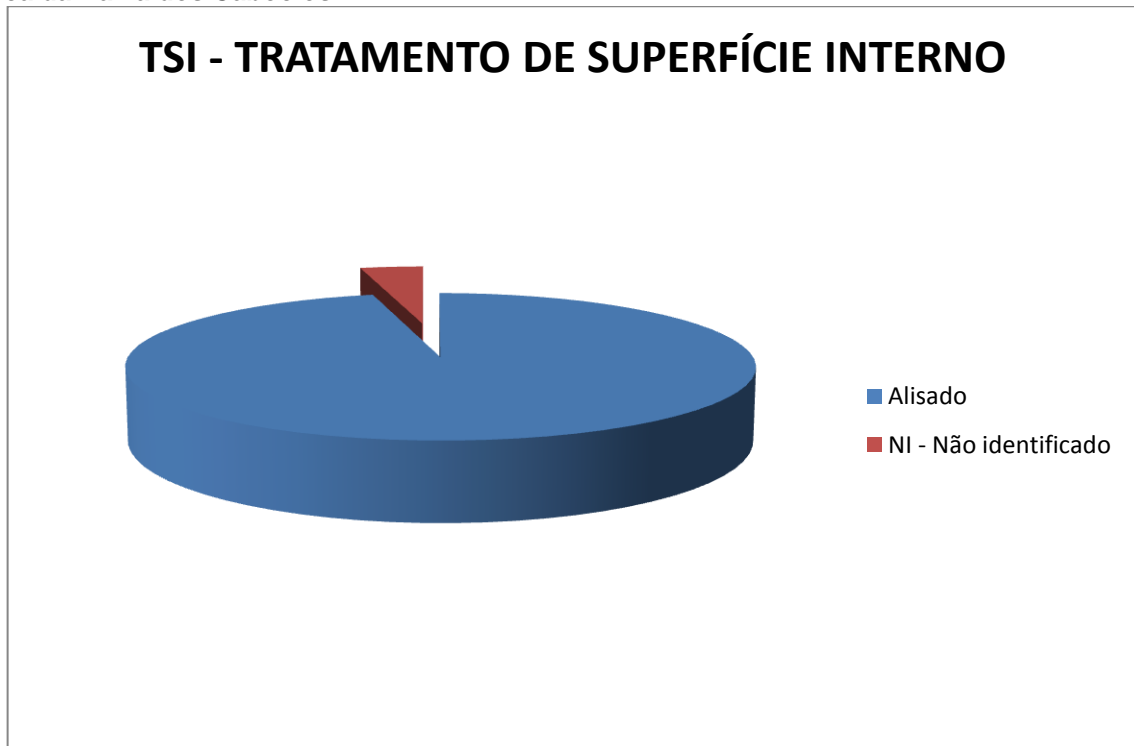
Em relação à forma dos objetos, foram identificadas. A primeira tem forma elipsoide horizontal, contorno simples, boca ampliada e altura total menor ou igual a $\frac{1}{2}$ do diâmetro da boca. A segunda forma é cilíndrica, contorno simples, diâmetro máximo do bojo e da boca próximos ao diâmetro da base (SILVA, 2006).

Para a presente pesquisa, um novo trabalho de análise do material cerâmico foi realizado, desta vez, priorizando a verificação dos tratamentos de superfície interno e externo dos fragmentos a fim de tentar relacioná-los a algum perfil de classificação de cerâmica indígena. Foram analisados seiscentos e setenta e cinco fragmentos cerâmicos e uma urna reconstituída.

Como método de análise foi estabelecida uma tabela para nortear e organizar as informações obtidas, nela são consideradas informações sobre o número da etiqueta do fragmento, para que seja possível sua identificação; o tratamento de superfície interno e externo, que consistem nos motivos decorativos presentes nos fragmentos em sua superfície interna e externa, respectivamente; na morfologia do objeto, se refere à base, bojo ou borda do fragmento buscando compreender de forma aproximada a morfologia do objeto; a presença ou ausência de pinturas; a técnica de manufatura, que corresponde ao modo como o objeto foi fabricado e; observações. Baseado neste modelo de tabela acredita-se que o objetivo seja alcançado.

Para o tratamento de superfície interno foram constatados seiscentos e quarenta e nove fragmentos com superfície alisada. Esse tipo de tratamento de consiste no alisamento da superfície do objeto com algum objeto retilíneo de modo a unir e igualar ao máximo os desníveis no objeto. Os demais fragmentos que constituem um corpo de vinte e seis fragmentos possui tratamento de superfície interno não identificado, por tratar-se de um fragmento residual ou pelo seu desgaste (Fig. 2).

Gráfico 1. Tratamento de superfície interno dos fragmentos cerâmicos do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.



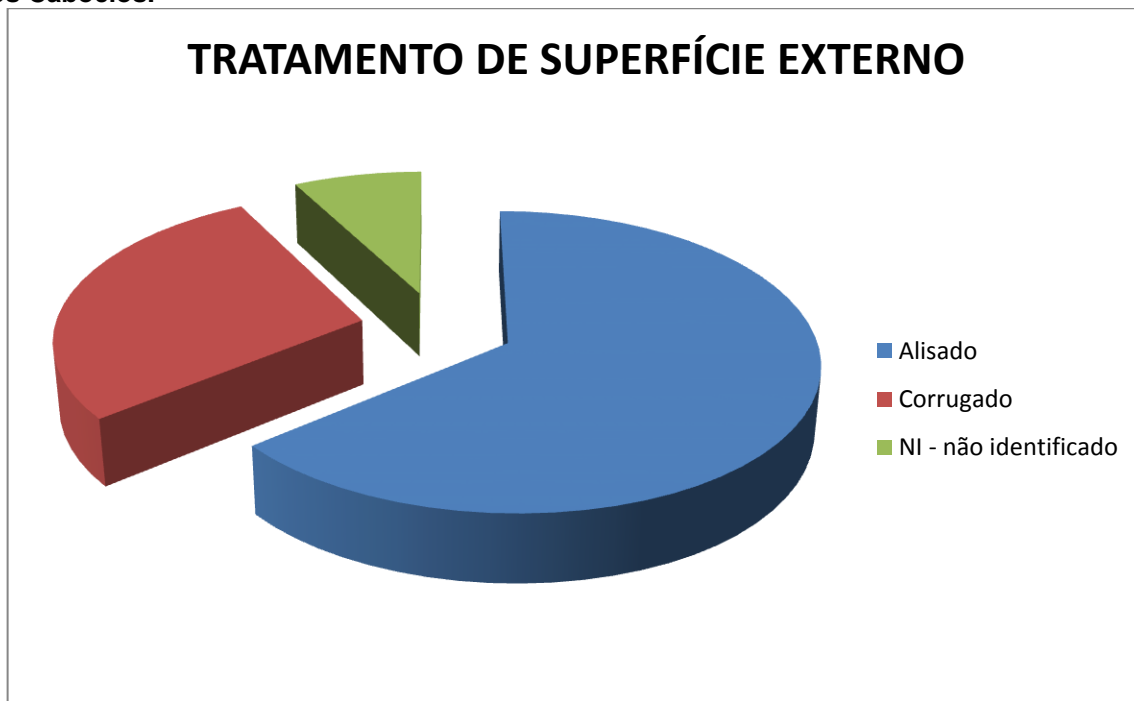
Fonte: a autora.

Como resultado da análise do Tratamento de Superfície Externo (TSE) do fragmento ou objeto foi obtido o resultado de quatrocentos e trinta e um fragmentos alisados, cento e noventa corrugados e cinquenta e dois não identificados pelo fato de serem residuais ou por estarem com sua superfície desgastada.

Caldarelli (2003, p. 57), caracteriza a cerâmica com tratamento de superfície corrugado por:

[...] decoração em que os cordéis de argila utilizados na confecção da cerâmica são ligados entre si por meio de arrastes, mais ou menos regulares, da argila ainda úmida, executados com o dedo polegar, em sentido perpendicular, oblíquo ou transversal à borda das vasilhas, formando dobras

Gráfico 2. Tratamento de superfície externa da cerâmica do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.



Fonte: a autora.

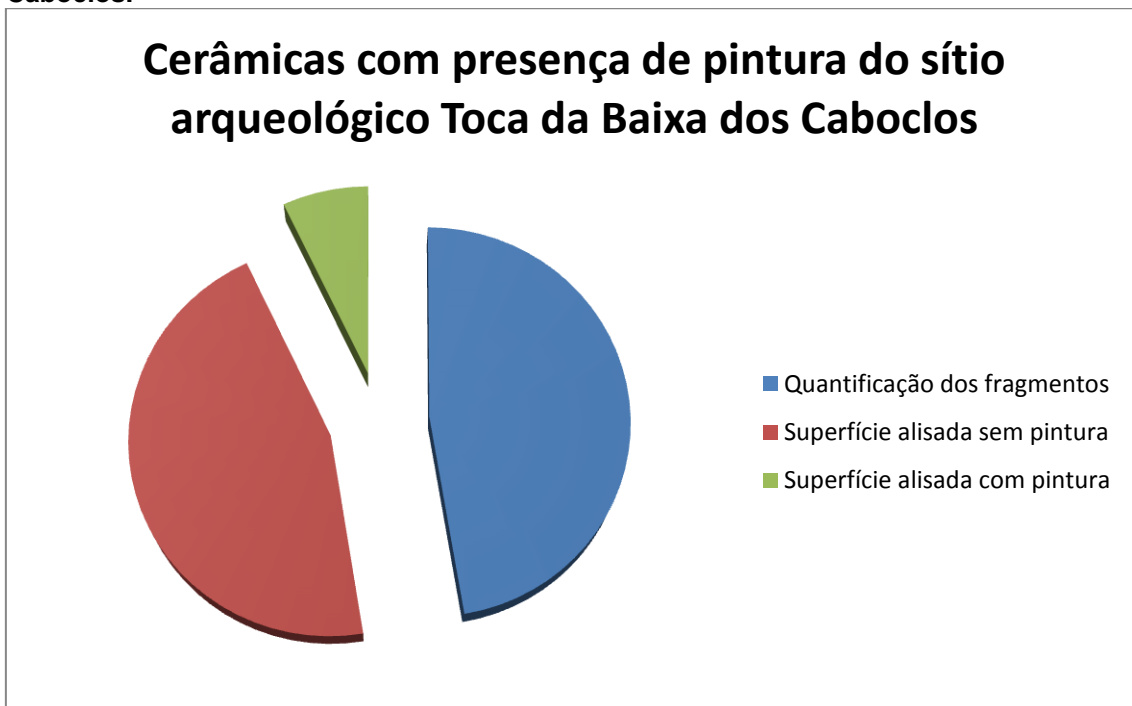
Dos fragmentos analisados cento e um fragmentos apresentam pinturas e quinhentos e setenta e seis não. Em relação às pinturas, existe uma recorrência nos motivos, todas as vezes que ela aparece possui representações de pequenos tracejados em cor vermelha, salienta-se o fato de que, quando o fragmento apresenta o tratamento de superfície externo corrugado o interior da urna é alisado e não possui pinturas, já quando o tratamento de superfície externo do fragmento é alisado, é possível a presença de pinturas.

Em todo o material cerâmico proveniente do sítio, há predomínio da técnica de manufatura acordelada, correspondendo a seiscentos e quarenta dos fragmentos analisados e apenas trinta e três fragmentos não identificados por serem residuais impossibilitando a análise.

A técnica de manufatura acordelada é caracterizada por Caldarelli (2003, p. 58) como:

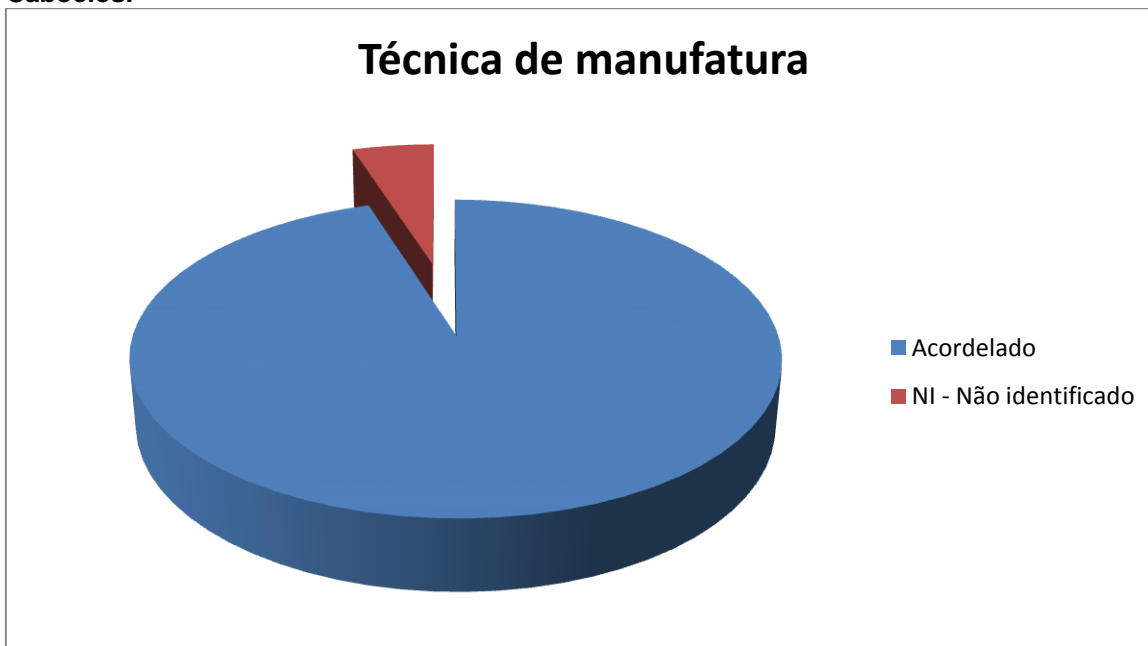
A cerâmica acordelada caracteriza-se pela pasta com antiplástico mineral de granulometria média (grãos de quartzo entre 1 e 3mm) a grossa (entre 3 e 5mm). Ocorre em baixa frequência a presença de elementos não minerais adicionados à pasta, como carvão e cerâmica triturada.

Gráfico 3. Fragmentos cerâmicos com pinturas do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.



Fonte: a autora.

Gráfico 4. Técnica de manufatura da cerâmica do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.

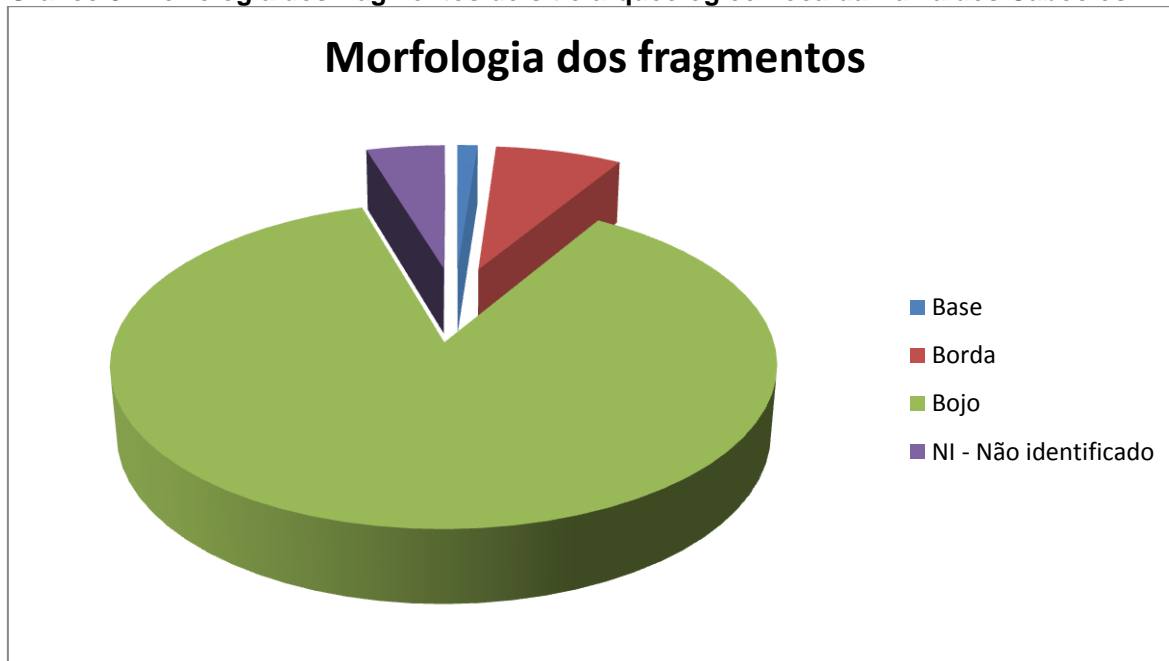


Fonte: a autora.

Também foi observada a morfologia dos fragmentos a fim de buscar compreender a possível forma do objeto ao qual constituía. Para este sítio foi observado nos fragmentos a presença da base, borda e bojo (corpo do objeto). Para

a base foram quantificados oito fragmentos, para a borda, cinquenta e para o bojo quinhentos e oitenta.

Gráfico 5. Morfologia dos fragmentos do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.



Fonte: a autora.

Para o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos existem duas urnas inteiras com enterramentos. A urna denominada como “urna 2” encontra-se exposta no laboratório de vestígios orgânicos da Fundação Museu do Homem Americano, instituição responsável pela salvaguarda dos materiais provenientes deste sítio. A urna 2 caracteriza-se pelo tratamento de superfície interno alisado e o externo, corrugado, nela está depositado o esqueleto que corresponde a um indivíduo infantil, que ainda conservava os cabelos com um corte em franja na região da testa. Junto a este esqueleto foi encontrado um graveto de madeira fragmentado em quatro partes, além de insetos, coprólitos de animais, ossos de microfauna, penas, vestígios vegetais e seixos. Para este enterramento não foram realizadas datações.

A outra urna inteira correspondente ao sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos corresponde a urna utilizada para o enterramento denominado como “urna 9”. Esta urna possui tratamento de superfície interno e externo alisado. Em seu interior, foi evidenciado um esqueleto que se encontrava em estado de mumificação natural e conservava o crânio com cabelos, resquícios de pele, ligamentos e tendões, de modo que em uma das mãos do indivíduo estava praticamente intacta

conservando vestígios de pele e unhas. No interior da urna foram evidenciados seixos, folhas e palha. Para este enterramento foi realizada uma datação radiocarbônica com amostras de pele do esqueleto, o que forneceu um resultado de 230 +/- 50 anos BP.

Com o trabalho de análise quantitativa foi possível estabelecer algumas analogias que permitiram o levantamento de algumas proposições, estas por sua vez asseveram as informações obtidas por Leite (2011) em sua dissertação de mestrado.

Através das similaridades e diferenças entre as urnas, foi possível levantar inferências acerca do contexto fúnebre e de dados antropofísicos dos esqueletos.

Em relação às urnas funerárias, observa-se que todas elas compartilham alguns aspectos técnicos e morfológicos. Para os enterramentos infantis, observou-se uma possível relação entre as dimensões do vasilhame e o porte dos indivíduos, onde os lactentes foram depositados em urnas menores e os não-lactentes em urnas com maiores dimensões.

Contudo, a mesma observação, não pode ser feita para os enterramentos adultos pelo fato de apenas uma das urnas funerárias, a 07, ter sido reconstituída, de modo a ter suas dimensões seguramente estimadas. Um fato observado é que no caso desta urna parece haver uma relativa desproporcionalidade entre o porte do indivíduo e o diâmetro da boca do vasilhame contendor, demonstrando o cadáver deve ter sido fortemente amarrado antes de ser incumbido neste vasilhame (LEITE, 2011).

Além destes elementos, observou-se uma padronização quanto à decoração das urnas funerárias e a faixa etária dos indivíduos. Nos enterramentos infantis, foi observado que dois lactentes foram acomodados em urnas cujos vasilhames contedores e opérculos apresentavam os mesmos tratamentos de superfície - interno e externo, ao mesmo tempo, os tratamentos de superfície (interno e externo) dos opérculos de tais urnas mostram-se similares aos observados em ambas às superfícies do vasilhame contendor que comportava outro terceiro lactente do sítio. No caso dos enterramentos adultos, os vasilhames contedores também apresentam os mesmos tratamentos de superfície em seu interior e exterior.

4.4.2 Datações obtidas

Através da materialidade que possui datação absoluta, fazem-se inferências acerca dos autores responsáveis pelo seu fabrico e uso (Tab. 4).

Tabela 3 – Datações do Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.

Material datado	Datado em:	Referência
Fibras vegetais e cabelo	340+-40 BP	BETA113112
Carvão	450+-40 BP	BETA 113114
Pele	371+-40 BP	BETA 113115
Pele	310+-50 BP	BETA 114558
Pele com arco e flecha	230+-50 BP	BETA 115612
Pele	320+/-40 BP	BETA 136210
Pele	300+/-40 BP	BETA 136208
Pele	240+/-50 BP	BETA 136209

Fonte: Acervo FUMDHAM.

Tais informações permitem inferir que, os enterramentos deste sítio arqueológico são indígenas. O próprio nome do sítio reflete a tradição oral sobre o mesmo. A cerâmica utilizada e os materiais do enxoval funerário, vão de encontro ao objetivo da pesquisa de buscar elementos materiais, que somados a documentos e a história oral comprovam a permanência indígena na região.

É interessante observar que os enterramentos referentes ao período colonial são muito mais expressivos que os restos humanos encontrados no Parque Nacional Serra da Capivara referente a períodos anteriores, contudo, há uma predominância de estudos “pré-históricos” como busca de comprovação da antiguidade do homem no continente americano.

4.4.3 O perfil funerário do Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos

As práticas de sepultamento das sociedades podem fornecer muitas informações sobre elas. Segundo Binford (1971), as formas de sepultamento são um

dos aspectos mais resistentes às mudanças e, por esse motivo, um forte caracterizador cultural. Elas estão condicionadas à sociedade que as criou. As práticas mortuárias em qualquer sociedade estão condicionadas às características da complexidade organizacional da própria sociedade. As formas e as estruturas dos sepultamentos variam dentro da própria sociedade de acordo com a posição, idade, sexo, filiação, entre outros aspectos.

Para a realização deste tópico, tem-se como principal referência o trabalho de Leite (2011). Apoiada no pressuposto de que o sítio foi utilizado para a realização de práticas funerárias em períodos diversos, a pesquisadora utilizou métodos ordenados e análise sistemática de cada enterramento do sítio arqueológico, considerando fatores como sexo, idade, tipo de urna, entre outros, para reconstituir o perfil funerário do Sítio Toca da Baixa dos Caboclos, a partir da reconstituição dos seus respectivos Perfis das Unidades Funerárias. Para definir o perfil funerário do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, Leite (2011) utilizou-se de basicamente três conceitos: Perfil Funerário, Perfil Funerário do Sítio e Perfil das Funerárias.

Para Leite (2011), perfil funerário é o conjunto de elementos relacionados às práticas fúnebres realizadas na totalidade dos enterramentos evidenciados em um dado sítio arqueológico, somente é possível estabelecê-lo através dos Perfis das Unidades Funerárias.

Os Perfis das Unidades Funerárias são um conjunto de elementos relacionados às ações fúnebres, materialmente representadas no contexto funerário pelos elementos antropofísicos⁴¹ e sepulcrais⁴² observáveis em cada enterramento (LEITE, 2011).

Para estabelecer o Perfil Funerário, em escala macro, Leite (2011) concebeu através de um viés sistêmico, a observação dos fenômenos relacionados aos enterramentos a partir de **variações preestabelecidas** que permitiram ordená-lo hierarquicamente e relacioná-lo entre todos os enterramentos estudados.

Para o estabelecimento do Perfil Funerário, foi necessário em primeiro momento considerar o Perfil das Unidades Funerárias e o Perfil Funerário do Sítio⁴³.

⁴¹Na pesquisa de Leite (2011), a pesquisadora considerou os elementos antropofísicos de sexo e idade nos esqueletos.

⁴²Os elementos sepulcrais analisados estariam relacionados à estrutura funerária, o tratamento funerário e acompanhamento funerário (LEITE, 2011).

⁴³O perfil funerário do sítio é construído através do perfil funerário das unidades.

Baseado nisso, Leite (2011) observa que um dos primeiros pontos é que o sítio Toca da Baixa dos Caboclos foi utilizado como espaço destinado apenas às atividades funerárias e à execução de grafismos rupestres. Embora tenham sido encontrados neste sítio alguns artefatos líticos e cerâmicos, a frequência com que eles aparecem sugere que não havia uma utilização contínua do espaço para realização de outras atividades.

Em relação aos enterramentos, o sítio foi utilizado como local destinado à realização de enterramentos infantis e adultos. Em princípio, foram identificados apenas dois indivíduos adultos do sexo masculino. Mas é possível que os outros dois, cujo sexo não foi determinado devido ao estado de fragmentação do esqueleto, correspondessem a indivíduos do sexo feminino, os demais esqueletos pertenciam a crianças, dificultando a identificação de seu sexo (LEITE, 2011).

Leite (2011) observa com relação às estruturas funerárias que elas foram efetivamente escavadas no sedimento ou na própria rocha do abrigo e que ambos os tipos de estruturas funerárias foram utilizados para acomodar adultos e crianças. As estruturas escavadas na rocha chamam atenção pelo fato de serem inéditas na região sudeste do Piauí, não tendo sido registradas até o momento nenhum outro sítio arqueológico na área do PARNA.

Segundo Leite (2011), apesar das estruturas funerárias estarem a aproximadamente um metro de equidistância, essas cavidades parecem ter sido escavadas em um mesmo momento cronológico. Essa inferência pode ser feita a partir da observação de que a própria rocha apresenta entalhes horizontais que se prolongam de uma cavidade a outra e que parecem ter sido impressos durante a escavação do arenito pelo(s) grupo(s) responsáveis. Para a pesquisadora, considerando a possibilidade de que essas estruturas tenham sido escavadas em um mesmo momento cronológico, é provável que tivessem sido realizadas por um mesmo grupo cultural.

Leite (2011) enfatiza outro elemento na pesquisa, que diz respeito às estruturas escavadas diretamente no sedimento do abrigo utilizadas para acomodar enterramentos indiretos de crianças e adultos. Um fato observado é que entre as cinco cavidades desse tipo, quatro estavam posicionadas a equidistâncias de um metro quase exato. Essa distribuição, portanto, aponta uma preocupação com o agenciamento espacial das sepulturas, com inclusive a mensuração das distâncias entre elas.

Tabela 4 – Elementos antropofísicos e sepulcrais do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.

ELEMENTOS ANTROPOFÍSICOS			ELEMENTOS SEPULCRAIS
UR NA	IDADE	SEXO	ESTRUTURA FUNERÁRIA
1	Não lactente (+/- 3 anos)	ND	Cavidade – sedimento
2	Lactente (<1/2 anos)	ND	Cavidade – sedimento
3	Lactente (< 2 anos)	ND	Cavidade – rocha
4	Adulto (ND)	ND	Cavidade – rocha
5	Adulto (ND)	ND	Cavidade – rocha
6	Adulto (25-30 anos)	Masculino	Cavidade – rocha
7	Adulto (20-22 anos)	Masculino	Cavidade – sedimento
8	Não lactente (4 anos)	ND	Cavidade – sedimento
9	Lactente (ND)	ND	Cavidade – sedimento

Fonte: A autora.

Segundo Leite (2011), com relação ao tratamento funerário, a maior parte dos enterramentos era do tipo primário, e embora haja possibilidade de que três deles que estavam demasiadamente perturbados fossem secundários, nenhum deste tipo foi efetivamente constatado. Ao mesmo tempo, dentre os nove enterramentos, oito eram do tipo indireto, acomodados em urnas funerárias, e apenas um foi depositado diretamente na estrutura funerária. No caso dessas duas práticas enterramentos primários e indiretos, elas foram destinadas a crianças e adultos. A prática do enterramento direto foi registrada em um único enterramento, e ele correspondia a um adulto do sexo masculino.

Acerca do acompanhamento funerário, observou-se que a presença/ausência pode estar relacionada à faixa etária e ao sexo dos indivíduos. Nos enterramentos infantis, os acompanhamentos funerários estavam presentes nos lactentes e ausentes nos não lactentes, similarmente acontece isso com os adultos do sexo masculino, que apresentavam idades aproximadas (20-22 e 25-30 anos) traziam consigo fibras vegetais similares, produzidas sob uma mesma técnica de confecção, diferindo apenas nas espessuras (Leite, 2011).

Nos enterramentos do sítio Toca da baixa dos Caboclos são observáveis recorrências entre os elementos atropofísicos dos indivíduos. Em relação à distribuição espacial dos enterramentos, o modo como eles foram agenciados no abrigo unido às cronologias obtidas permitem inferir sobre a utilização do sítio como espaço funerário. Leite (2011) concluiu com isso que os grupos que utilizavam o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos como espaço funerário detinham o mesmo modo de agenciar o espaço e as práticas funerárias.

As datações obtidas para o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos sugerem que o espaço tenha sido utilizado pelo menos em dois momentos cronológicos distintos, com uma distância de 80 anos entre um e o outro. Baseado nas datações e nas práticas funerárias, Leite (2011) propõe que o espaço do sítio tenha sido utilizado pelos mesmos grupos culturais.

5 POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

A historiografia indígena do Nordeste do Brasil é extremamente pobre em relação à forma como que foi escrita e ao reduzido número de pesquisas realizadas. Tal como os demais Estados do Nordeste, o Piauí não vai à contramão e enfrenta a mesma dificuldade.

Para a historiografia piauiense, os indígenas do Estado foram aniquilados, essa intenção em fazer menção ao extermínio dos indígenas é resultado de uma problemática que tem início desde os primeiros relatos sobre a história do Piauí pré-colonial. Por longo tempo, a historiografia foi narrada sob um único viés, o do colonizador Europeu, que munido de sua visão eurocentrista e elitista, narrava e registrava a história apenas do ponto de vista que o favorecesse juntamente à sua sociedade. Além disso, após o contato aconteceram misturas que mesclaram as culturas envolvidas. Como resultado de ambos os processos, decorre a invisibilização dos indígenas no Piauí.

Em sua tese de doutoramento, Ana Stela de Negreiros Oliveira (2007, p. 135) afirma que os índios da região sudeste do Piauí utilizavam diversas táticas para que sua presença não fosse percebida, evitando assim, sua perseguição e morte. Segundo a historiografia, esse período em que os índios se “esconderam” seria de sete anos, contudo, de acordo com a autora, o período é bem mais longo somando quarenta anos, logo, grande parte dos sítios arqueológicos do período de contato foram apagados, pois os índios “procuravam cobrir todos os vestígios de sua passagem” Oliveira (2007, p. 114).

Segundo Porto Alegre *et al* (1994, p. 21) a ideologia da extinção dos indígenas no sertão seria resultado das misturas que foram estabelecidas nos séculos XVIII e XIV:

Que critérios usar para pensar historicamente a etnicidade indígena nesse contexto? O tema, ou para dizer melhor, o problema central está posto. A política indigenista da segunda metade do século XVIII e do século XIX desarticulou deliberadamente a vida tribal e forçou as sociedades indígenas ao contato com a população nacional. Apesar disso, a presença dos índios vivendo em pequenos enclaves (os aldeamentos), em meio à população circundante era maior do que se supõe.

As autoras reforçam ainda o processo de invisibilização que os indígenas do Sertão sofreram. Para elas, os indígenas do Nordeste do Brasil não foram aniquilados, mas sim invisibilizados:

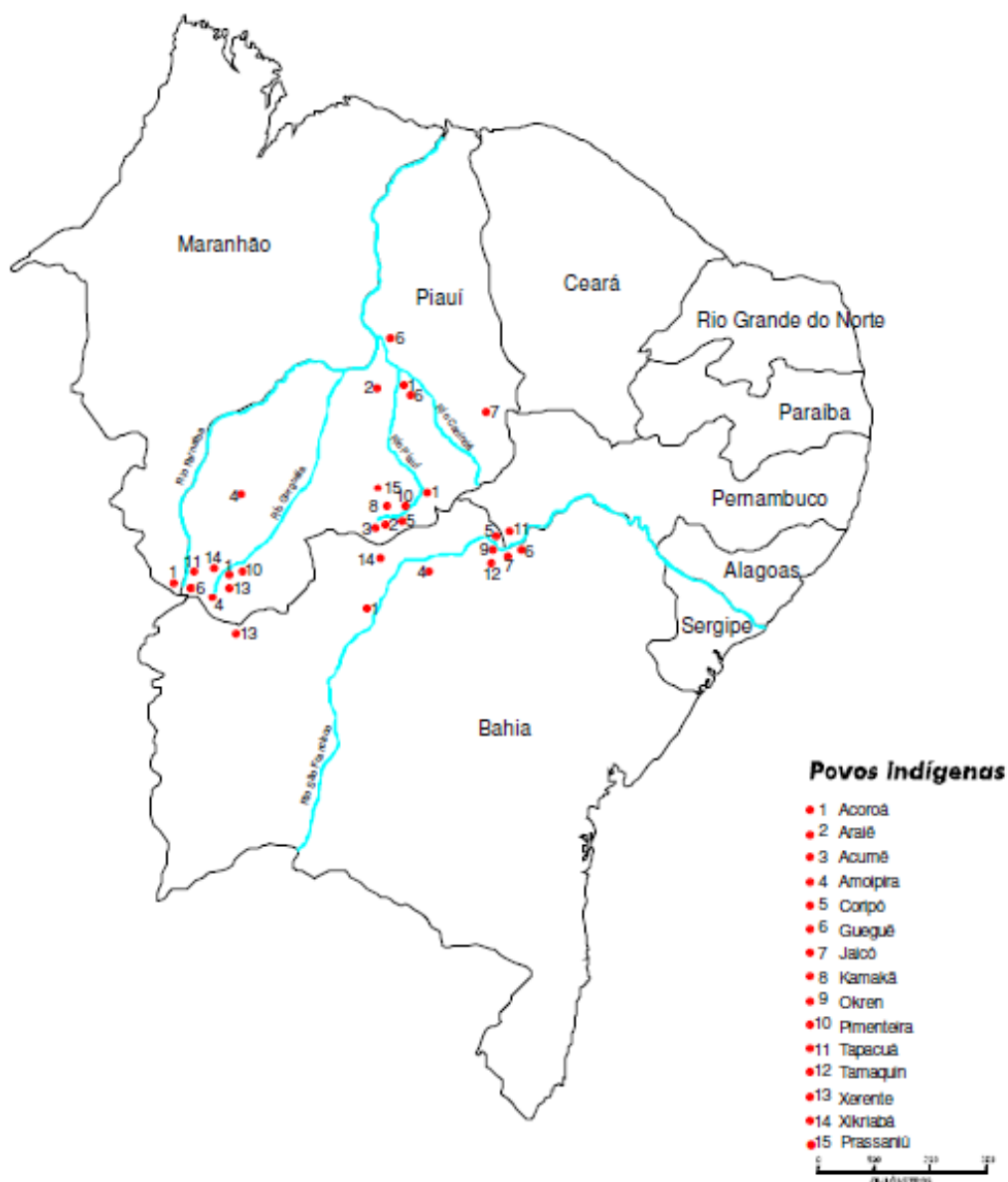
O alegado “desaparecimento” atribuído pelos contemporâneos e pela historiografia ocorreu em parte, devido à dispersão e miscigenação. Mas muitas vezes tal “desaparecimento” significou apenas perda de visibilidade (PORTO ALEGRE, SILVA e DANTAS, 1994, p. 22)

Para a historiografia indígena piauiense existem alguns poucos relatos de cronistas e viajantes dos séculos XVIII e XIX. Para o século XVII, possuem-se relatos do Pe. Miguel de Carvalho. Para o século XVIII, o relato deixado pelo ouvidor Antonio José de Moraes Durão. Para o século XIX, as publicações de Von Spix e Von Martius, de George Gardner e Alcide d’Orbigny (CARVALHO *apud* ENNES, 1938; MOTT, 1985; MARTIUS e SPIX, 1968; GARDNER, 1975; ORBIGNY, 1976) (OLIVEIRA, 2007, p. 53). (Fig. 48)

Segundo Oliveira 2007, nestes relatos é observável a presença das etnias Acoroá, Acumê, Amoipirá, Araiê, Coripó, Gueguê, Jaicó, Kamakã, Okren, Prassaniú, Tapacua, Tamanquim, Xerente, Xikriabá, além dos Pimenteira, grupo mais citado na documentação do Estado do Piauí. Esses grupos estiveram concentrados em três áreas distintas: nas cabeceiras do Rio Piauí, no norte da Bahia e no sul do Piauí. Quase todas as etnias pertencem ao tronco Macro-jê, exceto os Amoipira, povo Tupi, já os Pimenteira segundo alguns autores, como da família Karib. (Pinto, 1935; 1938 *apud* Oliveira 2007).

Mesmo com relatos sobre a existência de etnias indígenas no Estado do Piauí, a presença desses povos foi negligenciada e vista como parte de um passado longínquo.

Imagem 48– Mapa dos Povos Indígenas do Sudeste do Piauí



Fonte: Tese de doutorado OLIVEIRA, 2007.

A busca pela sobrevivência por diversas estratégias e as misturas que ocorreram invisibilizaram o indígena no Piauí, cristalizando a ideologia de sua não existência no território, mas se isso de fato ocorreu como explicar as comunidades que a cada instante se manifestam para serem notadas?

[...] desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “reterritorialização”. Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas

identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas (LUCIANO, 2006, p. 28).

As estratégias utilizadas pelos indígenas e as misturas ocorridas, serviram como ferramentas para a manutenção destes povos, que por longo tempo se esconderam.

Com a melhoria nas políticas públicas oferecidas aos povos indígenas, eles “ressurgem”. Isso reforça que os indígenas não foram aniquilados, mas sim invisibilizados (LUCIANO, 2006). Tal proposição é confirmada quando analisados os dados dos últimos Censos. Analisando os dados obtidos entre o Censo de 1991 e 2000, houve um crescimento de 10,8% ao ano da população que se declarou indígena.

Muitos demógrafos atribuíram o fato a um momento mais apropriado para os indígenas, em que estavam saindo da invisibilidade em busca de melhores condições de vida [...] (CENSO, 2010, p. 4)

A junção dos novos dados gerados com o registro arqueológico, histórico e oral permite a confirmação da presença e permanência de povos indígenas no Piauí.

Documentos históricos são suportes para a análise da presença dos indígenas quando na chegada dos colonos e as relações com eles estabelecidas. De acordo com Alencastre (1857, p. 22), “as raças indígenas, que habitavam o Piauí por ocasião de sua descoberta eram ainda numerosas” e “[...] nas margens dos numerosos tributários do Parnahiba, e seus afluentes paravam as aldeias indígenas”. Sobre sua permanência, “Os Gueguêz, Acoroás (Coroados), Aruazes, Jaicoz e Pimenteiras subsistiram até há bem poucos anos [...]” (Alencastre, 1847, p. 24), sendo eles “os que resistiram por mais tempo ao estabelecimento dos Portuguezes[...]” (Alencastre, 1847, p. 30).

Nos Parques Nacionais Serra das Confusões e Serra da Capivara existem sítios com materialidade e cronologias que remetem ao período do contato e confirmam a presença e permanência indígena na região. No contexto destes sítios, existem comunidades vivas que podem e falam sobre estes vestígios, entendendo-os como **seus** por fatores hereditários.

No Parque Nacional Serra da Capivara, um dos sítios que podem elucidar estas questões é o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos. Este sítio possui datações relacionadas aos enterramentos que lá foram encontrados (450 BP, 340

BP, 370 BP, 320 BP, 310 BP, 240 BP, 230 BP,) que se enquadram no período do contato (em até 500 anos atrás).

Além das datações, o sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos possui em seu entorno uma comunidade que reconhece sua ascendência indígena.

A Toca da Baixa dos Caboclos localiza-se na antiga fazenda São Francisco no município de São João do Piauí, na chapada São Francisco ao sudeste da bacia sedimentar Maranhão-Piauí. De acordo com a documentação existente os povos indígenas que ocupavam essa região eram os Acoroás. Partindo desse pressuposto, verificamos a resistência desses povos. Segundo Alencastre, devido ao fortalecimento da influência Jesuítica sobre os indígenas, o rei D. José estabelece a “Lei da exterminação” de 03 de outubro de 1759, com a finalidade de aniquilar os indígenas que poderiam unir-se aos Jesuítas. Segundo a história oficial, alguns indígenas foram exterminados e outros conquistados, porém analisando a historiografia verifica-se que,

Sem proceder a ordem do soberano, nem ao menos participar-se ao general do estado, por consulta somente dos interessados, se declara guerra e conquista dos índios Acoroás, desnecessária a esta capitania, que tinha suas fronteiras bem desinfetadas (ALENCASTRE, 1857, p. 33).

Em outra investida, observa-se nos documentos que houve a permanência destes povos no Piauí.

Na primeira campanha, que foi em 1771, se deu vista ao Acoroá, batendo-os atrevidamente ao romper do dia, ao tempo que se achavam entretidos com a sua dança, única hora que tem divertimento, uso inveterado d'estes conquistadores, que dão a seu salvo; - e perturbado o Acoroá com o assalto, fugiu imediatamente para as montanhas, e d'elas vendo, lhe ficaram as mulheres e filhos prisioneiros, desceu o seu principal Bruemk, e entrou nos ajustes da paz, com as condições costumadas, em que nunca ha duvida, e a que sempre se falta; - e promete vir para o anno seguinte com tod a gente de duas aldeias que lhe eram sujeitas, assegurando tempo certo de ir buscar (ALENCASTRE, 1857, p. 35).

Como visto, existem relatos de acordos, resistência, lutas entre os indígenas e colonizadores, mas informações sobre o total extermínio da etnia indígena no Piauí não há. É preciso reconhecer o indígena como um importante personagem na construção de nossa nação, identificando os atos heroicos de nativos que protegiam seu espaço e cultura.

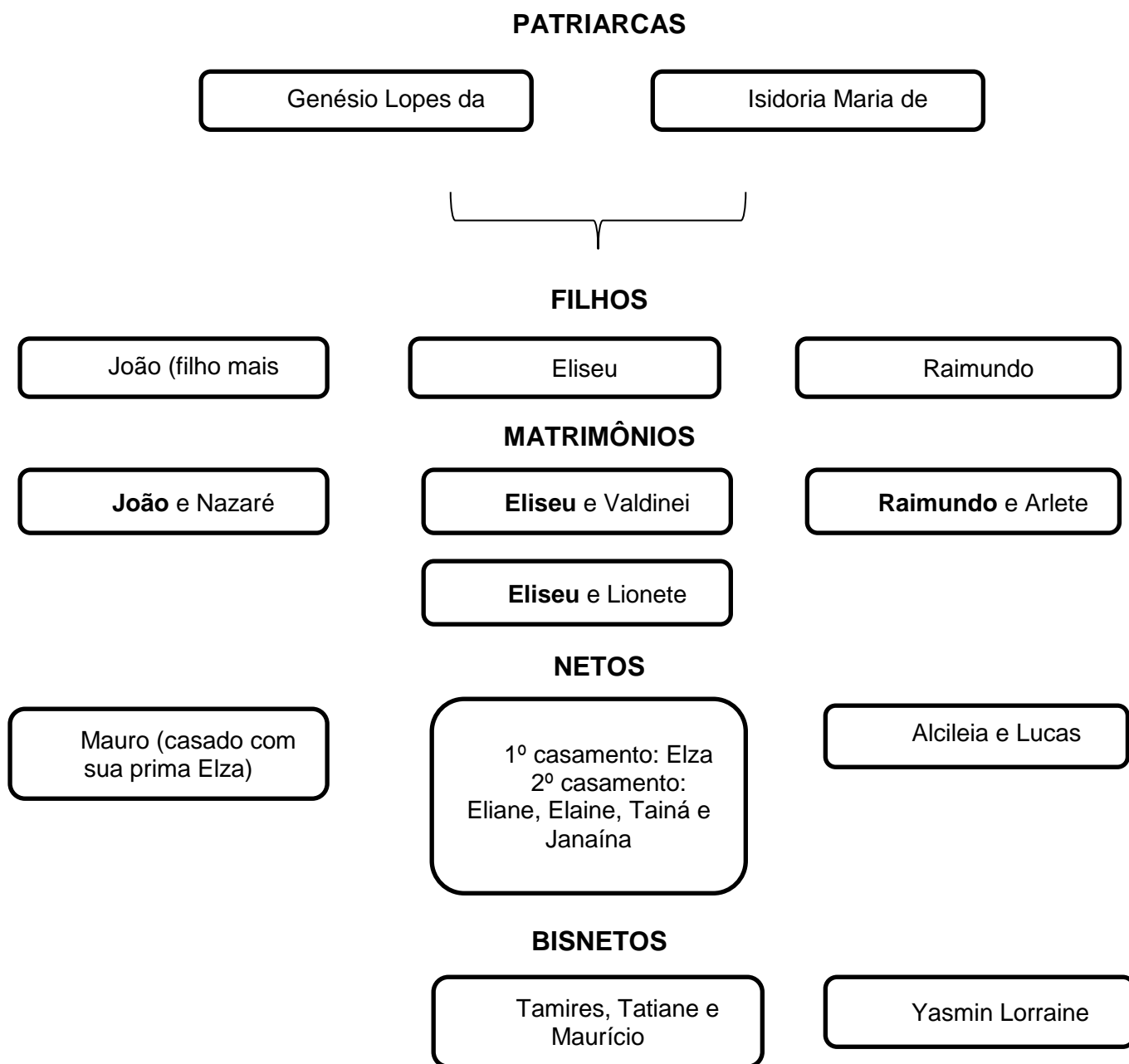
Além da historiografia, um importante elemento para a inferência da(s) etnia(s) que ocuparam a Toca da Baixa dos Caboclos é o estudo da cerâmica. Infelizmente, há uma carência nos estudos sobre cerâmica da região do Parque Nacional Serra da Capivara, fato recorrente em parte do Nordeste do Brasil. Em relação às pesquisas realizadas na área do PARNA Serra da Capivara, apenas no ano de 1981 foi realizada a tentativa de associar os materiais cerâmicos encontrados, atrelados a dados etnohistóricos e etnográficos a uma família linguística indígena, neste momento através do trabalho de seriação dos fragmentos cerâmicos encontrados no sítio Aldeia da Queimada Nova, foi inferida a associação destes materiais a filiação cultural Tupinambá. Após esta tentativa em buscar filiações aos povos indígenas que passaram e/ou habitaram na região do Parque Nacional Serra da Capivara, nenhuma outra tentativa foi realizada.

Nesta pesquisa, foi realizada a análise dos fragmentos cerâmicos resgatados do sítio com a finalidade de registrar e disponibilizar para propostas e inferências acerca dos grupos que habitaram ou passaram pela região.

5.1 A comunidade do entorno

O sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos está no interior da antiga fazenda São Francisco, no município de São João do Piauí. Nela ainda hoje residem os membros de uma mesma família que através de relações matrimoniais, algumas vezes entre membros da família (geralmente a união entre primos), perpetuam sua genealogia no local, como expõe o esquema abaixo:

Esquema 1 – Genealogia da família que reside no entorno do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.



Obs: Este esquema traz informações apenas dos moradores que moram na fazenda atualmente.

Devido ao intenso e duradouro período de seca, entre a primeira campanha realizada para esta pesquisa no mês de dezembro de 2015 até a segunda, feita em janeiro do corrente ano, houve o êxodo de alguns membros da família para a zona urbana de São João do Piauí ou para São Paulo. Atualmente, residem no local apenas os membros da família do casal Eliseu e Lionete.

Hoje, os herdeiros de Genésio e Isidoria conduzem suas vidas tentando conciliar as atividades do roçado com a vida urbana. Os membros mais velhos, em sua maioria, lamentam por terem que abandonar as atividades rurais para conviver no núcleo urbano em busca de melhorias de vida, ao mesmo tempo, preocupam-se que seus filhos possuam a educação das escolas da cidade, para seu crescimento pessoal. Os mais jovens, dividem-se entre a vida urbana e a vida rural, gostando de ambas.

Imagem 49 - O pequeno Tainan no cenário das pinturas rupestres do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.

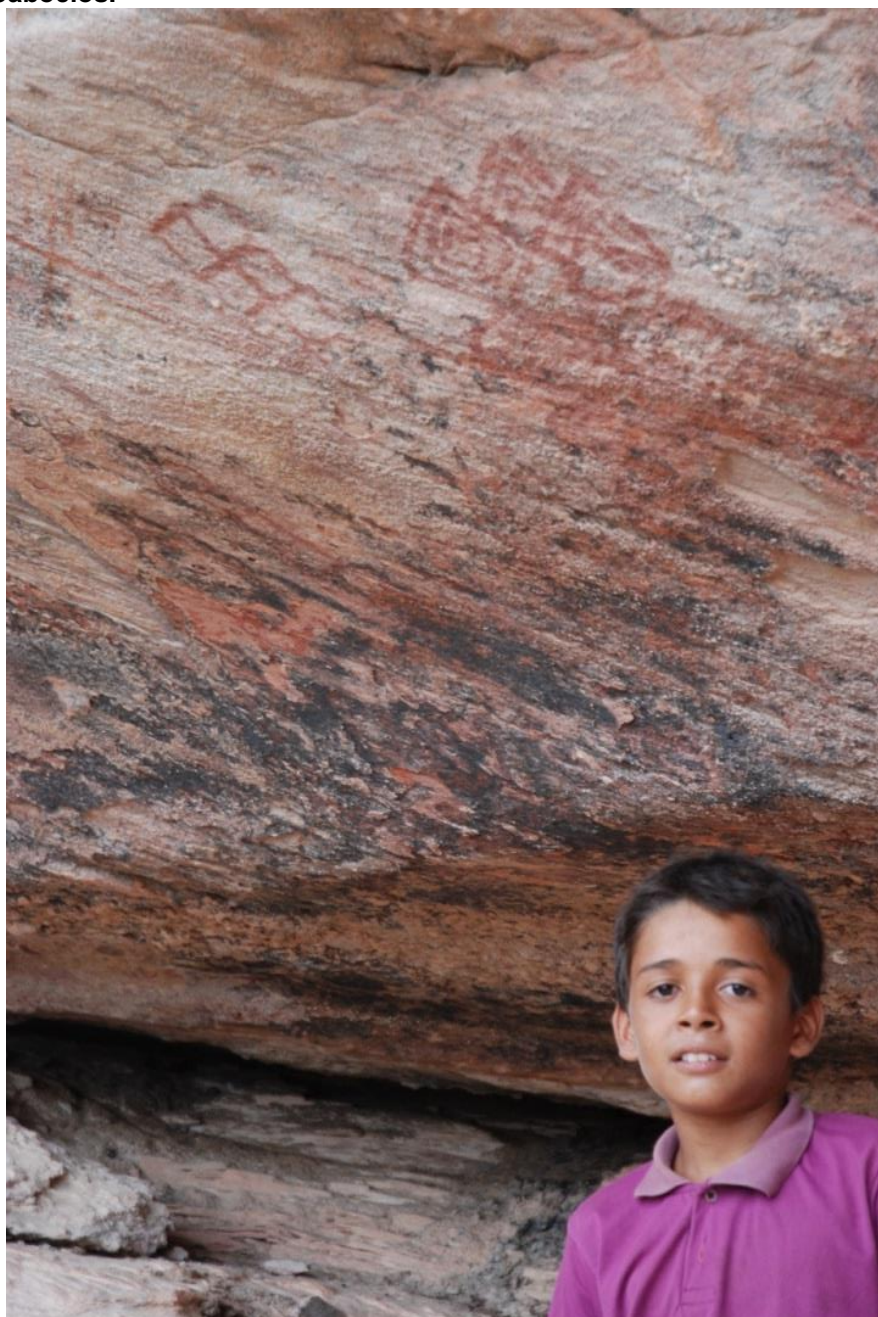


Foto: Gisele Daltini em campanha do sítio de dezembro 2015.

Imagem 51 - A filha mais nova de Mauro, neta de Genésio e Isidoria.



Foto: Gisele Daltini em campanha do sítio de dezembro 2015.

Imagem 52 - Léinha no sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos.



Foto: Gisele Daltini em campanha do sítio de dezembro 2015.

5.2 A oralidade como fonte histórica e arqueológica

A arqueologia surge sob o domínio das ciências duras, onde somente o estudo sistemático de dados concretos possibilitaria a análise do material ou objeto estudado. Com o desenvolvimento da disciplina, hoje é completamente reconhecida à subjetividade nos objetos estudados, assim um novo olhar direcionado para a interpretação emerge. A arqueologia pautada somente na materialidade passa a ser revista e as vozes daqueles que compõem o contexto dos enclaves arqueológicos passam a ser escutadas.

Através dos trabalhos realizados com arqueologia colaborativa é possível obter relatos das comunidades atuais acerca da história do contexto local, facilitando e contribuindo diretamente para a pesquisa em arqueologia. Estes relatos podem ser obtidos mediante o trabalho em história oral. Um dos objetivos desta pesquisa visa estabelecer um estudo dialógico com a comunidade que compõe o contexto do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, sob a perspectiva da história oral.

Sobre a pesquisa em oralidade, Geertz observa que para a realização desta metodologia, não é necessário que o pesquisador busque igualar-se ou assemelhar-se ao analisado, mas sim estabelecer as diferenças que existem entre ambos, instituindo uma relação de valorização de informações e trocas, onde cada um possua o seu lugar de fala:

[...] procurando, e depois analisando, as formas simbólicas – palavras, imagens, instituições, comportamentos – em cujos termos as pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros, em cada um desses lugares. (GEERTZ, 2014, p. 63).

Sob essa perspectiva, Geertz (2002) sugere que o pesquisador chegue de “mansinho”, estabelecendo uma conversa onde sejam relatadas as histórias e vivências particulares do entrevistado, só assim, posteriormente, é possível iniciar as questões referentes à pesquisa. Encontros e reencontros com as comunidades podem permitir o estabelecimento de uma “intimidade” entre o pesquisador e o entrevistado.

Não se deve esquecer que aos olhos dos entrevistados, o pesquisador é um “interessado temporário” sobre o campo da pesquisa, por isso, é necessário que ele construa com o entrevistado uma ética que lhe permita confiança, aproximando-se com cautela adentrando de forma branda, quando lhe for conveniente nos campos a

serem pesquisados. Com a afirmação desta intimidade, Geertz (1978, p. 23) infere sobre a importância do pesquisador se situar dentro do universo imaginativo, “Situarmos, eis no que consiste a pesquisa como experiência pessoal” ressalta o autor. Para isso, é preciso pontuar diálogos construtivos.

Como método utilizado para a realização do contato com os entrevistados será utilizado o de entrevista semiestruturada, metodologia que se apoia na perspectiva da história oral.

Tomando por base a história oral e a compreendendo enquanto uma documentação viva, Meihy e Holanda (2015), propõem como metodologia que um dos pressupostos básicos para uma entrevista é o questionamento “de quem?” entrevistar, para isso, ao adentrar a comunidade do entorno do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, faz-se preciso identificar aquele que seria o “porta-voz”, um forte articulador que poderá nortear as entrevistas futuras.

O segundo elemento para a realização da história oral seria o “como” e este se revela a partir da solicitude do entrevistado em questão. Tem-se em mente que intimidade e solicitude são conquistadas no desenrolar das conversas, pelo estabelecimento de um contato amistoso entre o pesquisador e o entrevistado.

O terceiro pressuposto é o “por quê?” da escolha do personagem entrevistado. Nesta pesquisa, a escolha do trabalho em história oral com a comunidade inserida no contexto do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos se dá devido ao conhecimento histórico sobre a materialidade expressa neste sítio, podendo elucidar questões sobre a presença indígena no sudeste do Piauí.

Através das informações extraídas do trabalho de história oral, será possível esclarecer questões acerca da presença indígena neste sítio e conseqüentemente no sudeste do Piauí, contribuindo diretamente para a construção da historiografia indígena do Estado.

5.3 O trabalho de história oral

No Brasil, a disciplina de história oral foi introduzida com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, na década de 1970, neste momento, devido às discussões com os problemas metodológicos os pesquisadores possuíam pouco interesse pela disciplina.

Esse desinteresse era resultado de um processo histórico. No século XIX, com a profissionalização do historiador foi imposto o domínio absoluto dos documentos como fonte em detrimento da história oral, resultando na preponderância de documentos de um passado mais remoto. Enquanto isso, a história oral que nos informa sobre o passado recente, deixaria de fazer parte dos domínios da disciplina de história e deveria passar a ser estudada pelas ciências sociais. Sob essa lógica, os grandes feitos históricos coletivos eram valorizados por sua representatividade histórica mais duradoura, enquanto as histórias individuais eram vistas como movimentos de baixa amplitude que não mereciam atenção.

Contudo o interesse pela história oral não é cessado. Com o desenvolvimento de tecnologias e com o surgimento do gravador, o trabalho em história oral ressurge. Em 1940 o jornalista Allan Nevins, utilizando como recurso um gravador, efetivou o trabalho de entrevistas (história oral) sobre a atuação de grupos dominantes norte-americanos.

A partir de 1975 os trabalhos em história oral são intensificados, desta vez, direcionados aos grupos excluídos que nunca tinham a oportunidade de narrar e registrar suas histórias e com elas seus pontos de vistas e consequências sofridas nos processos históricos ocorridos.

Essa perspectiva de buscar dar visibilidade às sociedades inferiorizadas se ajusta aos trabalhos em arqueologia colaborativa. Com isso, “Habitados a conversar com os mortos, os historiadores agora também dialogam com os vivos” (AMADO, p. 145, 1997), pois acredita-se que através destas vozes seja possível compreender os processos que ocorrer em nossa sociedade.

Tal tarefa não é fácil. A pesquisa em história oral exige grande responsabilidade por parte do pesquisador, pois por se tratar de narrativas contadas por personagens vivos, pode trazer repercussões tanto positivas, quanto negativas (AMADO, 1997).

Vale salientar que o trabalho em história oral está profundamente imbricado ao conceito de memória. Segundo Le Goff (2003), entende-se memória como uma propriedade de conservar determinadas informações, remetendo-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como tal.

Na realização da pesquisa em história oral, é proposto que o entrevistado estabeleça um contato direto com suas memórias, “[...] a memória não consiste, em

absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas pelo contrário, num progresso do passado ao presente”. Para Bergson (1990, p.196), a memória é algo que afeta o presente e projeta uma ação no futuro, revolver as memórias que por vezes estão ocultadas, interfere diretamente na continuidade de nossa história.

Trabalhar com as memórias da comunidade do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos poderá elucidar questões em relação à presença indígena na região, por histórias transmitidas ao longo de gerações e hábitos transmitidos e conservados ao longo dos anos.

Ao adentrar no sítio Toca da Baixa dos Caboclos a presença indígena é facilmente percebida. Pela materialidade evidenciada no sítio, pela relação dos moradores com os vestígios que lá foram encontrados, pelas histórias narradas.

No sítio, para a realização do trabalho em história oral, pretendia-se entrevistar a matriarca da família, Dona Isidoria, mulher que além de ter acompanhado três gerações, ainda se recorda dos relatos transmitidos por seus familiares. Contudo, imprevistos podem ocorrer na realização do trabalho em história oral e Dona Isidoria por motivos de saúde não pôde nos conceder entrevista. Porém, pelo recurso da oralidade, a avó transmitiu para sua neta “Léinha” as histórias que conhecia e trazia consigo ao longo de gerações, perpetuando desta forma as narrativas sobre o sítio e sua família.

Léinha é uma jovem que já tem muitas histórias para contar sobre suas vivências e também, a respeito da área do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos. Questionada sobre a ancestralidade indígena da comunidade do entorno do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos, Léinha elucida esta questão, através da genealogia de sua avó, Isidoria;

[...] porque a minha bisavó, que era filha da avó da minha avó, disse que foi pegada por cachorro, por causa que os homens brancos pegaram porque ela era muito brava no mato, aí que nem cachorro fizeram foi pegar. Minha avó disse que era verdade porque era a avó dela. Ela disse que ela tinha uma média de dez anos e se lembra disso. Ela nem conhecia ela. Mas aí eles chegaram lá, seguraram ela nos braços, levaram ela mesmo que um bicho bruto (Entrevista concedida por Léinha, 2017).

A história de indígenas que eram “pegas a dente de cachorro” ou “por cachorro” é algo recorrente no Piauí, tal informação demonstra que as indígenas locais eram “pegas” pelos colonizadores que as faziam de escravas em todos os sentidos. Como resultado, nascimentos provenientes destas misturas ocorriam e

embora seja um triste episódio na história, contribuiu para a perpetuação do sangue indígena.

[...] aí daí deve ter nascido a minha no caso bisavó, que é a filha dela, que é a mãe da minha avó, nasceu e ela era branca, devia ser misturada e era dos cabelos lisos e minha avó nasceu morena, por causa que o pai dela era bem negro com o cabelo bem bom, aí saiu uma descendência de índio. A minha avó ela tem mais sangue de índio que a gente, porque era a avó dela que era assim. Nós descende de índio, mas é mais distante, depende, tem até quem puxa mais para a família dela, sai mais, quem puxa pra família das mulheres... porque de qualquer forma por parte da minha mãe a minha bisavó, a mãe dela também disse que foi pegada desse mesmo jeito. Aí agora que ninguém sabe vai saber se não é a mesma. (Entrevista concedida por Léinha, 2017).

Assim, ao mesmo tempo em que se buscava exterminar os indígenas guerreiros, que não aceitavam o furto de suas terras e serem designados a trabalhos escravos, misturavam-se as etnias entre os brancos - que representavam a autarquia - e os negros e indígenas, que eram os considerados grupos inferiores. Essa atitude permitia a permanência dos grupos inferiorizados através das misturas.

Como resultado do processo histórico que inferiorizou os indígenas, no discurso de Léinha, é observável um sentimento ambíguo, por vezes ela se refere enquanto ascendente de índio, em outra os cita como personagens de um passado longínquo. De modo geral, Léinha reconhece sua ascendência, pelas histórias de sua família e mesmo por suas características físicas:

E acho legal, porque não adianta por mais que eu não queira dizer que eu tenha descendência de índio alguém sempre aparece bem aqui e diz: Tu parece uma índia, tu é índia? E aí começa a perguntar mil e uma coisa, aí tem lugar de dizer, aí de certa forma, minha amiga, eu considero, ter. Gosto, eu gosto de ter, por causa que hoje em dia é muito... as pessoas gostam dessas coisas (Entrevista concedida por Léinha, 2017).

Pra Léinha, a história do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos é a sua história juntamente com toda a materialidade que o compõe. Ela nos conta que é sabido por ela e por todos os moradores da comunidade que os enterramentos que foram encontrados no sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos pertencia a esqueletos de índios que viviam na região.

Diz que era os índios, mas ninguém tem certeza... mas era... Agora é assim, a... esse... como é que chama, esse instituto aí, Niède, eu sei lá, antigamente eles chegaram lá, assim quando meu avô chegou lá, mais a minha avó, lá tinha muitos, muitos fósseis mesmo, eles falaram que era de índio e eles sabem né, identificar. E eles foram lá, ela, eles acharam muitos fósseis deles, eles acharam muitos potes e aí ela... é tanto, que ela botou lá

um bom valor para o meu avô para ela vender essa propriedade para eles, dizendo que lá tinha muitos anos e tinha muitas riquezas naturais, meu vô nunca, meu vô ainda ficou querendo, mas minha avó não deixou. E eles apanharam muita coisa lá, até teve gente que disse que meu avô não devia ter deixado pegar, porque eles pegaram muitos esqueletos lá inteirinhos dentro dos potes, pegaram pote, dizem, acharam pote, naquele mesmo lugar que a gente foi e em outros lugares na propriedade eles acharam os potes com eles dentro e eles não queriam que levasse (Entrevista concedida por Léinha, 2017).

Para Léinha e outros moradores, a retirada dos vestígios é motivo de insatisfação. Embora seu avô Genésio tenha permitido há anos atrás, para eles a materialidade do sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos faz parte da construção da sua história e a retirada destes vestígios causou um afastamento das lembranças que eram experimentadas por meio daqueles materiais. Sobretudo, os materiais produzidos pelos indígenas possuem simbologia espiritual para os moradores, ampliando ainda mais sua insatisfação:

É, é a história da gente, aí eles pegaram e levaram cadê a história? Quase não tem mais, eles levaram, eles levaram muitos, eles acharam muito pote, levaram os cacos dos pote, levaram os esqueletos, levaram um machado feito de pedra, tudo eles levaram, hoje o Parque Nacional de São Raimundo tá a maior fama só que ninguém sabe a origem, bem daqui de onde a gente morava, aí eles lá com a maior fama, com os índios lá, a gente dói porque isso é de lá, uma coisa que era pra ter ficado lá e meu avô concordou em eles tirar, depois que vocês saíram de lá aquela tampa – se referindo ao painel de pinturas – caiu, porque é assim, essas coisas as pessoas não acreditam, mas essas coisas de caboclo também tem muita parte espiritual, porque eles chegam lá eles só pegam lá as coisas deles, eles só mexem nas coisas fica mexendo naqueles coisões, tirando foto, divulgando pra lá e pra cá aí eles mesmo, eu creio que eles não gostam, porque toda vez que eles foram lá, que eles apanharam alguma coisa, que eles viram desenho, caiu tudo e será que isso aconteceu por causa do tempo? Não é não, tantos anos que tava lá e esses coisões não caiu, porque foi cair logo agora depois que eles mexeram? Lá no São Francisco mesmo, não bem no pé da serra mesmo onde a gente morava [...] pois é lá por trás da serra, pra lá tem mais história do que pra cá, até hoje se vocês forem lá, caminharem lá, ficar por lá, pra procurar você encontra, mas lá tinha uma toca que ela tava completinha, mesma coisa que quando você pega um documento e você plastifica ele que ele não vai desmanchar nada, pois do mesmo jeito essa toca tava lá com os desenhos intactos! Bonitinhos como se tivessem feito hoje, pois aí eles... andando gente aí, eu não sei quem era, andando de helicóptero investigando por cima, bem baixinho vendo as coisas, desceu dois homens lá, foram caminhando, encontrou a toca cheia de desenhos e de alguns potes, pois esses dois homens disseram: Não, vamos deixar aí depois nós vamos voltar para buscar uns equipamentos lá pra voltar depois, pois quando eles chegaram lá, tinha caído uma pedra grande de lá de cima e tampou a boca da toca, ninguém entra! E agora, quem é que vai vim mais nela, acabou, por culpa de quem, DELES, que se eles não tivessem ido inventar de querer pegar alguma coisa lá não tinha caído essa pedra e hoje em dia nós podia ir lá visitar, ver os desenhos, ter uma história para contar sobre o nosso lugar, só que eles pegaram e foram inventar de querer pegar coisa lá, a pedra caiu lá de nada e tampou, então lá tá cheio de desenhos lá dentro e tudo lá dentro, mas ninguém tira, que a

pedra é enorme e caiu bem certinho (Entrevista concedida por Léinha, 2017).

É interessante observar que, em se tratando de ascendência indígena existe uma resistência em aceitá-la, por exemplo, é comum que em comunidades em que se sabe da presença indígena sejam narradas histórias sobre as índias “brabas” foram pegas a dente de cachorro. Estas índias por sua vez, são hoje as matriarcas destas comunidades e sendo elas as matriarcas, não seriam as comunidades atuais de família indígena?

Mesmo com todo esse discurso que circunda a sociedade Brasileira, Léinha tem curiosidade em compreender e conhecer melhor suas origens:

Se eu já parei para pensar? Sim eu imaginei como é que eu podia saber um dia se eu era uma índia mesmo, como é que eu ia fazer, porque como o que eu podia fazer para saber se eu sou uma índia, se tenho descendência de índio ainda ou não, mas eu creio que sim, porque é muito próximo, de certa forma das duas partes, não tem pra onde, minha mãe e meu pai, é muito próximo o parentesco com eles (Entrevista concedida por Léinha, 2017).

Para trazer essa resposta à Léinha e para toda sua comunidade, possivelmente testes de DNA poderiam ser feitos a fim de compreender a genealogia local. É triste ver que a presença indígena no Brasil, em especial no Piauí permanece abafada.

A construção de nosso país desde muito implantou a ideologia dos índios como preguiçosos, moradores de um passado longínquo que por sua inutilidade foram aniquilados. É observável que os para os indivíduos dessas comunidades é mais fácil reconhecer a ancestralidade com o colonizador que chegou, invadiu as terras e corrompeu as famílias nativas, do que se reconhecer a ascendência com os indígenas. Isso é resultado de uma ideologia implantada nos brasileiros desde crianças, sejam nas informações da TV, nos livros didáticos e mesmo na comemoração do dia do índio, em que se espera ver comunidades estereotipadas nuas e com penachos na cabeça. Que decepção seria para uma criança descobrir que o índio “não é índio”⁴⁴, que ele usa calça jeans, fala ao celular, usa a internet, estuda nas escolas... Seria para eles, uma descaracterização do indígena.

Além da questão ideológica, como estratégia de sobrevivência os indígenas tiveram que se esconder para que sua presença não fosse notada, ao esconderem

⁴⁴ Conceito de índio estereotipado pelo europeu.

algumas características culturais eram ocultadas, como uma espécie de camuflagem. Contudo, estas características não foram abandonadas e ainda hoje é possível vê-las em nosso cotidiano, já que somos todos misturados.

É preciso reconhecer que as sociedades são mutáveis, o que engloba os indígenas e que a etnia não se define pelo estereótipo, mas sim pelo sentimento de pertencimento.

5.4 A representatividade do Sítio Arqueológico para a comunidade do entorno

Para os moradores entorno do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos é motivo de grande orgulho ter no interior de suas propriedades elementos que têm importância mundial.

Durante a execução das campanhas arqueológicas, a todo instante era explicada a importância dos estudos sobre os vestígios arqueológicos para a elucidação de questionamentos e, sobretudo, como forma de narrativa.

Os moradores entendem os enterramentos do sítio enquanto provenientes de seus ancestrais e, ver a dimensão que esses vestígios tomaram é satisfatória. Alguns moradores, geralmente os mais velhos, lamentam que os materiais provenientes do sítio não estejam hoje em seu contexto, acreditam que os indígenas que estavam enterrados ali também não aprovaram a retirada de seus esqueletos daquele lugar, rebelando-se e destruindo os vestígios que permanecem lá, tal como o painel de pinturas. Já os moradores mais jovens entendem melhor a questão da relevância destes vestígios para a construção histórica e têm uma aceitação melhor.

Este sentimento ambíguo de orgulho e de perda pelos materiais arqueológicos encontrados que compõem a história de toda uma comunidade é extremamente comum nos trabalhos em arqueologia, por isso, são necessárias maiores discussões em relação à salvaguarda do bem arqueológico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1970, a equipe franco-brasileira de missões arqueológicas toma conhecimento sobre esqueletos que estavam emergindo na propriedade do senhor Genésio Silva, no atual município de São João do Piauí no enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara, na região Sudeste do Piauí. Mediante a notícia, a equipe vai até o local e evidencia alguns dos esqueletos que já se encontravam em superfície.

O sítio que estava no interior da propriedade do senhor Genésio recebe a nomenclatura de Toca da Baixa dos Caboclos, terminologia já utilizada pelos moradores da comunidade para o local. Vale citar que a partir do nome do sítio já é possível levantar algumas inferências.

A terminologia “caboclo” faz parte da construção histórica de invisibilização do indígena. O caboclo seria a decorrência da mistura entre o branco e o índio, que resultaria em uma raça distinta à indígena. Mesmo que o indivíduo “caboclo” estivesse inserido no contexto social de indígenas e vivenciasse os hábitos, modos de fazer e cultura como um todo deste povo, através desta terminologia ele é descaracterizado da identidade indígena e passa a pertencer a uma parcela inferiorizada da identidade branca.

Deste modo, o primeiro resultado obtido acerca da presença indígena neste sítio arqueológico é obtido através do nome do lugar, que faz menção direta à presença do indígena com o colonizador na região.

A materialidade do sítio também vem reforçar a proposição da presença indígena no local. Foram encontrados mais de seiscentos vestígios cerâmicos dentre fragmentos a potes praticamente inteiros. No interior destes vasilhames foram evidenciados esqueletos humanos que estavam relacionados a alguns materiais que compunham seu enxoval funerário.

A localização do sítio nos permite inferir acerca da presença dos Acoroás na região, conforme evidenciado na historiografia usual.

A presença indígena na região comprovada neste trabalho para um período recuado se estende à contemporaneidade. A comunidade local considera ter ascendência indígena e narra histórias das mulheres mais velhas de sua família que foram pegas “a dente de cachorro”. Estas mulheres e matriarcas de suas famílias transmitiram o sangue indígena, os hábitos, os modos de fazer e a cultura do seu

povo, embora tenha havido adaptações e mudanças de hábitos comuns em todas as sociedades.

É importante observar a resistência que existe ainda hoje em se reconhecer enquanto indígena, sendo mais fácil reconhecer apenas a descendência desse povo, enquanto deveria ser ascendência desse sangue e cultura tipicamente brasileiros.

Como resultado, a presença indígena no sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos é verificada. Pela materialidade encontrada no sítio, pelos sepultamentos característicos de enterramentos indígenas e pelo registro documental sobre região em que se localiza o sítio, essa proposição pode ser confirmada.

Com base nesta proposição, foi interessante perceber a relação dos moradores locais a respeito da presença indígena na região. Com isso, teve-se como resultado a observação de que embora resistam serem ascendentes indígenas como resultado da construção histórica do Brasil, os moradores do entorno do sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos reconhecem como tal, isso se reflete através do sentimento pertencimento em relação à materialidade proveniente do sítio, que está comprovadamente ligada aos grupos indígenas.

Verificada a presença indígena no local, outro passo importante foi a proposição acerca da possível etnia que residia no local, para isso, através de fontes documentais pôde ser proposta a presença indígena do grupo dos Acoroás. Contudo, para a afirmação desta proposição, sugere-se a intensificação de pesquisas.

Comprovada a ancestralidade indígena por meio desta pesquisa, foi observada a vontade dos moradores em certificarem-se sobre a mesma e elucidar questões sobre o seu passado. Para isso, recomenda-se que trabalhos posteriores sejam realizados.

O sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos demonstra a importância e a variedade de dados que podem ser estudados em um contexto arqueológico, propondo uma maior atenção na realização das pesquisas em arqueologia e sobre inferências feitas também, por vezes tão preliminares.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Camilla. **Resistência e Reconstrução de Identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX**. Revista de História Regional, v.3, n.2, p. 115, 1998.
- ALEGRE, Maria Sylvia Porto, MARIZ, Marlene da Silva, DANTAS, Beatriz Góis. **Documentos para a história indígena no Nordeste: Ceará, Rio Grande do Nordeste Sergipe**. NHII – USP (Núcleo de História Indígena e do Indigenismo), São Paulo 1994.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Memoria chronologica, histórica e corographica da Provincia do Piauhy**. Revista do Instituto Historico Geographico Brasileiro, Tomo XX, 1857.
- AMADO, Janaína. **A Culpa Nossa de Cada Dia: ética e história oral**. Projeto História, São Paulo, abril 1997.
- ARSUAGA, Juan Luís. **O colar Neandertal: Em busca dos primeiros pensadores**. Lisboa, Ed. Gradiva 2006.
- ASSIS, Nívia Paula Dias de. **Sítio Arqueológico Brejo de São João: Um Estudo de Caso Sobre a Companhia de Jesus no Piauí – Séc. XVIII**. Originalmente apresentada como trabalho monográfico, São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2009.
- BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. Teresina, EDUFPI, 1994.
- BARRETO, Rômulo M.N. **As trilhas da morte do sertão dos Pimenteiras PI (1769-1815): caracterização e reconhecimento arqueológico de um território**. Originalmente apresentada como trabalho de Dissertação de Mestrado. Pernambuco, 2012
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BEZERRA DE MENESES, Ulpiano T. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. I Simpósio Nacional de História Antiga. Agosto de 1983. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- BINFORD, L. R. **Mortuary Practices: their study and their pontencial**. J. Brown (ed). **Approaches to the social dimensions of motuory practices**. *Memoires of the American Archaeolgy Society*, 25, 1971.
- BORGES, Jóina Freitas. **A História Negada: Em Busca de Novos Caminhos**. Teresina: FUNDAPI, 2004.
- BOCARRA, Guillaume. **Mundos Nuevos en las Fronteras del Nuevo Mundo: Relectura de los Procesos Coloniales de Etnogénesis, Etnificación y Mestizaje em Tiempos de Globalización**”, Mundo Nuevo/Nuevos Mundos, revista eletrônica, Paris 2000. (www.ehess.fr/cerma/Revue/debates.htm).

BUCO, C.; IGNÁCIO, E.; OLIVEIRA, A. S. N. **No Rastro da Maniçoba: Trilha interpretativa da Fazenda Jurubeba. São Raimundo Nonato.** In FUMDHAMENTOS, v. VIII, 2002.

CALDARELLI, Solange B. **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista: SP 170, Rodovia Carvalho Pinto.** Relatório de atividades arqueológicas, 2003.

CARVALHO, P. Manuel de. **Descrição do sertão do Piauí. Comentários e notas de Pe. Cláudio Melo.** Teresina, Gráfica Mendes, 1993.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. **Sítio cana brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do Sudeste do Piauí.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

CUNHA, Manoela Carneiro. **Introdução a uma história indígena.** In: História dos índios do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Secretaria Municipal de Cultura. FAPESP, p. 9 – 24.

DIAS, Claudete. **Povoamento e Despovoamento: da Pré-História à Sociedade Escravista Colonial.** In FUMDHAMENTOS, volume 7. São Raimundo Nonato, 2007. P. 418-429.

_____, **Balaios e Bem-te-vis: A Guerrilha Sertaneja.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

DIAS, Cid Castro. **PIAUHY das Origens a Nova Capital.** Teresina: Nova Expansão, 2008.

FERNANDES, Tatiana Costa. **Vamos criar um sentimento?! um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil.** Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: um inventário das diferenças.** In: --- (coord.), Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 1-13. 1994

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Reflexiones antropológicas sobre temas filosóficos.** Barcelona: Paidós. 2002.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Nova Luz Sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GUERRA, Antônio Teixeira. & GUERRA, Antônio José Teixeira. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico.** 3º Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GUIDON, Niède, ANDREATTA, M.D. **O Sítio Arqueológico Toca do Sítio do Meio (Piauí).** in CLIO – Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 3, p. 07 – 29, 1980.

GUIDON, Niède, CALDAS, Maria da Graça M.S, COELHO, Jacionira R. **Análise tipológica do material lítico dos Sítios Arqueológicos do Sudeste do Piauí.** Universidade Federal do Piauí – UFPI, 1980.

GUIDON, Niède, PESSIS, Anne-Marie. **Recent discoveries on the holocenic levels of Sítio do Meio.** In CLIO – Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 1, p. 77 – 80, 1993.

GUIDON, Niède, PESSIS, Anne-Marie, MARTIN, Gabriela. **Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do nordeste do Brasil.** CLIO - Série Arqueológica, n.6. Recife, UFPE, p.123-126, 1990.

GUIDON, Niède, e BUCO, C. de Andrade. **“O estado da Arte”: As pesquisas Arqueológicas e o Desenvolvimento Regional na Região do Parque Nacional Serra da Capivara.** In: Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. (Org. Áurea da Paz Pinheiro & Sandra C. A. Pelegrini). EDUFPI, 2010.

GUIDON, Niède, VERGNE, C.; VIDAL, I. A. **Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara.** CLIO – Série Arqueológica, Recife, v. 1, n. 13, p. 127–138, 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Leon Schaer. São Paulo: Vértice, 1990.

INCRA. **Regularização de território quilombola: perguntas e respostas.**

LEITE, L. **Práticas Funerárias no Sítio Toca da Baixa dos Caboclos – Pi.** Originalmente apresentada como trabalho de Dissertação de Mestrado. Recife, 2011.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** I – IV. Lisboa. 1938-1943.

LUCIANO, G.dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje.** Brasília, Ministério da Educação. 2006.

MARANCA, Sílvia. **Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato.** Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro. Clio - Série Arqueológica. Recife, 1991, v. 1, n. 4. 95-97 p.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1996.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. **Povos indígenas do sertão nordestino no período colonial: Descobrimientos, alianças, resistências e encobrimento.** In FUNDAMENTOS, V.1, n. 2, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História oral, como fazer, como pensar**. Editora Contexto, 2007 – 2ª edição. São Paulo – SP.

MELO, Patrícia Pinheiros. **Arqueologia Experimental: os blocos com marcas de uso do Sítio do Meio – Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí (Brasil)**. CLIO Arqueológica, 2000. N. 14. 143 – 159 p.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade política**. Artigo originalmente publicado na Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º sem. 2007 e traduzido por Ângela Lopes Norte.

MONTEIRO, Jonh, **M. Tupis, Tapuias e Historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo**. Departamento de Antropologia IFCH - Unicamp. Campinas, 2001.

MOTT, Luiz. **Etno-história dos índios do Piauí Colonial**. In Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil: volume II A e B/ Ane-Marrie Pessis, Gabriela Martin, Niède Guidon (orgs.)—São Paulo: A&G Comunicação, 2014.

NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico**. IBGE, 1981.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí: Pré-história. Primeiros contatos com a terra. Primórdios da colonização e ausência de governo**. Teresina, FUNDAPI, Fund. Monsenhor Chaves, 2007.

_____. **Súmula de História do Piauí**. Academia Piauiense de Letras - Convênio com Banco do Nordeste. Teresina, 2001, 2ª edição.

OLIVEIRA, A. S. de N., NEGREIROS, R. M. B., ASSIS, N. P. D.. **A presença indígena no Sudeste do Piauí: Registros Históricos, Cultura Material e o discurso oficial**. In Os biomas e as sociedades humanas na pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil: volume II A e B/ Ane-Marrie Pessis, Gabriela Martin, Niède Guidon (orgs.) –São Paulo: A&G Comunicação, 2014.

OLIVEIRA, A. P. **A casa rural no sudeste do Piauí: o sítio arqueológico histórico Casa do Avô do Sr. Nivaldo**. Originalmente apresentada como trabalho monográfico. UNIVASF, 2009.

OLIVEIRA, Ana Stela. **Catingueiros da Borracha: Vida de Maniçobeiro no Sudeste do Piauí 1900-1960**. Originalmente apresentada como trabalho de Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2001.

_____. **O Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: Indígenas e Colonizadores, Conflitos e Resistência**. Originalmente apresentada como trabalho de Tese de Doutorado, Recife: UFPE, 2007.

OLIVEIRA, Claudia. **A. Estilos tecno-tipológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí – Brasil**. Originalmente apresentada como trabalho de Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

------. **Perspectiva etno-histórica no Estado do Piauí – Brasil**. CLIO, Recife, v.1, n. 15, p. 171-188, 2002. (Série Arqueológica)

------. **Os ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí – Brasil: estilos e técnicas**. FUMDHAMENTOS, n. 3, 57-127, 2004.

OLIVEIRA, Jaime Santana de. **Memória e patrimônio arqueológico: vozes sertanejas na área do Parque Nacional Serra da Capivara**. Originalmente apresentada como trabalho de Dissertação de Mestrado. Teresina, 2015.

PARENTI, Fábio. **Problemática da Pré-História do Pleistoceno superior no Nordeste do Brasil: o Abrigo da Pedra Furada em seu contexto regional**. FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato, FUMDHAM: Vol. I, no 1, p. 15 – 53, 1996. PROUS, André. Arqueologia Brasileira, Brasília: UNB, 1992.

_____. ***Le gisement quaternaire de la Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Brésil) dans contexte de la préhistoire américaine fouilles, stratigraphie, chronologie, évolution culturelle***. Ph D diss, École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, 1993.

RIBEIRO, Janiclete de Sousa. **Aspectos do Cotidiano Doméstico Sertanejo: um estudo de caso do sítio Casa do avô do Sr. Nivaldo – Serra da Capivara – Coronel José Dias – PI, Brasil**. Originalmente apresentada como trabalho de monográfico (Graduação). UNIVASF, 2013.

RUIBAL, Alfredo González. **Hacia otra arqueología: diez propuestas: Towards another archaeology. Ten proposals**. Complutum, 2012, Vol. 23 (2): 103-116.

SANTANA, Alquizia Dorcas Dantas de. **Datação por Radiocarbono-MAS do Sítio Arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe**. Originalmente apresentada como trabalho de Dissertação de Mestrado. São Cristóvão – SE, 2015. 80 f.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2005.

SHENNAN, Stephen, **Archaeological approaches to culture indentity**. Routledge, Londres, 1994

SILVA, Leandro Surya de Oliveira. **Permanência e continuidade: grupos ceramistas pré-históricos na área do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí**. Originalmente apresentada como trabalho de Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

SILVA, Leandro Surya de Oliveira e Carréra, Mercia. **Reflexos da Colonização: O deslocamento de Grupos Indígenas no interior do Nordeste**.

SOUZA, S. M. S.; VIDAL, I.; OLIVEIRA, C. A.; VERGNE, C. **Mumificação Natural na Toca da Baixa dos Caboclos, Sudeste do Piauí: Uma Interpretação Integrada dos Dados**. FUNDAÇÃO CANINDE, n.2. Xingo, 2002.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brazil**. Revista do Instituto Histórico Geográfico, XIV. Rio de Janeiro, 1851.

TRIGGER Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. Tradução: Ordep Trindade Serra São Paulo, Odysseus Editora, 2004.

FONTES

Cadernos de campo

ALVES, Cláudia O. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Canabrava.** Acervo FUMDHAM, 1996.

BUCO, Cristiane. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Canabrava.** Acervo FUMDHAM, 1996.

_____. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do estevo II.** Acervo FUMDHAM, 1996.

CASTRO, Viviane. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Canabrava.** Acervo FUMDHAM, 1997.

FELICE, Gisele D. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada.** Acervo FUMDHAM, 2001.

GUIDON, N. MARANCA, S., VILHENA, A. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Gongo III.** Acervo FUMDHAM, 1973.

_____. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Pitombi.** Acervo FUMDHAM, 1980.

_____. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Estevo II.** Acervo FUMDHAM, 1980.

KESTERING, Celito. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca da Pedra Solta da Serra Branca.** Acervo FUMDHAM, 2002.

LA SALVIA, Eliany. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada.** Acervo FUMDHAM, 2001.

LUZ, Fátima. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Baixão da Serra Nova.** Acervo FUMDHAM, 2008.

_____. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Fundo do Baixão da Pedra Furada.** Acervo FUMDHAM, 2001.

SANTANA, Tânia Maria. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca da Pedra Solta da Serra Branca.** Acervo FUMDHAM, 2012.

_____. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Canabrava.** Acervo FUMDHAM, 2012.

_____. MAYRA, Adriana. **Caderno de campo Toca do Gongo III.** Acervo FUMDHAM, 2013.

VALLS, Marcela. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Serrote da Bastiana**. Acervo FUMDHAM, 2010.

VERGNE, Cleonice. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Pitombi**. Acervo FUMDHAM, 2001.

_____. **Caderno de campo do Sítio Arqueológico Toca do Serrote da Bastiana**. Acervo FUMDHAM, 2001.

Relatórios de atividades arqueológicas

CASTRO Viviane. **Relatório de escavação das atividades de campo e laboratório do Sítio Canabrava**. Acervo FUMDHAM, 1998.

_____. CASTRO, Viviane. **Relatório de escavação das urnas Sítio Canabrava**. Acervo FUMDHAM, 1997.

GUIDON, N. CALDAS, M.G.M.S, ROCHA, Jacionira. **Análise tipológica do material lítico dos Sítios do sudeste do Piauí**. Universidade Federal do Piauí, 1980.

_____, MELO, P.P, FELICE, G.D, LA SALVIA, E.S. **Uma estrutura inédita na Toca do Sítio do Meio, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí**. FUMDHAM, UFPE, UFEPI, CNPq. Acervo, FUMDHAM.

LA SALVIA, Eliany. **Relatório de escavação arqueológica do Sítio do Meio**. Acervo FUMDHAM, 2001.

LIMA, C.F.M., CISNEIROS, D. FARIAS, M. **Relatório de Escavação do Setor III do Sítio Arqueológico Toca do Serrote do Tenente Luís**. Museu do Homem Americano – FUMDHAM, 2006.

LUZ, Fátima, KESTERING, Celito. **Relatório de Escavação do Sítio Arqueológico Toca do Serrote do Tenente Luís**. Museu do Homem Americano – FUMDHAM, 2002.

_____. **Relatório de Escavação do Sítio Arqueológico Toca do Serrote do Tenente Luís**. Museu do Homem Americano – FUMDHAM, 2003.

OLIVEIRA, Jorlan da Silva. **Relatório de coleta de material orgânico e/ou mineral das pinturas do sítio do Meio**. Acervo FUMDHAM, 2001.

PINHEIRO, Patrícia. **Relatório sobre a organização e classificação do material do sítio do meio**. Acervo FUMDHAM, 2001.

SHMALZ, Karin E. **A Toca do sítio do Meio: coleção microfaunística**. Acervo FUMDHAM, 2001.

SANTANA, Tânia, MAYRA, Adriana. **Relatório de atividades de campo Toca do Gongo III**. Acervo FUMDHAM, 2013.

TEIXEIRA, W., FAIRCHILD, T.R., TOLEDO, M.C., TAIOLI, F. **Decifrando a Terra**. São Paulo, Oficina de Textos. 2003.

VALLS, Marcela. **Relatório de escavação do Sítio do Meio**. Acervo FUMDHAM, 2011.

APÊNDICE

Tabela – Tabela expositiva dos dados dos sítios arqueológicos com antiguidade até 500 anos.

SÍTIO	TIPO DE SÍTIO	REPRESENTAÇÕES RUPESTRES	MATERIAIS ENCONTRADOS	OBSERVAÇÕES
Toca do Sítio do Meio	Abrigo sob rocha	Pinturas da Tradição Nordeste. Há gravuras não classificadas.	Poucos materiais líticos e grande quantidade de material cerâmico. Fogueiras e vestígios de microfauna.	
Toca do Buraco do Pajeu	Abrigo sob rocha.	Gravuras da Tradição Itacoatiara. Pinturas não classificadas.	Estruturas de fogueira, material cerâmico (predominância), amoladores e polidores.	
Toca do Pitombi	Abrigo sob rocha.	Pinturas não classificadas.	Material cerâmico (predominância), material lítico e carvão.	
Toca do Baixão da Pedra Furada	Abrigo sob rocha.	Pinturas não classificadas.	Material cerâmico (predominância), material lítico, estrutura de fogueira, vestígios malacológicos.	
Aldeia do Carlos	Sítio a céu aberto.	Não há.	Fragmentos cerâmicos (mais de 57 mil!), carapaça de tatu, lítico, louça, vidro, chocalho, ossos de aniamis, machadinha e cachimbos.	Considerado sítio aldeia ceramista.
Toca da Pedra Solta da Serra Branca	Abrigo sob rocha.	Pinturas rupestres não classificadas e sobre elas, pinturas e gravuras de períodos mais recentes feitas pelos maniçobeiros.	Cerâmica, candeeiros, pedras para amolar, carapaça de tatu, ossos de animais, material lítico, fragmentos cerâmicos e estrutura de fogueira.	
Toca do Estevo II	Abrigo sob rocha.	Pinturas não classificadas.	Materiais encontrados em superfície: lítico e seixos rolados.	Este sítio não sofreu intervenção de escavação arqueológica.
Lagoa do São Vítor	Lagoa fóssil	Não há.	Fósseis de megafauna (predominância), material lítico,	O sítio localiza-se em um território quilombola.

			fragmentos de cerâmica, louça, carvão e estruturas de construções históricas do período colonial.	
Toca do Serrote Bastiana	Abrigo sob rocha	Gravuras da Tradição Itacoatiara e pinturas da Tradição Nordeste.	-----	Intervenções arqueológicas no solo para datar as pinturas.
Toca do Gongo III	Abrigo sob rocha.	Pinturas da Tradição Nordeste.	Fragmentos cerâmicos, material lítico, vestígios de microfauna, estruturas de combustão e 12 enterramentos humanos, sendo 4 do tipo indireto e 8 do tipo direto.	
Canabrava	Sítio a Céu aberto.	Não há.	Estruturas de fogueira, material lítico, fragmentos de cerâmica, vestígios de microfauna, material malacológico, adorno (ponta de colar), 6 urnas funerárias com enterramento, estando 4 inteiras e 2 fragmentadas.	A cerâmica encontrada neste sítio diverge do padrão encontrado no Parque Nacional Serra da Capivara, neste sítio, predominam cerâmica com tratamento de superfície alisado, pasta grosseira e com pouquíssima decoração, quando presente resume-se a incisões feitas na borda do recipiente cerâmico.
Toca do Serrote Tenente Luís	Abrigo sob rocha.	Não há.	Fragmentos cerâmicos, material lítico, carapaça de tatu, carvão, material malacológico e 20 esqueletos humanos enterrados direta e indiretamente no solo.	

FONTE: a autora.

Tabela – Análise do material cerâmico do Sítio Arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos

Etiqueta	TS	TSE	Técnica de Manufatura	Pinturas	Morfologia	Observações
411-51376-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51416-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51377	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51366-8	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51416-3	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48222-6	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51369-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51370	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-44850-20	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-44858-13	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-51135-3	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Este fragmento possui um orifício arredondado feito propositalmente.
411-51119-7	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48222-16	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51119-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82408-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51119-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51119-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48222-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-51119-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82401-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48256-4	Alisado	Escovado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Este fragmento apresenta marcas de queima relativas a uso.
411-48256-101	Alisado	Escovado	Acordelado	não	Borda	
411-48258-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-41	Alisado	Escovado	Acordelado	não	Bojo	
411-44780-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-88	Alisado	Escovado	Acordelado	não	Bojo	
411-51119-	Ali	Alisado	Acordelado	não	Borda	

4	sado	o	ado			
411-48225-42	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Este fragmento possui pequenas perfurações de aproximadamente meio milímetro, feitas intencionalmente.
411-51119-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-21	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-38	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48256-86	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-42	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-36	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48203-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48203-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48230-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48222-14	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-28202-15	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-16	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Base	
411-48225-29	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48258-18	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48203-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-82419	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48230-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82401-8	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-37	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-44779-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-59	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48205-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48201-37	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48203-9	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82319-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48201-30	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	

411-48202-27	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82401-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48201-33	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48259-35	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-44780-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82901-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48222-15	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82410-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48201-26	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48202-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48201-28	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-99	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-49	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48256-87	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-44779-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48201-27	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-38	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48202-9	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48233-7	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-482---	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	A numeração feita em laboratório não é mais visível.
411-48256-45	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51120	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-48230-15	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Base	
411-48202-20	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82408-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48256-35	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-82401-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48222-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-82410-74	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.

411-82410-26	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-12	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-39	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82401-9	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-19	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82403	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-13	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-18	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-6	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-51152-3	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82401-5	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82407-3	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-24	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-7	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-92405	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82207-4	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-93	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82401-2	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-1	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-9	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha

						com tracejados.
411-82410-30	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82407-1	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82407-2	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-101	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-99	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-95	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-90	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-98	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82419-91	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-94	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-96	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-100	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-51168-1	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82410-92	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-82401-5	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmentos correspondentes à urna 9. Possui pinturas na cor vermelha com tracejados.
411-44354	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento com pinturas. As pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados, corresponde a urna 9.
411-44352	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento com pinturas. As pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados, corresponde a urna 9.
411-48236-8	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento com pinturas. As pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados, corresponde a urna 9.
411-48236-7	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento com pinturas. As pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados, corresponde a urna 9.
411-48236-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento com pinturas. As

1	sado	o	ado			pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados, corresponde a urna 9.	
411-44355-1	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-44353	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44355-3	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44355-2	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48224-2	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-5	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48224-7	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48224-4	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-11	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-13	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51412	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	A numeração feita em laboratório não é mais visível.
411-48225-17	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-16	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-48225-10	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-18	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-3	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48224-5	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48225-22	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48230-2	Alisado	o	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento com pinturas. As pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados.
411-48230-5	Alisado	o	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento com pinturas. As pinturas são realizadas na cor vermelha com tracejados.
411-48225-37	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48258-31	Alisado		Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-4822-27	Alisado	o	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44850-13	Alisado		Corrugado	Acordelado	não	Borda	Fragmento da urna 5.
411-44850-28	Alisado		Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-17	Alisado		Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-	Ali		Corru	Acordel	não	Bojo	Fragmento da urna 5.

10	sado	gado	ado			
411-44850-19	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44850-16	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-1	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-15	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-4	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-24	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-7	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44850-23	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44850-4	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-18	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48246-1	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-14	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48255-11	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44858-12	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48259-10	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48257-5	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48259	Ali sado	Alisado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48259-7	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48259-9	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44850-3	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48267-83	Ali sado	Alisado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-48259-45	Ali sado	Alisado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44859-8	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	Fragmento da urna 5.
411-44867-2	Ali sado	Alisado	Acordel ado	não	Bojo	
411-44850-12	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	
411-44858-19	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	
411-44850-6	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	
411-44858-16	Ali sado	Alisado	Acordel ado	não	Bojo	
411-44858-22	Ali sado	Corru gado	Acordel ado	não	Bojo	

411-51127	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44858-21	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-44850-7	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-44867-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44867-6				não		Residual
411-44380-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-10				não		Residual
411-44876-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-7	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44876-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44876-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-6	Alisado	NI	Acordelado	não	Borda	Não identificado devido à corrosão da superfície externa do fragmento.
411-44876-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-5	Alisado	NI	NI	não	NI	Não identificado devido à corrosão da superfície externa do fragmento.
411-51128-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-9	Alisado	NI	NI	não	NI	Não identificado devido à corrosão da superfície externa do fragmento.
411-44381-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-3	NI	NI	NI	não	NI	Não identificado devido à corrosão da superfície externa do fragmento.
411-51128-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44380-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	O fragmento está com a numeração bem apagada e partiu-se em 2.
44-44876-4	NI	NI	NI	não	NI	Não identificado devido a corrosão da superfície externa do fragmento.
411-44380-7	NI	NI	NI	não	NI	Não identificado devido a corrosão da superfície externa do fragmento.
411-44381-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-44339-	Ali	NI	Acordel	Sim	Bojo	Superfície externa corroída.

1	sado		ado			Superfície interna pintada com tracejados em cor vermelha.
2	411-44337- Ali sado	NI	Acordel ado	Sim	Bojo	Superfície interna pintada com tracejados em cor vermelha.
3	411-44338- Ali sado	NI	Acordel ado	Sim	Bojo	Superfície interna pintada com tracejados em cor vermelha.
2	411-44321- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	Sim	Borda	Superfície interna pintada com tracejados em cor vermelha.
5	411-44341- NI	NI	NI	não	NI	Residual
13	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
?	411-44311- Ali sado	NI	NI	Sim	Bojo	Superfície externa corroída. Superfície interna pintada com tracejados em cor vermelha. Último dígito da etiqueta apagado.
411.44312-1	NI	Alisad o	Acordel ado	não	Base	Superfície interna corroída.
1	411-44321- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	Sim	Borda	Superfície interna com pinturas tracejados em cor vermelha.
3	411-44336- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	Sim	Bojo	Superfície interna com pinturas tracejados em cor vermelha.
2	411-44328- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
11	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
12	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
1	411-44346- NI	NI	NI	não	NI	Residual
9	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
10	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
9	411-44310- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
1	411-51455- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
8	411-44337- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	Sim	Borda	Superfície interna com pinturas tracejados em cor vermelha.
8	411-44319 Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
8	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
3	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
2	411-44339- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
3	411-44308- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
6	411-44311- Ali sado	Alisad o	Acordel ado	não	Bojo	
7	411-44311- NI	NI	NI	não	NI	Residual
1	411-44327- NI	NI	NI	não	NI	Residual
44-44311-?	NI	NI	NI	não	NI	Residual. Último número da etiqueta não está visível.
411-44341-	Ali	Alisad	Acordel	não	Borda	

1	sado	o	ado			
411-44346-3	NI	NI	NI	não	NI	Residual
411-48255-15	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48259-19	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48258-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48255-16	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48259-22	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48258-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48259-50	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48259-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48255-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48259-42	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-48259-9	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações anexadas ao fragmento, pode pertencer às tampas das urnas 4 e 5.
411-44322-2	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Borda pintada com tracejados em cor vermelha.
411-44314-?	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
411-44313-?	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
411-44338-2	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
411-44308-2	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
411-44310-3	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
411-44337-6	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações

						de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.	
1	411-44337-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
	411-51124	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Superfície externa corroída.
1	411-44308-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
4	411-44336-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence a tampa da urna 2.
2	411-44341-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
	411-44309	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
1	411-44328-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
4	411-44314-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
2	411-44336-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
1	411-44338-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
1	411-48240-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Superfície externa corroída.
7	411-44337-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
3	411-44337-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
5	411-44337-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
5	411-44336-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
5	411-44850-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	

1	411-44310-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
5	411-48240-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
5	411-44311-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Superfície externa corroída.
3	411-44341-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
4	411-44337-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
4	411-44338-	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento pintado com tracejados em cor vermelha. Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
4	411-48236-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	Segundo informações de etiqueta, pertence à tampa da urna 2.
3	411-44862-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
3	411-44861-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Base	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
3	411-44867-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
1	411-51152-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
2	411-51169-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
1	411-51169-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
	411-51126	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
5	411-44867-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
	411-51118	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
	411-51123	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
4	411-44867-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
	411-51153	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.

411-51152-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
411-51188-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
411-48258-15	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Borda	
411-51154	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
411-51213	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	Grande fragmento que permite visualizar a forma e dimensão do vasilhame com facilidade. Pertence à urna 8.
411-51125	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
411-44861-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Base	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
411-44861-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 8.
411-51416-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 7.
411-51277-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 7.
411-51257	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 7.
411-51277-2	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Tratamento de superfície externo corroído. Segundo informações de etiqueta, pertence à urna 7.
411-51249-?	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Base	Segundo informações de etiqueta, pertence a urna 7.
411-51455-2	NI	NI	NI	não	NI	Residual
411-82410	Alisado	Alisado	Acordelado	não		Para esta etiqueta existem 12 fragmentos de borda, sendo que em dois deles possuem dois pequenos orifícios feitos intencional e simetricamente e 67 fragmentos de bojo que em sua grande maioria, base e bojo possuem pinturas que consistem em tracejados feitos na cor vermelha.
411-48236-9	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-48247-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-44351	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-15	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-9	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-17	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	

411-51128-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-51128-18	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	
411-51128-19	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-16	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-14	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-51128-13	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
411-4438-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento da urna 1. cerâmica com espessura de aproximadamente 1,5 cm e cor mais clara.
411-4438-?	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento da urna 1. cerâmica com espessura de aproximadamente 1,5 cm e cor mais clara.
411-4438-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento da urna 1. cerâmica com espessura de aproximadamente 1,5 cm e cor mais clara.
411-4438?	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento da urna 1. cerâmica com espessura de aproximadamente 1,5 cm e cor mais clara.
411-82410-104	NI	NI	NI	não	NI	Residual
411-82410-103	NI	NI	NI	não	NI	Residual
411-82410-102	NI	NI	NI	não	NI	Residual
411-824401-7	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Urna 1
411-82401-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Urna 1
411-82401-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Urna 1
411-82406	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Urna 1
411-82404-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Urna 1
411-82401-1	NI	NI	NI	não	NI	Urna 1, residual.
411-48201-32	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48205-7	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48259-51	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, o tratamento de superfície externo está corroído.
411-48256-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento de urna que pode

47	sado	o	ado			pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7.
411-48247-1	Alisado	o	Acordelado	não	Borda	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48201-38	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7. Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7.
411-48256-48	Alisado	o	Acordelado	não	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7.
411-48201-25	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48259-20	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48255-14	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48201-29	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha. O tratamento de superfície externo está desgastado.
411-48258-7	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha. O tratamento de superfície externo está desgastado.
411-48258-33	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48201-39	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48255-13	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48205-5	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48205-6	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48201-18	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48222-9	Alisado	o	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele

						existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48201-24	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48258-21	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48256-39	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48203-1	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48246-6	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-48258-20	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7. Os tratamentos de superfície externo e interno estão desgastados.
411-48257-8	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7.
411-48258-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7. Os tratamentos de superfície externo e interno estão desgastados.
411-25693	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Nesta etiqueta não foi realizada a numeração, por isso, não há como identificar cada peça nesta análise. Para esta etiqueta existem 12 fragmentos com tratamento de superfície interno e externo alisados, porém desgastados e apenas um com tratamento de superfície externo corrugado.
411-823318-3	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento de urna que pode pertencer às urnas 1,2,3,4,5,6 e 7, nele existem pinturas tracejadas na cor vermelha.
411-51286-5	Alisado	NI	NI	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
411-82319-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
411-51435-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-82310-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
411-51376-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411.51435-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
411-82316-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.

4	411-82318-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
	411-82301	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
3	411-82319-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
4	411-51286-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
4	411-82310-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
7	411-82318-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
	411-8231902	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
3	411-82310-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
2	411-51286-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	
8	411-51322-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
1	411-82318-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
	411-51331	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
1	411-82318-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento com tratamento de superfície desgastado.
6	411-82318-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
5	411-82318-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	
11	411-48230-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
28	411-48202-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
10	411-48257-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
100	411-48256-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
60	411-48259-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
6	411-48203-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
9	411-48256-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
54	411-48259-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
9	411-48230-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
4	411-44779-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
49	411-48259-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
34	411-48201-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
43	411-48259-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
58	411-48258-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
	411-48259-	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.

411-48201-22	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48246-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48257-3	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-59	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-26	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-8	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-13	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48246-3	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-35	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48230-13	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48201-14	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-70	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-31	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-97	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-44727-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-44727-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48203-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-21	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-26	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48246-4	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48257-12	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48246-4	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-28	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.

411-488256-7	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48240-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48256-11	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48290-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48201-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-15	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-37	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-41236-52	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-35	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-57	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48201-13	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48225-32	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo corroído.
411-48259-62	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-9	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48202-24	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48225-40	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-30	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48225-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-73	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-18	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.

411-48225-31	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48256-91	NI	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48258-25	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48256-8	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48259-13	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48202-17	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48251-5	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48256-93	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-72	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-24	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48230-17	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-483016	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-10	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-9	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-18	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Possui pinturas tracejadas com cor avermelhado.
411-48258-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-7	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-32	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48203-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48230-8	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-53	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-23	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-66	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-	Ali	Corru	Acordel	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à

55	sado	gado	ado			urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-39	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-94	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-7	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48256-6	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-13	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48240-6	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48257-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-29	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48256-44	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-488259-67	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-55	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48225-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície externo desgastado.
411-48158-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	NI	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-29	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48203-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-44727-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-50	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48257-9	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-68	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48205-2	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Possui pinturas tracejadas com cor avermelhado.
411-48225-	Ali	Alisado	Acordel	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à

14	sado	o	ado			urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-30	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-52	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-44779-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-32	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-98	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-17	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-61	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-31	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-102	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-30	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-12	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-28	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48233-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48233-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-64	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-39	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48257-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48205-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48203-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-47	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de

						superfície desgastado.
411-48236-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-44780-1	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48240-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48217-2	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-35	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-71	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48236-6	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Base	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48203-5	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48222-19	Alisado	Alisado	NI	não	NI	Residual
411-48258-22	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48205-1	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Possui pinturas tracejadas com cor avermelhado.
411-48201-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48222-18	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-96	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-16	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-1	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Possui pinturas tracejadas com cor avermelhado.
411-48230-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48225-41	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-15	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48250-5	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-36	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-38	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.

411-48259-40	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48257-14	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48225-20	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48225-15	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-52	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-11	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48201-11	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-27	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-9	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48201-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-34	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48233-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-7	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-17	Alisado	Alisado	NI	não	NI	Residual
411-48259-2	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-14	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48230-16	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48230-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-58	Alisado	NI	Acordelado	não	NI	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-1	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.

411-48201-16	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-37	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-65	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-8	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-19	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48225-34	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48230-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-4	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-44	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-33	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-25	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48201-20	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-34	Alisado	Alisado	Acordelado	Sim	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-92	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Borda	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-46	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48222-4	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-488202-14	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48222-20	Alisado	Alisado	NI	não	NI	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48225-33	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48201-17	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-25	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-19	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à

488246-5	sado		ado			urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-32	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48258-36	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-27	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48201-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48201-6	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48222-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48259-59	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-42	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-12	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-89	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259-29	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48230-19	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48236-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48257-7	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-44727-3	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-10	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-3	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-7	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48233-4	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48256-54	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-44779-8	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.

411-48259	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-2	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-7	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48256-43	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48201-21	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-26	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48217-1	Alisado	NI	NI	não	NI	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48217-3	NI	NI	NI	não	NI	Residual
411-48202-1	Alisado	NI	NI	não	NI	Residual
411-48258-94	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48255-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-33	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48202-25	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48233-1	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48222-3	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48259041	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-44779-6	Alisado	Corrugado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48258-28	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
411-48202-36	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48225-6	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-44779-5	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
411-48255-2	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.

30	411-48259-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
46	411-48256-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
2	411-48256-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
7	411-48230-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
33	411-48259-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
38	411-48259-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
56	411-48256-	Alisado	NI	Acordelado	não	Bojo	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7. Tratamento de superfície desgastado.
3	411-48255-	Alisado	Alisado	Acordelado	não	NI	Fragmento que pode pertencer à urna 1,2,3,4,6, ou 7.
6	411-48255-	NI	NI	NI	não	NI	Residual
14	411-48256-	NI	NI	NI	não	NI	Residual

Fonte – a autora.

CADERNOS DE CAMPO

Campanha de 08 de dezembro de 2015.

Saída do município de São Raimundo Nonato: 08:06 hr da manhã/ Chegada ao sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos em torno das 10:00 hr da manhã do mesmo dia.

Equipe de Campo: Gisele Daltrini (FUMDHAM), Loriane Rocha (UFPI) e Paulo Maurício.

De São Raimundo Nonato, saímos para a sede urbana do município de São João do Piauí, ao chegar na cidade, entramos à direita na estrada que dá acesso a Afrânio (Queimada Nova).

A partir dessa entrada, caminha-se 9,3 km até o povoado São José, aqui pedimos informação a um morador do povoado questionando se ele conhecia a região do sítio, ele conhecia a região “do São Francisco”, deduzimos que era o sentido que estávamos procurando e seguimos viagem conforme suas indicações. Passamos pelo povoado, numa “tartaruginha” de trânsito e em seguida uma baixa, nela entramos à direita. A partir daí a estrada é de terra e bem estreita, na primeira bifurcação entramos a direita. Numa casa abandonada, com dois pés de figueira, entramos a esquerda, aqui tiramos um ponto de GPS 23L0816760 – 9075558, elevação 251 (Ponto de GPS número 130 no aparelho da UNIVASF).

Adiante, passamos pelo assentamento Chate Forte, nele passamos por duas drenagens. Entramos a direita numa casa branca com janelas azuis indo no sentido do pé da serra, neste ponto teve uma bifurcação, mas nos mantivemos no mesmo sentido. Encontramos uma casa e pedimos informação sobre o senhor Genésio Lopes, proprietário da fazenda, já estávamos no local, denominado de “fazenda Muquem”.

Fomos recepcionados por Arlete, seus filhos Lucas e Alcileia (Leinha) e sua filha Yasmin Lorraine, neta de Arlete e sua prima e cunhada Lionete e filhos Tainan.

A localidade precisa é o Pé da Serra do São Francisco dos Lopes.

No sítio arqueológico, na área escavada tinham muitas velas, segundo os moradores, no dia de finados os mais velhos ascendem velas no local para seus mortos.

A bisavó de Arlete, que mora em São João por motivos de saúde tem muitas histórias para contar, inclusive sobre a guerra pau de colher e a presença indígena.

A fazenda foi dividida entre os filhos, hoje lá existem 3 casas, tiramos um ponto de GPS na casa central, a de Mauro. Ponto de número 123. 23L0821352 – UTM: 9065602, elevação 268 .

Segundo os moradores, na região da fazenda há um poço feito manualmente, cavado pelos índios.

Os moradores acharam um grande pote com tratamento de superfície externo corrugado e interno alisado. Segundo eles, Mauro havia pegado este pote para armazenar água em sua casa, mas desde então a alma dos índios não o deixaram em paz e seu filho só ficava adoentado, então, Arlete pegou o pote escondido e o enterrou no mesmo lugar, fomos olhar o pote no local.

Como essa, várias histórias de encantamento são contadas, sobre batuques que se ouvem das almas dos índios na mata, sobre um crânio que foi encontrado e os assombravam, dentre outras.

Pegamos o contato dos moradores para avisarmos sobre a volta ao sítio.

Nesta visita fizemos registros fotográficos dos moradores no contexto do sítio, gerando um momento de descontração ao mesmo tempo em que registrávamos a área.

Campanha de 28 de janeiro de 2017.

Saída do município de São Raimundo Nonato: 08:010 hr da manhã/ Chegada a residência de Arlete aproximadamente às 9:30 hr da manhã do mesmo dia.

Equipe de Campo: Loriane Rocha (UFPI) e Paulo Maurício.

Esta campanha teve como objetivo a realização do trabalho de história oral. Baseado na campanha anterior, tínhamos como objetivo principal entrevistar a dona Isidoria, que no momento da primeira campanha estava morando em São João devido a problemas de saúde que se agravaram resultando em sua ida para São Paulo para tratamento de saúde. Devido a isso, a segunda campanha foi adiada o quanto possível vislumbrando a possibilidade de podermos receber seus relatos, mas infelizmente não foi possível.

Chegamos a casa de Arlete e fomos recebido por seus filhos Léia e Lucas, como já havia sido comunicado previamente, Léia havia se preparado para ser a entrevistada, ela atuaria como a porta voz de sua avó, já que foi ela que vinha cuidando da anciã nos últimos anos, período em que ela narrou muitas histórias para Léia.

Fizemos a princípio a árvore genealógica da família de Genésio e Isidoria, para podermos compreender um pouco mais da história da comunidade. Juntos, Genésio e Isidoria tiveram 15 filhos, dos quais apenas 13 sobreviveram, pela alta quantidade, decidimos fazer este trabalho apenas com os filhos que moraram nos últimos anos, ou mesmo ainda residiam no local onde era a fazenda.

Patriarcas: GENÉSIO E ISIDORIA

Filho: RAIMUNDO, casado com Arlete, pais de LUCAS E ARLETE, avós de YASMIN LORRANE.

Filho: ELISEU casado 1º com Valdinei pais de ELZA, avós de TAMIRES, TATIANE E MAURÍCIO.

ELISEU casa-se com Lionete, pais de ELIANE, ELAINE, TAINÁ E JANAÍNA.

Filho: JOÃO, casado com Nazaré, pais de Mauro, que é casado com sua prima, ELZA.

Obs: em caixa alta estão os nomes descendentes diretos de Genésio e Isidoria.

Começamos a entrevista formal com Léia.

Em conversas informais, Léia contou sobre o tratamento que os brancos tinham para com as índias, segundo ela eles as amarravam, usavam esporas, e

montavam nelas como se montava em animais e as esporavam, contam com muita tristeza.

Nos contaram também sobre o painel de pinturas do sítio, que logo após nossa visita desprendeu-se da superfície rochosa.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora: Loriane

Entrevistada: Alciléia com intervenções de seu irmão, Lucas

L- Representa a entrevistadora e **A** – A entrevistada, Alciléia.

L: Bom dia Léia, eu queria saber um pouco sobre a fazenda em que vocês moravam. Como eu havia falado com vocês sobre a pesquisa o que me levou para a fazenda de vocês foram as urnas, os enterramentos que estavam lá. Então você sabe dizer quem eram aquelas pessoas que estavam lá enterradas.

A: Eu ouvi dizer... Meu avô dizia que ali são índios.

L: Esses índios que estavam lá enterrados que como você disse pode ser de índios, eram parentes de vocês?

A: Aí é que a gente não sabe, porque a minha bisavó, que era filha da avó da minha avó, disse que foi pegada por cachorro, por causa que os homens brancos pegaram porque ela era muito brava no mato, aí que nem cachorro fizeram foi pegar. Minha avó disse que era verdade porque era a avó dela. Ela disse que ela tinha uma média de dez anos e se lembra disso. Ela nem conhecia ela. Mas aí eles chegaram lá, seguraram ela nos braços, levaram ela mesmo que um bicho bruto. Oww, bem valente elas e não se vestia igual a gente se veste hoje, só... Parece que era só umas peninhas...

L: E quando pegaram ela, levaram ou deixaram no mesmo lugar?

A: Agora mulher, eu não sei o que aconteceu depois. Minha avó nunca disse o que aconteceu com ela depois que eles pegaram ela. Vai ver que... Disse que tinha uns homens, eles chamavam de homem branco, pegava elas pra ser mulher deles, outros pegavam para escravizar as coitadas.

L: Agora aqui pensando... Se os brancos as pegavam para ser mulher deles, elas tiveram filhos.

A: É... aí daí deve ter nascido as minha no caso bisavó, que é a filha dela, que é a mãe da minha avó, nasceu e ela era branca, devia ser misturada e era dos cabelos lisos e minha avó nasceu morena, por causa que o pai dela era bem negro com o cabelo bem bom, aí saiu uma descendência de índio. A minha avó ela tem mais sangue de índio que a gente, porque era a avó dela que era assim. Nós descende de índio mas é mais distante, depende, tem até quem puxa mais para a família dela, sai mais, quem puxa pra família das mulheres... porque de qualquer forma por parte da minha mãe a minha bisavó, a mãe dela também disse que foi pegada desse mesmo jeito. Aí agora que ninguém sabe vai saber se não é a mesma.

L: E elas moravam naquela fazenda?

A: Elas... Já não era aqui, era num... numa localização chamada largos, que é perto de lá, que é onde minha avó morava antes. Ali quando o meu avó mais minha avó se juntou, quando chegaram naquele lugar era só mato, não tinha nada, só mato. Aí eles chegaram lá eles derrubaram as árvores para fazer a casa, fizeram a casa, foram construindo os caminhos pra gente ficar passando, minha avó até disse que quando chegou lá não davam mais conta de tanta cobra (risos). Muita cobra, ela disse que tinha cascavel lá que era mais velha que ela, de tão velho que tinha lá, cascavel lá até de trinta e poucos anos, ou mais! Por que eles contam por aquele coisa do chocalho da cascavel, mas o chocalho de cascavel cai mil e uma vezes.

L: Você sabe como conta?

A: Pela juntinha, cada risquinho que tem é um ano, só que ela troca de chocalho acho que uma vez por ano, acho que todo ano ela troca, ou é de cinco em cinco anos, como é que vai saber? Minha avó sabe bem, que acho que ela troca esse chocalho de cinco em cinco anos, uma coisa assim, aí dá para saber a idade que a cobra tem.

L: Entendi, agora deixa eu te perguntar, a sua avó contava alguma história para você quando você era criança, de como ela vivia, do que eles faziam antes. Na pratica mesmo, como você está contando aí de como eles construíram tudo, do dia-a-dia deles.

A: Ah, ela disse que meu avô deixava ela lá com os meninos e ele ia trabalhar longe, de burro. Ela chamava lá o nome de um lugar, longe, que ele ia trabalhar, caçava, passava uma semana lá, quinze dias, pra trabalhar quebrando pedra pra arrumar dinheiro na... na... (com a intervenção do irmão Lucas) na vagem, aí ele ganhava o dinheiro lá e vinha pra lá, chegava lá botava no jumentinho, uns caixão, levava dois dias pra vir aqui pra São João, para comprar alguma coisa e voltar para lá pra dar comida aos filhos. Aí enquanto ele trabalhava fora, minha avó trabalhava em casa, plantando feijão, plantando milho e comendo, cuidando dos bichos, dando de comer para a criação dos bodes, dos gados.

L: E seu avô, você sabe de onde ele veio?

A: Lá dos largos, eles eram da mesma... do mesmo local.

L: Você acha que eles poderiam ser da mesma família?

A: Não. Ele é dos Lopes e ela dos Magalhães.

L: e como é essa questão de família Lopes e família Magalhães?

A: Cada um era de uma família, tipo raça, no caso, aí ela era da família dos Magalhães e ele da família dos Lopes, que o pai dele da família... era de uma tal família aí dos mulatinhos. Aí meu avô, dizendo a avó... dizendo ele que o nascimento dele foi assim, o pai dele era junto com a irmã da mãe dele, casado com ela, mas ele era muito sem vergonha e toda mulher que ele via ele pegava, pegava as mulheres “tudinho”, aí a mãe dele que era... era mãe, era moça velha, chamava moça velha quem não quis casar, que ficou muito tempo aí... aí ele ficou pelejando com ela até quando foi que ele praticamente forçou a coitada e aí teve ele, aí ela morreu, no parto, morreu de tanto desgosto! Porque ela não queria, ela não queria

ter homem nenhum e aí o próprio marido da irmã forçou ela e fez com que ela tivesse meu avô, aí meu avô foi criado por o pai dele e por a irmã dela.

L: você sabe dizer como eles chegaram até essa fazenda para morar?

A: Porque eles moravam lá e eles moravam perto da barragem, não tem a barragem do Jenipapo? eles moravam bem pertinho e a barragem tava aumentando muito o número de água e tava correndo o risco da casa deles ser inundada, ficar debaixo d'água, aí eles pegaram, ele pegou andando por essas coisas aí juntando dinheiro, acabou procurando um lugar para localizar para morar , aí ele foi e localizou lá e ficou lá. E morreu lá.

L: Antigamente era como, você sabe? Para eles comerem, eles plantavam e colhiam, lá mesmo, ou compravam.

A: (com a intervenção do irmão Lucas) eles plantavam. Lucas diz que eles trocavam o que tinham por arroz... Alciléia: é que nesse tempo eles trocavam, meu avô sempre foi mais diferente que os outros, ele sempre procurou muito trabalhar, além do possível, viajando... tinha vezes que ele trabalhava de dia para ganhar dinheiro e, a noite, em casa pra poder comprar mesmo o que faltava. Tanto que eles criaram esse tanto de filho e sempre com muita fartura.

L: Legal, e deixa eu te perguntar Léia, sobre história de índio, você sabe alguma?

A: A minha avó conta que assim que eles chegaram no São Francisco, que meu pai era pequeno aí eles andando pro lado das pedras lá, pro lado dos pés de serra lá ele encontrou uma cabeça de índio, uma caveira de um índio, aí ele invés de deixar lá não, ele apanhou a cabeça do índio e levou pra por dentro de casa, quando foi a noite, ninguém dormiu (risos)! Diz que a caveira tava lá só ascendendo os olhos lá, piscando lá e derrubando tudo de casa e minha avó disse: pode deixar essa caveira lá no lugar onde você achou amanhã! Disse que é assombrada, ninguém dormiu de noite com os olhos dela piscando, só no lugar, não tinha olho, era só no lugar onde era o olho, aí ela, agora não sei, eu sei que agora toda hora, até então que ela

mandou deixar, ela disse que viu Lucas (falando com o irmão). Aí ele disse que foi lá e deixou no outro dia, deixou lá no mesmo lugar e aí não aconteceu mais nada.

L: E de índio vivo, geralmente quando contam histórias de índio vocês tem medo?

A: Ela tem porque ela é medrosa (disse Lucas). Eu não tenho medo dos índios não (Alciléia). Mas tem medo das histórias, que ver conta uma história de terror que tem índio pelo meio para você ver (Lucas intervém mais uma vez). Alciléia: eu não tenho medo de índio, eu tenho medo dessas histórias aí, de ficar dizendo que tá piscando o olho dele. Lucas intervém: nada a ver, que eu não sou assim, eu vou pro mato aí, ouço grito atrás de mim, batem palma, faz toda coisa e é eu sozinho. Léinha diz: Deus me livre, que nem acontece isso comigo e se acontece eu caio dura no chão. Lucas intervém: eu só fiquei com medo uma vez que eu fui em uma caçada em Bom Jesus e vi um negócio lá que eu não me agradei não, eu fiquei com medo.

L: Essa propriedade comprada é perto do pé da serra indo por dentro? (questiona o outro membro da equipe)

A: É, por dentro lá é perto.

L: E era perto da água?

A: Hoje em dia lá tá praticamente enterrada a casa (fazendo menção a casa antiga que seus avós tiveram que abandonar). Quando eles moraram primeiro em... tá enterrada, embaixo da água.

L: Certo, agora me deixe perguntar: você se reconhece tanto sangue de índio, tendo descendência indígena?

A: Eu considero!

L: E você acha o que disso? Acha legal, acha ruim...?

A: E acho legal, porque não adianta por mais que eu não queira dizer que eu tenha descendência de índio alguém sempre aparece bem aqui e diz: Tu parece uma índia, tu é índia? E aí começa a perguntar mil e uma coisa, aí tem lugar de dizer, aí de certa forma, minha amiga, eu considero, ter. Gosto, eu gosto de ter, por causa que hoje em dia é muito... as pessoas gostam dessas coisas.

L: E quando você pensa em índio, você pensa em que?

A: Quando eu penso em índio? eu penso assim, no modelo de antigamente, bem moreninho, os cabelos bem lisinho, escorridinho assim, com um enroladinho assim, com as peninhas, mas hoje em dia eles não tão assim mais, mas é assim que a gente imagina eles. A gente nós da família, muita gente da nossa família pensa assim, imagina eles assim.

L: E você já parou para pensar assim: Já pensou se eu sou uma índia?

A: Se eu já parei para pensar? Sim eu imaginei como é que eu podia saber um dia se eu era uma índia mesmo, como é que eu ia fazer, porque como o que eu podia fazer para saber se eu sou uma índia, se tenho descendência de índio ainda ou não, mas eu creio que sim, porque é muito próximo, de certa forma das duas partes, não tem pra onde, minha mãe e meu pai, é muito próximo o parentesco com eles.

L: Porque na verdade eu estava aqui pensando... Se pegaram uma índia, como você falou, só misturou o estilo de vida quando ela casou com o branco, só fez foi misturar.

A: Foi, misturou os sangue do pai, misturou o sangue da mãe.

L: Misturou a vida e o jeito de viver, não é?

A: Aí no caso, invés dos brancos passarem a viver que nem os índios, ele passaram a viver que nem os brancos.

L: Mas muita coisa o branco herdou também, né? Por exemplo, o modo do plantio da mandioca...

A: Pois é, por isso mesmo aí, mandioca. Por exemplo, antigamente, lá no São Francisco, tinha muitos anos, todo ano, tinha plantio de mandioca e a gente sempre colhia mandioca e ia tirar a aquela pelinha dela e raspar com a como é que chama, légua! E aí depois ia colocar no ralo, rodar a roda pra tirar aquela massa, aquilo que a Vó chama de manipueira. Tem que armar, tirar a manipueira, depois torrar a farinha pra fazer a tapioca, tudo.

L: E as brincadeiras de vocês eram como quando crianças?

A: A gente brincava de pega-pega, casinha, esconde-esconde...

L: E as músicas que vocês cantavam? Sua avó devia cantar algumas músicas para vocês, não?

A: Não, assim, nosso vô era mais brincalhão, ele contava histórias, sorria e, botava apelido em nós, mas minha avó, não, minha avó nunca foi assim, as vezes ela contava uma história ou outra pra nós, mas ela nunca foi assim... Lucas intervém: antes não, agora toda vez que eu vou na casa dela ela conta uma história. Alciléia retoma: acho que hoje em dia ela se sente mais sozinha e ela resolveu contar histórias... Ela diz, ela conta assim, que ela, a mãe dela morreu com trinta anos e ela ficou sem mãe novinha, que ela foi calçar um chinelo com quinze anos, sabe, por causa disso o pai dela casou com outra mulher e aí ela era muito humilhada e essas coisas, porque ela não tinha mãe, ela disse que quando teve o primeiro filho dela aí a parteira era a mulher que criou meu avô, no caso ela era só a madrasta dele, era a Geovita, chamada Geovita, no caso quando eles, quando fazia o parto dela aí entregava o menino nos braços dela ela dizia, toma esse menino, que você não tem mãe mesmo, quem tem que cuidar, quem tem que se virar é você. Ela com pouco tempo, nem passava o resguardo ela dizia, vai pisar milho, vá pisar suas coisas, o arroz o café, que você não tem mãe para pisar então é você mesmo, tem que acostumar desde o primeiro filho pra não ter boa vida nas costas dos outros, e

aí não, quando era as filhas dela que ia ter filho, ficava lá, nam, não movia nem para nada.

L: E vocês plantavam café, como era?

A: Não, eles plantavam arroz, é que na época eles compavam e pisavam, nesse tempo tudo era no pilão, pisava milho, pisava o arroz, pisava tudo. Nesse tempo quem comia arroz era rico, meu avô comprava arroz. Era só milho e o feijão, ou milho branco, não tinha arroz não.

L: E quando era pra se casar, sua avó te contou? Se casava com quem morava perto, se era com gente de fora...

A: Lucas intervém: eles moravam perto aí de tarde ele passava na casa dela quando vinha do serviço... Alciléia retoma: Ah não, eu me lembro da história, ela me contou um dia desses, foi assim, ela disse que o pai dela nesse tempo tinha muita condição, ele era dono de venda, chamavam de venda, que no caso é mercado e lá ele vendia, o pai dela vendia tudo, vendia café, arroz, vendia arroz, vendia as coisas lá, aí ela disse que o pai dele depois que ele saía cuspiam no chão (risos), porque disse que quando saísse ele tinha que voltar antes de secar aí ele ia, lá na venda do pai dela, comprava as coisas lá e levava, aí ela disse que a mãe dela, quando era viva, disse que dizia que gostava dele, que ele era um bom rapaz, trabalhador e tudo... e minha avó mangava dele, minha avó mangava dele, que disse que ele desse “tamanzim véi”, com o cabelo bem durinho aí ela disse que... que ela mangava, que ficava mangando, aí disse que a mãe dela dizia: tá mangando do bichinho porque? só porque o bichinho é bom rapaz, porque eu não sei o porque, mas as mulher, a maioria das mulher só gosta de homem que não vale nada, só porque o bichinho não anda... nesses tempo... não andava com os cabelos espetados, aí mulher não gosta, aí ela dizia, não aí ela dizia que achava ele engraçado, ela disse que nunca imaginou que ia casar com ele, que disse que toda vez que ele ia comprar lá a mãe dela dizia: espera aí Genésio, ele esperava um pouquinho, aí ela ia lá dentro, pegava um monte de balinha e dava pra ele, aí ele ia, que ela disse que nunca imaginou que ela ia casar com ele.

L: E voltando para a questão da família, você disse que era Magalhães e Lopes, era em que cidade que morava essas famílias?

A: Isso aí... (Lucas intervém: Gervásio)

L: E lá só tinham essas duas famílias?

A: Não, não, em capitão Gervásio de Oliveira, não era nos Lagos, (Lucas intervém: e Lagos não é em Capitão Gervásio? não é uma cidade do município de Capitão Gervásio de Oliveira não?) Aleciléia retoma: é.

L: As famílias lá, você conhece?

A: Vixi, as famílias lá, tem a dos Coelho, tem a família dos Magalhães, dos Lopes, dos Coelhos, dos Costa que era a mesma da minha mãe dos Capuxu, inclusive nós tem sangue de Capuxu aí (risos) – me questiono de seria Capuxu indígena ou capuchos, de origem portuguesa - (Lucas intervém) mas não vale nada, porque toda sangue ruim de família ruim, nós tem.

L: E esses Capuxus são de onde?

A: Capuxu, é o vô da minha mãe, eu não sei não, de onde vem essa família.

L: Mas é nome mesmo ou é apelido?

A: É sobrenome, mas só quem tem mesmo são os mais apurados da raça, como diz o povo, que tem esse sobrenome de Capuxu mesmo.

L: Humm, deixe-me ver... E você não sabe mais nada da história de um índio?

A: Não, sei mais nada não.

L: E você Lucas, não conhece nenhuma história de índio?

A: Não... (Alciléia intervém) não, minha vó não conta muita história de índio.

L: Ou seu avô...

A: De índio mesmo? não, não contava.

L: Antes, quando seus avós foram morar no São Francisco, morava como dormia como, como era?

A: Era nas redes ou então nessas esteiras de caruá, eles tiravam os caruás e faziam, tiravam os espinhos tudo, botava pra secar e depois fazia a esteira de palha, que era de caruá. Minha avó gostava muito de fazer artesanato, ela fazia muito aquelas bolsinhas de anel de refrigerante, não tem? aqueles coisinhos? que ela fazia bolsa, ela fazia cinto, com aquilho ali, ela fazia muita coisa com aquilo ali. Ela faz muito crochê, bordado, tudo isso aí ela fazia, é tanto que roupa pros filhos dela era ela que fazia Ela fazia roupa pra ela, pras filhas...

L: Ela fazia algo com o caruá?

A: Com os caruás elas fazia chapéu, as esteiras que eles usavam para mexer com mandioca, faziam peneiras, faziam um monte de coisas com a palha de caruá, fazia corda de caruá.

L: E o transporte? eles andavam no tempo de que?

A: Eles andavam era a pés, de jumento, bicicleta, já era na época do meu pai. Era no jumento nem burro, acho que o burro era mais pra cá, não, o vô disse que quem tinha um burro tinha condição, aí ele comprou um burro, um jumento, aquela burra velha que até hoje ele tem lá, acho que ela é mais velha que o tio João, quando eles levaram um jumento pro sítio, quando eles casaram, o jumento já morreu há muitos anos, mas a burra até hoje ela tá lá, e é bonitona, nem parece que ela tem, acho que uns 70 anos. A burra demora é muito para se acabar, porque elas não pari, olha o burro gera do cruzamento de jumenta com cavalo, ou então de cavalo com jumenta e aí nasce o burro, mas o burro é estéril a burra não pari e nem

burro tira, burro só nasce de égua e jumento. Com um burro você faz tudo, anda de burro, leva água de burro, ara a terra com o burro, tudo, ele é melhor que um jumento, ele é mais bruto, mas ele é maior e mais resistente que um jumento, mais resistente á seca e tudo. Jumento também é, mas é que o jumento é mais pequeno, mas não tem muita força, só que jumento é mais resistente e burro não, burro é muito bruto. Bruto, cismado, qualquer coisinha ele tá te dando coice, teve um lá em casa que mordeu o Lucas (risos), chega ficou a bocona assim (risos). Agora lá antigamente, assim que ele chegou era cheio de onça, elas desciam a serra, um dia a vó conta que ia subindo da serra a onça pintada vinha detrás deles, ela disse que eles pularam lá uma cerca, lá de tanto medo que tavam, entraram lá na casa do vô, correndo mesmo, a onça, sorte deles que a onça não quis foi correr atrás deles mesmo até lá, porque ela tinha capacidade de chegar até lá neles. E nós tinha um burro vermelho lá em casa, o Lucas não lembra dele não, que eu era pequena, eu tinha uns cinco anos , mas eu lembro dele, que um dia ele chegou lá em casa todo arranhado, de dentro da roça, bem assim, de frente pra casa, parece que a onça tentou comer ele, e ele não morreu não, menino, nam, ele morreu não, ela rasgou assim ele todinho nas costas mas não conseguiu sangrar ele porque ele deu coice nela e conseguiu se sair. E ela tentando pegar ele, até quando ele chegou em casa.

L: Tinham potes de cerâmica na roça, tem novos ou só aqueles antigo, quem fazia?

A: Aqueles potes que eles usam de água? Minha avó tinha, até hoje tem, eles compram, antigamente tinha as pessoas mesmo que faziam e eles compravam, até hoje na feira mesmo tem.

L: Aqueles dos enterramentos todos você não sabe quem fazia?

A: Diz que era os índios, mas ninguém tem certeza... mas era (Lucas intervém) no século passado, (Alciléia retoma) século passado não, Lucas, é no século que a gente tá, não é não? Os índios ainda é do nosso século ainda, lógico que é, agora tem aqueles índios que ainda são mais antigos que são do século passado, mas tem índio aí que é do nosso tempo Lucas, oxe. Agora é assim, a... esse... como é que chama, esse instituto aí, Niède, eu sei lá antigamente eles chegaram lá, assim

quando meu avô chegou lá, mais a minha avó, lá tinha muitos, muitos fósseis mesmo, eles falaram que era de índio e eles sabem né, identificar. E eles foram lá, ela eles acharam muitos fósseis deles, eles acharam muitos potes e aí ela... é tanto, que ela botou lá um bom valor para o meu avô para ela vender essa propriedade para eles, dizendo que lá tinha muitos anos e tinha muitas riquezas naturais, meu vô nunca, meu vô ainda ficou querendo, mas minha avó não deixou. E eles apanharam muita coisa lá, até teve gente que disse que meu avô não devia ter deixado pegar, porque eles pegaram muitos esqueletos lá inteirinhos dentro dos potes, pegaram pote, dizem, acharam pote, naquele mesmo lugar que a gente foi e em outros lugares na propriedade eles acharam os potes com eles dentro e eles não queriam que levasse.

L: Mas o pessoal não queria que levassem porque é deles?

A: Porque assim, o pessoal não queria que levasse porque assim, o prefeito mesmo daqui disse que ali podia ser um lugar para turismo, porque lá, assim por exemplo, tá bem bonito que tá verde ainda, é um lugar bonito que até o prefeito falou que era bom pra fazer rapel e disse que podia colocar, mas nunca ligou, acho que ele nunca vai colocar, pra ele... ele disse que pra ele colocar um rapel lá ia precisar de alguém pra fazer um restaurante, pro pessoal passar o dia, ter uma área de lazer né, e aí o pessoal de lá mesmo dizia, que eles não deveria ter deixado eles levar, porque é a história do lugar e hoje em dia quase não tem mais.

L: Você vê esses enterramentos de índios como as histórias de vocês?

A: É, é a história da gente, aí eles pegaram e levaram cadê a história? Quase não tem mais, eles levaram, eles levaram muitos, eles acharam muito pote, levaram os cacos dos pote, levaram os esqueletos, levaram um machado feito de pedra, tudo eles levaram, hoje o Parque Nacional de São Raimundo tá a maior fama só que ninguém sabe a origem, bem daqui de onde a gente morava, aí eles lá com a maior fama, com os índios lá, a gente dói porque isso é de lá, uma coisa que era pra ter ficado lá e meu avô concordou em eles tirar, depois que vocês saíram de lá aquela tampa – se referindo ao painel de pinturas – caiu, porque é assim, essas coisas as pessoas não acreditam, mas essas coisas de caboclo também tem muita parte

espiritual, porque eles chegam lá eles só pegam lá as coisas deles, eles só mexem nas coisas fica mexendo naqueles coisões, tirando foto, divulgando pra lá e pra cá aí eles mesmo, eu creio que eles não gostam, porque toda vez que eles foram lá, que eles apanharam alguma coisa, que eles viram desenho, caiu tudo e será que isso aconteceu por causa do tempo? Não é não, tantos anos que tava lá e esses coisões não caiu, porque foi cair logo agora depois que eles mexeram? Lá no São Francisco mesmo, não bem no pé da serra mesmo onde a gente morava, mais pra ali um pouco que era onde minha mãe morava quando eu casei eu fiquei morando lá dentro e ela lá fora no caso, até quando foi a última vez que vocês vieram eu tava morando lá e vocês levaram nós até mais perto, pois é lá por trás da serra, pra lá tem mais história do que pra cá, até hoje se vocês forem lá, caminharem lá, ficar por lá, pra procurar você encontra, mas lá tinha uma toca que ela tava completinha, mesma coisa que quando você pega um documento e você plastifica ele que ele não vai desmanchar nada, pois do mesmo jeito essa toca tava lá com os desenhos intactos! Bonitinhos como se tivessem feito hoje, pois aí eles... andando gente aí, eu não sei quem era, andando de helicóptero investigando por cima, bem baixinho vendo as coisas, desceu dois homens lá, foram caminhando, encontrou a toca cheia de desenhos e de alguns potes, pois esses dois homens disseram: Não, vamos deixar aí depois nós vamos voltar para buscar uns equipamentos lá pra voltar depois, pois quando eles chegaram lá, tinha caído uma pedra grande de lá de cima e tampou a boca da toca, ninguém entra! E agora, quem é que vai vim mais nela, acabou, por culpa de quem, DELES, que se eles não tivessem ido inventar de querer pegar alguma coisa lá não tinha caído essa pedra e hoje em dia nós podia ir lá visitar, ver os desenhos, ter uma história para contar sobre o nosso lugar, só que eles pegaram e foram inventar de querer pegar coisa lá, a pedra caiu lá de nada e tampou, então lá tá cheio de desenhos lá dentro e tudo lá dentro, mas ninguém tira, que a pedra é enorme e caiu bem certinho na, na e porque também, aconteceu muitas coisas porque também tinha muita gente que é ganancioso, teve um menino lá Gustavo que ele encontrou um machadinho de pedra bem feitinho, que é feito por eles e ele pegou e eles ofereceram nesse tempo, quem encontrasse qualquer coisa dava um coisa nele, uma relíquia ele vendeu isso por cinquenta reais, vendeu por cinquenta reais, eu mesma não, que não vou vender, ora nós encontremos um pote lá, nunca vendemos esse pote, tá lá até hoje enterrado lá, ah e se eles soubessem é lógico que eles iriam querer dinheiro, mas eles enganam a gente, eles pensam que

a gente não sabe que eles tem valor, valor assim, cultural, pra eles botarem lá pra eles ter uma fama que ali eles ganham, lógico que se a pessoa vai lá, se a pessoa sai daqui, vai de todo canto pra lá, pra São Raimundo Nonato, hoje em dia eu acho que não sei se ainda vai lá pra ir pra São Raimundo Nonato visitar, eles estão ganhando com isso, aí eles compram baratinho aqui e o povo aí, bestaiado aí vende e eles ficam ganhando repercussão com isso e nem explica, eu creio que eles não explica de onde veio, nada não, eles dizem que eles encontraram e pronto. Só que eu acho assim, já andou um monte de gente lá e lá não fala lá que não foi encontrado lá não.

L: Desses brancos que vinham, você sabe de onde e para que eles vinham?

A: Assim, eu não sei explicar não, porque a vó diziam que quando eles chegaram lá era só eles e de repente foi chegando famílias, porque as coisas começaram a ficar mais dificultado em um lugar e aí foram chegando gente pra lá, antigamente lá tinha muita gente, aí foram morrendo, uns foram indo embora, alguns moram aqui, outros foram puntá os filhos...

L: Lá era farto né? Eles começaram a fazer fazendas?

A: Quem começou, era os matos, meu vô foi construindo e com isso desenvolvendo tudo, lá antigamente tinha carreiro ele foi abrindo as estradas e aí era muita terra, era muita ladeira, hoje em dia tá um... pode-se dizer um tapete, mudou muito .

L: Mas esses brancos, ninguém sabe de onde vinham?

A: A gente não sabia não, nem porque eles procuravam aqui, nem o que eles procuravam não.